REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO, E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

3º TRIMESTRE DE 1873

VIAGEM AO PARAGUAY (*)

EM FEVEREIRO E MARÇO DE 1869

PELO

Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello

Socio do Instituto Historico Geographico e Ethnographico Brasileiro

Cartas ao Sr. Tenente-Coronel Benedicto Marcondes Homem de Mello

I

Satisfaço o teu desejo, enviando-te as folhas de carteira de minha viagem ao Paraguay.

Communico-te por este modo as minhas impressões n'essa digressão. Sabes a aspiração ardente, que eu tinha, de visitar essa terra, cheia de tantos mysterios, que chamou repentinamente sobre si a attenção do mundo, e parece como destinada a excitar a admiração da historia pela exhibição dos mais singulares phenomenos.

(*) Attenta a importancia d'este trabalho, a commissão de redacção resolveu reproduzil-o nas columnas d'esta *Revista*, apezar de já ter sido publicada na *Reforma*.

A redacção

Pude afinal ver esse theatro de acontecimentos tão extraordinarios, por cujo desenlace, ha mais de quatro annos, estremecem as primeiras nacionalidades da America do Sul.

Não esperes de mim conjecturas sobre a guerra, sobre a sua tão annunciada terminação.

Conheces o meu modo de pensar a esse respeito. Sempre julguei pouco consentanea com a gravidade de nosso caracter essa maneira leviana de prometter todos os dias o fim da guerra, apesar dos factos que se estão constantemente produzindo e offerecendo-se á observação do paiz.

O que nos cabe a nós, filhos d'esta geração, é aceitar o sacrificio, á que fomos chamados. O termo d'esta provação solemne, por que passamos, ninguem o póde marcar.

Desejaria eu ter podido, desde o começo d'esta luta, acompanhar o nosso exercito, participando dia por dia das emoções do grande drama.

E assim, testemunha dos acontecimentos em acção, recolher os subsidios para habilitar a geração futura a avaliar da maneira, pela qual nós os brasileiros temos desempenhado nossa responsabilidade n'esta cruzada de civilisação e de humanidade.

Fallar-te-hei do que vi, e não te queixes de só dar-te uma pallida descripção de lugares, ou algumas recordações d'esta guerra, quando estamos no habito de esperar sempre boas novas de quem chega do Paraguay.

No dia 15 de Fevereiro d'este anno, á bordo do transporte de guerra *Wernek*, deixamos, eu e mais companheiros, o porto do Rio de Janeiro, ás 4 horas da tarde, com destino ao Paraguay.

Fizemos escala por Santa Catharina, à cuja capital chegamos á 17, seguindo viagem no dia 19, ás 7 horas da manhã.

Tocamos em Montevidéo a 22 ; e no dia immediato, ás 6 horas da tarde, continuamos nossa derrota, com destino á Assumpção.

A's 11 horas da manhã de 24, passamos em frente a ilha de *Martim Garcia*, deixando-a á direita. Fica esta á 13 leguas de Buenos-Ayres.

O seu solo, coberto de arvoredo rasteiro, eleva-se pouco acima do nivel das aguas, e não apresenta serro algum. Na face sul, pela qual passamos, estão collocados quatro fortins insignificantes, em distancia como de 50 braças um do outro.

Deixando á esquerda o *Paraná de las Palmas*, entramos pelo *Guaçú,* principal embocadura do rio Paraná, o qual n'este lugar apresenta uma verdadeira rede de sangradouros, ou de furos, que mais ou menos admittem navegação.

As margens do rio são aqui rasas, e apenas se notam alguns rarefeitos capões de mato rasteiro.

Estamos como em um immenso oceano de verdura, em cujo centro vê-se rasgado o grande canal, pelo qual vamos navegando.

Desde que deixamos as aguas de Montevidéo, ainda não avistamos *serro* algum. Assim se chama n'estas regiões, e na provincia do Rio Grande do Sul, uma elevação suave de terreno, erguendo-se em relevo sobre o solo, como segmento de grandes espheras.

Antes de chegar á cidade do Rosario, muda o aspecto do solo.

A margem esquerda do rio (lado de Entre-Rios) é ainda

rasa. Mas a margem direita começa a elevar-se, até que avistamos o Rosario, cidade opulenta, assentada sobre uma alta barranca, á margem direita do Paraná. O terreno, talhado á prumo junto ao rio, indica a sua formação sedimentaria.

O rio tem aqui uma largura consideravel em grande extensão, parecendo mais um immenso lago, do que uma corrente de aguas.

O grande numero de embarcações mercantes surtas no porto revela o importante movimento commercial d'esta praça. Estavam ahi fundeados tambem muitos navios, carregados de alfafa, com destino aos exercitos alliados no Paraguay. Do Rosario á Martim Garcia são 69 leguas.

No Passo do *Caracãná* desapparecem as barrancas altas da margem direita, as quaes, tomando a direcção de oeste, parecem ir morrer pela terra a dentro. Ambas as margens apparecem de novo como niveladas com a superficie das aguas.

Começamos agora a navegar por um dedalo de ilhas, que torna summamente difficil o conhecimento do verdadeiro canal.

Os melhores praticos enganam-se muitas vezes n'esse serviço; e raro é o dia em que não encontramos navios encalhados. Já o vapor, em que vamos, pagou esse tributo, estando encalhado todo o dia 25, felizmente sem perigo.

Continuando a subir o rio, apparece-nos a margem esquerda (Entre-Rios) elevando-se gradualmente, até attingir a uma altura de trinta á quarenta braças.

Estamos nas barrancas do *Diamante*, em cujo cimo está assentado o povo d'este nome, distante do Rosario 34 leguas. O aspecto d'esta barranca diverge da do Rosario: não é ella, como esta, escalvada e talhada á prumo. O ter-

reno aqui fenece em declive junto ao rio, e está coberto de arvoredo verdejante.

Parece, que temos deixado os terrenos baixos e alagadiços, que atravessamos desde que entramos o Paraná, com excepção unica da barranca do Rosario.

A' 27 visitamos a cidade do *Paraná*, capital da provincia de Entre-Rios.

Está edificada sobre um terreno elevado, a um quarto de legua da barranca do rio.

Esta cidade, que, em 1854, serviu de capital provisoria da Confederação durante o governo de Urquiza, pouco offerece á observação do viajante.

A praça principal, denominada 25 *de Maio*, é o centro e a parte nobre da cidade. N'ella se notam a igreja matriz, templo mediocre, o palacio do governo da provincia, e o do bispo, no mesmo edificio, que serviu de paço de residencia do general Urquiza, quando presidente da Confederação.

Fóra da cidade, ao entrar, existe por acabar um templo em grandes proporções.

Aqui vi pela primeira vez soldados e pessoas do povo, vestidos de *chiripá*, trage singularissimo e repugnante.

Em frente a cidade do Paraná, do outro lado do rio, fica a cidade de *Santa Fé:* a communicação entre ambas é feita diariamente por barcos á vapor.

Da cidade do Paraná ao Diamante ha 12 leguas.

No porto do Paraná existe um pontão brasileiro ao serviço de nossa marinha de guerra.

A margem esquerda do rio continúa elevada até a cidade de *La Paz*, (34 leguas do Paraná), em que a barranca que avistamos desde a ponta do *Diamante*, some-se para o interior, tomando a direcção de leste.

Acima de La Paz, fica o *Rincon de Soto*. Duas leguas

abaixo d'este ponto estacionou a nossa esquadra, depois de forçar o passo de Cuevas, em agosto de 1865.

Rincon de Soto é um simples *Saladero*, ou charqueada, á margem do rio. Atraz dos edificios do estabelecimento, desdobra-se a mais linda campina, que possa imaginar-se, elevando-se o solo suavemente, vestido como de um finissimo tapete de relva.

Desde este ponto começa a elevar-se a margem esquerda até a memoravel barranca de *Cuevas*.

As aguas do rio formam aqui um semi-circulo, offerecendo a barranca duas extremidades ou pontas, admiravelmente dispostas para d'ellas se hostilisarem quaesquer embarcações, que passem n'este lugar. O canal é junto á margem esquerda, á tiro de pistola.

A barranca é aqui mui alta, escalvada, quasi á prumo, e o cimo inteiramente despido de vegetação.

E' este o famoso passo forçado pela esquadra brasileira em 12 de Agosto de 1865.

Como tres leguas acima de *Cuevas*, fica *Bella-Vista*. Mais acima está *Chimbolá* e em seguida *Rincon de Zeballos*, assignalados na presente guerra com o Paraguay.

As margens do rio são baixas e alagadiças. A vegetação de ambos os lados é vigorosa, e já se avistam arvores.

Passando-se o *Empedrado*, á margem esquerda do rio, temos em frente a barranca de *Mercedes*, cujo passo a esquadra brasileira forçou a 18 de Junho de 1865, sob o fogo das baterias paraguayas.

A barranca é algum tanto mais baixa que a de Cuevas, escalvada como esta, e coberta de mato nas depressões. O canal fica a meio tiro de pistola da margem do rio.

Desagua n'este lugar o arroio *Peguahó*, á margem direita do qual collocou-se a bateria paraguaya de 14 peças.

A embocadura d'este arroio é uma valla funda, toda coberta de mato.

Pela barranca abaixo, á margem esquerda do Peguahó, estabeleceu-se a longa linha de infantaria paraguaya, que fez nutrido fogo de fuzilaria sobre a esquadra, durante a passagem desta.

Entre o canal e a margem do Chaco, fica um extenso banco de arêa.

Acima de *Mercedes*, está a bocca do *Palomêra*, braço ou furo do rio Paraná, do lado occidental. Aqui parou a esquadra brasileira, logo depois do combate do Riachuelo, e enterrou os mortos na margem do Chaco.

Transpondo-se a ponte de *Santa Catalina*, tem-se chegado á foz do *Riachuelo*. Estamos no theatro da grande batalha naval de 11 de Junho de 1865 entre as esquadras brasileira e paraguaya.

O aspecto do solo tem mudado. A barranca do rio é toda coberta de um mato espesso, apresentando em alguns lugares córtes fundos, que descem até ao nivel da agua. N'este terreno desigual collocaram os paraguayos a sua bateria de terra, inteiramente mascarada pela matta.

O Paraná n'este lugar tem pelo menos 300 braças de largura.

N'este mez o rio tem tido um crescimento extraordinario. Este assignala-se pelos *camalotes*, que encontramos constantemente, descendo aguas abaixo, como ilhas fluctuantes.

Do Riachuelo á Corrientes, ha cerca de 9 milhas de distancia.

No dia 1.º de Março, chegamos ás *Tres Bocas*. Chama-se assim o ponto, em que confluem os rios Paraná e Paraguay, em frente a ilha do *Cerrito*.

D'aqui se avista perfeitamente a ponta de *Itapirú* e o alto Paraná, que vai perder-se na extrema do horizonte,

do lado do Nordeste. A costa de Corrientes segue essa direcção até perder-se de vista.

A ilha do *Cabrita*, que os paraguayos chamam *Banco*, não a avistamos agora pela extraordinaria cheia do rio, que a cobriu toda.

Pelo lado de oeste, destaca-se a ilha do *Cerrito*, á 7 leguas de distancia de Corrientes. A praia d'esta ilha é rasa: mas a algumas braças, vêm-se collinas altas, cobertas de matta espessa, e superiores ao nivel das maiores enchentes. D'ahi lhe veiu o nome de *Cerrito*. Nas cartas geographicas figura ella com o nome de *Isla del Atajo*.

Atajo é o braço do rio Paraná, que vai desaguar abaixo das *Tres Bocas*, formando a referida ilha do *Cerrito*.

Aqui temos um arsenal de marinha, estabelecido pelo visconde de Tamandaré em 1866 para os concertos dos navios da esquadra, dois hospitaes, e um deposito de artigos bellicos.

No ancoradouro estão fundeados os encouraçados *Silvado*, *Colombo* e *Cabral*, e os monitores *Rio-Grande* e *Alagoas*, bem como a canhoneira *Araguary*, todos para o fim de concertar.

Passando as *Tres Bocas*, temos deixado as aguas do Paraná, e entramos no Paraguay.

Estamos emfim na terra dos sombrios terrores, dos mysterios impenetraveis.

II

Chegando ao *Cerrito*, sentimo-nos em pleno Brasil.

A' bordo de nosso vapor vieram logo officiaes e gente de terra, todos brasileiros.

Entre compatriotas, que se encontravam tão longe de sua

terra natal, trocaram-se com effusão os adeuses cordiaes d'essas occasiões solemnes; e ás 11 1/4 horas da noite começámos a subir o Paraguay.

Navegando por esse rio, do qual um poeta nosso disse que rola o mysterio em suas aguas, formavamos alli, n'esse pedaço fluctuante de nosso territorio, uma familia de brasileiros que se entretinham das cousas da patria, e recordavam em animada conversação os differentes acontecimentos d'esta guerra.

Officiaes e medicos do exercito e armada, alguns dos quaes haviam servido desde o começo da campanha, referiam com singeleza e despreoccupação os factos, de que foram ou testemunhas, ou actores. Eu recolhia com avidez essas preciosas informações, que alli tinham o caracter de verdadeiros depoimentos; e em acto seguido as lançava em minha carteira de viagem.

Este recordava o revez de Curupaitî, aquelle os successos da batalha de 24 de Maio, de cujos ferimentos conservava cicatrizes. Outro nos dava todos os promenores do ataque dos encouraçados em 2 de Março; e assim proseguia a viagem.

A marcha do exercito, as difficuldades do terreno, as privações soffridas, os perigos passados, nos appareciam ao espirito com essa evidencia, que resulta do depoimento mudo dos proprios lugares e da tradição viva dos actores dos acontecimentos.

Dois dos medicos, que ora voltavam para Assumpção, serviam no exercito desde 1864, fazendo parte da divisão de vanguarda do barão do Triumpho, a cujos ultimos momentos haviam assistido, e me narraram as principaes scenas e incidentes que então se passaram.

Já alta noite, interrompemos esse agradavel entreteni-

mento, e ao raiar do dia volvemos a contemplar a natureza paraguaya.

Na extensão que temos percorrido, o rio Paraguay apresenta uma largura como de cem braças.

Ambas as margens são cobertas de mato cerrado, sendo mais baixo e alagadiço o lado do Chaco.

A margem esquerda, embora mais elevada, não apresenta accidente algum notavel de terreno, tendo apenas alguns palmos acima do nivel das aguas do rio, agora que está elle consideravelmente cheio.

Estamos hoje a 2 de Março.

Pelas 8 1/2 horas da manhã, passamos em frente á barranca de *Tacuaras de Oveja.*

Aqui existe um pontão argentino, servindo de capitania n'esta parte do rio; e em terra está acampada gente da mesma nacionalidade, incumbida do trem de transporte, e de guardar cavalhada. Ha grande numero de ranchos de palha.

Pouco adiante está uma antiga *guardia* paraguaya, abandonada.

Logo em seguida transpuzemos a boca do arroio *Jacaré,* que acima d'esta barranca entra no rio Paraguay; e ás 9 horas chegamos em frente á foz do rio *Tebicuari.*

Por toda a parte a mesma monotonia, sempre a mesma superficie rasa, assombrada de mato, por todos os lados.

Os rios mais caudalosos não desenham aqui regiões, que o geographo, á um simples lanço de olhos, descrimina e separa, seguindo o relevo do sólo.

Algumas braças acima da embocadura do rio, vimos o mastro da embarcação mettida á pique pelos paraguayos, para fechar-lhe a entrada.

Na margem do Paraguay, lado direito do rio *Tebicuari,*

esteve collocada a artilheria paraguaya, com que tentou o inimigo impedir o passo á nossa esquadra.

Este lugar é um descampado plano, que se vai perder na matta. N'elle vimos abandonados oito carros manchegos do exercito brasileiro.

Ao meio dia passamos em frente á *Villa Franca*, á beira rio, margem esquerda.

E' uma desillusão singular ver o que nos mappas figura como povoações, ou cidades paraguayas.

Villa Franca é um aquartelamento militar, todo de ranchos de palha, excepto uma casa de telha, que se vê no centro, e que serve de prisão, ou de *penitenciaria*, como a chamam.

Esta prisão tem uma porta no centro, e quatro janellas de cada lado; é terrea, e terá quando muito tres braças de fundo. Os ranchos são em numero de seis ou sete.

Fóra, ha uma outra casa de telha, que parece ser o alojamento dos officiaes.

Não conheço fazenda alguma nossa, ainda das mais secundarias, que não tenha mais edificação, do que este aquartelamento.

Pouco abaixo de Villa Franca fica *Barrios-Cué*, lugar descortinado, em que acampou o nosso exercito, na marcha de Parecué á Palmas.

A's 3 horas da tarde, passamos em frentre á *Agatapé*, estancia junto a um descampado, em que tambem acampára o exercito brasileiro.

Pelo lado do Chaco estendem-se longos descampados, com florestas immensas de *Carandai* (copernicia cerifera. *Mart.* Fam. *Palm.*).

E' esta uma palmeira, em tudo semelhante á carnaúba do Ceará, só offerecendo a differença de ter menor altura, e tronco mais delgado. Com esta madeira, fibrosa e resis-

tente, fizeram-se as pontes da famosa estrada do Chaco, e as secções estivadas da mesma.

Pouco adiante, passamos *Villa-Oliva*, que é um *pueblo* de casinhas de palha. Mais proximo á barranca do rio, existe uma casa terrea, bem construida, a qual servia de estação telegraphica.

Até aqui só encontramos as mattas das margens do rio, os descampados silenciosos e tristes como o deserto, os esteios dos *mangrulhos* das desamparadas *guardias* paraguayas, e alguns ranchos de palha.

Nem um vestigio, que indique a civilisação, ou o desenvolvimento de um povo. Nem cidades, nem edificações, nem caes, nem ainda estabelecimento algum, que servisse ao commercio e á industria.

Por toda a parte os traços rudes e grosseiros da raça indigena, que uma vontade feroz adestrou no serviço das armas, como machina de destruição contra os povos visinhos.

Apparecem por vezes os postes da linha telegraphica,que ia até Assumpção, como representando ainda o pensamento do tyranno, que se transmittia por toda a parte, infundindo o terror e espalhando a morte.

Honra á civilisação brasileira, que varreu diante de si todos esses vestigios de um poder selvagem !

Acima de *Villa Oliva*,fica o insignificante povo de *Mercedes*, composto de ranchos de palha, com duas ou tres casas de telha. Ahi esteve acampado o nosso exercito.

Pouco adiante d'este ponto está a embocadura do arroyo *Surubihi*, notavel na presente guerra.

Em uma ponte de madeira sobre o mesmo, feriu-se, no dia 23 de setembro de 1868, um combate renhido, em que tivemos bastantes perdas. Só a ambulancia do Dr. Homem de Carvalho, que vem comnosco á bordo, recebeu de uma vez duzentos feridos nossos n'essa acção.

Ahi esteve acampado o 1° corpo de exercito, ao mando do marquez de Caxias, durante os mezes de outubro e novembro de 1868. O 3° corpo de exercito fazia então a vanguarda, em Palmas.

O 2° corpo, ao mando do general Argolo, ficára em Humaitá, d'onde foi reunir-se ao exercito no dia 15 de Outubro de 1868.

Vê-se ainda em Palmas, á margem do rio, a armação do mangrulho, que n'este ponto estabeleceu o barão do Triumpho, para o vigia do campo.

N'este lugar, que é simplesmente um descampado sem edificação alguma, havia em outro tempo uma *guardia* paraguaya.

Na margem fronteira do rio Paraguay, algumas braças para dentro, foi o acampamento de *Santa Theresa*, nome dado pelo marechal Argolo a seu quartel general no Chaco, emquanto se abria a estrada militar, que devia dar-nos a posse de *Villeta*.

Esta estrada é a obra mais memoravel, que fizemos n'esta guerra. Mede a extensão de dez mil setecentos e quatorze metros, indo terminar á margem direita do arroyo *Ypitã*, o qual em nossos documentos officiaes apparece com a denominação de arroyo *Villeta*, por ficar fronteira a sua foz á essa povoação.

Suppõe-se ser esse arroyo um dos braços meridionaes do *Pilcomayo*.

Para tornar praticavel a estrada do Chaco, aberta em terrenos pantanosos interrompidos por fundas lagôas e cobertos de matta virgem, foi necessario construir-se dois mil novecentos e trinta metros de estivas em diversos lugares, lutando-se durante o trabalho com a enchente do rio e copiosas chuvas. Para esse fim derribaram-se centenas de milhares de palmeiras *carandaí*, que lhe formaram o leito.

Construiram-se ainda n'esta estrada cinco pontes com cerca de quarenta e quatro metros de comprimento cada uma, em profundidade de agua maior de dois, e cinco metros.

Todos esses serviços foram executados sob a direcção do coronel Rufino Enéas Gustavo Galvão, o qual trabalhou nas obras com o maior afinco e actividade infatigavel até dal-as promptas.

A estrada foi traçada militarmente pelo mesmo coronel, ficando fóra do alcance dos fogos de *Angostura*.

Pouco acima de Palmas fica a embocadura do pequeno arroyo *Pikiciry*, que deu nome ás linhas de Lopez, diante de Villeta, e que mal podemos avistar por entre o espesso mato, que n'este lugar lhe cobre as margens.

A' este ponto chegamos no dia 3 de Março, pelas 5 horas e 40 minutos da manhã.

Acima do Pikiciry, á margem esquerda do rio Paraguay, estendia-se a famosa bateria de *Angostura*.

Estão aqui fundeados os encouraçados *Mariz e Barros* e *Herval*. O revolvimento de terra indica o lugar dos dois reductos, que formavam a formidavel bateria. Um d'elles está já arrasado. No outro trabalham ainda os nossos soldados, acabando de destruir as obras.

D'aqui avistamos perfeitamente as *Lomas Valentinas*, suavissima ondulação de terreno, que se eleva gradualmente, formando uma collina de vistosa apparencia. No alto vêm-se algumas casas, entre estas a que serviu de quartel general de Lopez.

Logo adiante passamos em frente a *Villeta*, povoação ou villa maior do que aquellas, que até aqui havemos visto.

Está ella assentada em um terreno igual, perfeitamente descortinado, com uma leve inclinação para o rio.

A igreja foi destruida pela artilheria da esquadra, tendo

apenas ficado a parede do fundo e de uma das torres. Vêm-se ahi varias casas terreas, cobertas de telha, com varanda aberta na frente. Fóra da povoação, ao lado esquerdo de quem olha do rio, fica o cemiterio, todo fechado, e com uma cruz no centro.

Estão ahi enterrados muitos brasileiros, entre estes o coronel João Niederauer Sobrinho, ferido na batalha do *Avahy*, á 11 de Dezembro de 1868; tenente-coronel Francisco de Lima e Silva; tenente-coronel Rosalde, e muitos outros officiaes.

A' excepção da brigada do coronel Paranhos e dos exercitos argentino e oriental, que haviam ficado em Palmas, acampou n'este lugar todo o exercito brasileiro, de 11 á 21 de Dezembro, em que seguiu a dar o ataque de *Lomas Valentinas*.

Tres leguas acima de *Villeta*, fica *S. Antonio*, estancia junto a qual desembarcou o nosso exercito para atacar o inimigo pela retaguarda. Ha aqui uma boa casa terrea, coberta de telha.

O terreno é alto e enchuto, apresentando vegetação vigorosa, na qual sobresahe a palmeira *Carandaî* em grande quantidade.

Em caminho para Villeta, ficam os arroios *Itoróró* e *Avahy*, notaveis pelos combates sangrentos, que ahi se feriram nos dias 6 e 11 de Dezembro.

De Avahy á Villeta ha uma legua de distancia.

Que lugubre historia a que estas margens e campinas perpetuam em sua mudez melancolica !

Que immensa somma de esforços, que prodigios de abnegação e valentia de animo para até estas regiões longinquas trazerem os brasileiros o poder de suas armas !

Ha quatro annos, em Março de 1865, o nosso exercito deixou as avenidas de Montevidéo, e acampa hoje em As-

sumpção, tendo percorrido por terra, no meio de sanguinolentas batalhas e de privações de todo o genero, uma extensão de tresentas leguas!

A historia ha de avaliar devidamente o grande exemplo de energia moral, que se encerra n'esse facto.

A indole do brasileiro é fria e meditativa: nunca deu para commettimentos militares.

Mas, offendidos seus direitos, a sua resolução, tomada com o vagar da reflexão, executa-se com firmeza.

Alli jaz abatida a capital inimiga, a outr'ora tão soberba *Assumpção*, onde, em Dezembro de 1864, se comsummaram com tamanha arrogancia os insultos, que vieram commover a grande alma da nação, e lhe communicar uma força desconhecida para vingar seus brios e salvar seu futuro.

No dia 3, á tarde, desembarquei na cidade, sendo hospedado por um distincto official de nosso exercito, o qual, na elevação de seu espirito, como na nobreza de seus sentimentos, e na affectuosa benevolencia com que me acolheu, transportára para alli a patria brasileira, durante o tempo que demorei-me em Assumpção.

Que nobre e altivo brasão!

Honrar-se do nome de seu pai, e honrar-lhe a memoria, continuando seus feitos e a austeridade das virtudes militares, que d'elle recebeu em legado!

Eu conhecêra em S. Paulo o venerando general, que me honrára com sua amizade, e que, mais infeliz que seus companheiros de armas, padeceu e soffreu n'esta guerra morte de martyr. E mal podia pensar, que, longe da patria, em uma cidade tomada pelo poder de nossas armas, seu filho viria um dia receber-me e dar-me o abraço de amigo!

III

Mal posso acreditar que seja esta a famosa *Assumpção*, que tem enchido o mundo com o seu nome.

O local, sobre que está edificada a cidade, é o mais adaptado para o assento de uma grande capital. E' uma collina consideravelmente elevada sobre o nivel das aguas do rio, estendendo-se suavemente para o interior, abrindo-se o horisonte em vistosas campinas, ou cerrando-se em as mattas proximas.

As ruas, todas por calçar, apresentam a mais desagradavel apparencia. O terreno não está nivellado, e com as aguas da chuva fica todo coberto de lama ou de arêa solta. Ha ainda muito espaço por edificar, ou por murar, vendo-se fóra do alinhamento miseraveis pardieiros e ranchos de palha.

Não ha em toda cidade um chafariz, ou qualquer obra de canalisação de aguas. Em alguns pontos correm estas pelo terreno desigual e escalvado das ruas, parecendo provir de filtrações da collina proxima.

Não havia illuminação na cidade, encontrando-se apenas em um ou outro ponto algum tosco lampeão de azeite.

Os alliados tratam de fazer desapparecer esse inconveniente.

Entrando-se na cidade, com direcção á cathedral, sobresahe á esquerda um edificio de fachada apparatosa, commummente chamado *palacio velho*, em o qual dava os seus despachos o governo da republica.

N'este palacio falleceu, no pavimento terreo, do lado direito, o general barão do Triumpho, no dia 6 de Janeiro de 1869.

Este edificio tem pouco fundo, com uma varanda na frente, e outra na parte posterior, em ambos os pavimentos.

Uma insignificante escada de madeira, em um canto do mesmo, conduz ao pavimento superior.

Na mesma praça, em frente, está a casa construida pelo dictador Francia, e que lhe serviu de residencia durante o seu longo governo.

E' um specimen do estylo das construcções paraguayas em toda sua rudeza primitiva. O edificio fórma um quadrado, isolado em suas quatro faces, tres das quaes têm varanda na parte exterior e interior: a face do fundo só a tem pelo lado de dentro.

O aspecto sombrio d'este edificio aviva as recordações de sangue, que a elle se prendem. A face norte e do oeste dão para duas praças, cujos lados são formados pelos quarteis militares, que se estendem até á cathedral.

O despotismo paraguayo, o caracter peculiar d'estes povos, apparecem fielmente reproduzidos no aspecto que offerece esta parte da cidade.

Alli está a imagem viva da tyrannia, rodeada de bayonetas.

Ao lado da cathedral, d'ella separado pelo trilho de ferro, que vai até á praia, está a casa que serviu de residencia ao dictador Carlos Antonio Lopez, e pertence hoje á sua viuva D. Joanna Carrillo, mãi do actual presidente.

Alli hospedei-me durante o tempo, que estive em Assumpção.

N'este edificio, conservou-se em todo o rigor o estylo das construcções paraguayas: mas, revela-se n'elle o apparato, de que a familia Lopez tem rodeado a sua supremacia n'estas regiões. A' frente do edificio, estende-se uma elegante varanda, formada por quinze columnas de gosto toscano, sustentando pequenas pilastras, sobre as quaes estende-se na parte superior outra varanda, estreita e baixa, coberta de madeira.

Tanto as columnas, como a parede que formam a frente do

edificio, estão pintadas á fresco, com côres vivazes. Os compartimentos interiores da frente são forrados de rico papel e mobiliados com verdadeira magnificencia. O resto do edificio é simplesmente caiado, tendo nas duas faces interiores uma extensa varanda, formada por columnas octogonaes, sem ornato ou pintura alguma.

Todos os compartimentos d'esta casa são ladrilhados de tijolos simples; e o mesmo se dá em todos os edificios publicos ou particulares de Assumpção, tanto no pavimento terreo como no superior.

Nos fundos d'esta casa fica o magnifico sobrado, pertencente á Vicente Barrios, casado com uma irmã do actual dictador. E' um palacete ao gosto moderno, tendo no interior a varanda paraguaya, formada por tres elegantes arcadas. O edificio está mobiliado com riqueza, podendo notar-se como caracteristica do luxo do paiz a magnificencia dos espelhos.

N'esta casa esteve alojado o marquez de Caxias, e posteriormente o marechal Guilherme Xavier de Sousa, que commandava o exercito brasileiro ao tempo de minha viagem.

O edificio que mais avulta na cidade, é a cathedral. E' um templo espaçoso, com duas torres bastante elevadas, mas sem architectura. O interior está dividido em tres corpos, formado por duas ordens de pilastras, em estylo dorico, as quaes se prolongam até ao altar-mór, em uma extensão como de trinta braças. Ha quatro altares lateraes, os quaes não offerecem obra alguma notavel, sendo as decorações acanhadas e sem gosto. Todo o interior é ladrilhado de tijolo. A parte exterior, pelos lados e fundos, é circumdada por uma extensa varanda, formada por columnas octogonaes. A varanda na frente, ou no fundo dos edificios

ou casas particulares, é o caracteristico das construcções paraguayas.

O templo que hoje serve de cathedral foi mandado construir por decreto do supremo governo da republica de 5 de Fevereiro de 1842, demolindo-se o antigo, sito no mesmo local.

N'esta igreja ouvi, no dia 6 de Março, a missa resada pela alma do major Eduardo Emiliano da Fonseca, morto no combate do *Itoróró*, em 6 de Dezembro ; e em seguida, a que no mesmo dia se resou pela alma do barão do Triumpho. O filho do general brasileiro, tenente Carlos Luiz de Andrade Neves, bem como os irmãos d'aquelle finado, alli estavam, os olhos rasos de lagrimas e o coração partido de dor !

Cumprido esse dever religioso, retirei-me para casa, cheio de tristeza ; e comecei a escrever a biographia do barão do Triumpho.

O major Emiliano pertencia á essa familia de bravos, que se fez representar na guerra actual por sete irmãos, todos militares.

E' um dever de gratidão nacional recordar aqui esses nomes :

Coronel Hermes Ernesto da Fonseca, commandante da 6ª brigada de infantaria ;

Tenente-coronel Severiano Martins da Fonseca, commandante do 1º regimento de artilheria á cavallo ;

Coronel Manoel Deodoro da Fonseca, commandante da 8ª brigada de infantaria ;

2º tenente reformado Pedro Paulino da Fonseca ;

Capitão Hyppolito Mendes da Fonseca, commandante do 36 de voluntarios, ferido e prisioneiro no combate de Curupaitî em 22 de Setembro de 1866;

Major Eduardo Emiliano da Fonseca, commandante do 40 de voluntarios, morto no combate de Itoróró;

Dr. João Severiano da Fonseca, 1° cirurgião do corpo de saúde, no exercito em operações;

Alferes Affonso Aurelio da Fonseca, morto no combate de Curupaití.

O coronel Hermes, tão notavel pela figura proeminente que tem representado n'esta campanha, é hoje o chefe da familia.

IV

Resta-nos ainda conhecer uma parte da capital paraguaya, onde nada ha hoje, que possa ser considerado com indifferença pelo brasileiro

Cada edificio, como cada pedra, nos diz aqui alguma cousa do passado, e nos traça a rudeza d'este povo ao lado dos monumentos de vaidade da familia Lopez.

Proximo á cathedral, ao lado esquerdo, fica o edificio, que servia de seminario ecclesiastico da diocese.

As paredes exteriores têm a apparencia de muros de quintal, com seteiras gradeadas de ferro, em vez de janellas, acima da altura de um homem: o que lhe dá em tudo um aspecto de prisão. Dentro ha uma pequena area, rodeada de varanda nas quatro faces, segundo o estylo paraguayo.

N'este edificio estão assistindo os padres que desempenham no exercito as suas sagradas funcções, dirigidos pelo Rvd. capucho Fr. José Fidelis Maria d'Avola Meza: estão aqui morando igualmente os padres paraguayos Claudio Arrua, capellão do exercito inimigo, prisioneiro em Angostura, e Policarpo Paez, parocho da villa da *Concepcion*, o qual não quiz obedecer á ordem de Lopez para recolher-se

ás Cordilheiras, e veiu apresentar-se ao exercito brasileiro em Assumpção. Este ultimo transferiu-se depois para sua casa.

Com ambos tive occasião de conversar detidamente, parecendo-me que fallavam com despreoccupação e sinceridade, recebidos e tratados,como eram n'aquella santa casa, por seus irmãos em Christo.

O primeiro referiu-me as praticas, que por ordem superior fazia regularmente ás forças, de que era capellão, para o fim de não serem poupados os *cambahis* ou negros, como eram entre elles chamados os brasileiros. No segundo encontrei muita vivacidade e mesmo agudeza de espirito. Signifiquei-lhe com franqueza o horror,que eu tinha ao povo paraguayo por sua desconfiança feroz e caracter agressivo; e embora não me désse uma resposta satisfatoria, disse-me que o systema de terror e os habitos arreigados de inveterada sujeição explicavam a força do poder de Lopez, e a impossibilidade de qualquer tentativa para subtrahir-se á acção de sua autoridade.

Ambos estes padres pronunciam muito bem o latim, como testemunhei nas missas celebradas pelos mesmos.

Na rua de *La Palma*, ergue-se no meio de insignificantes casinhas o palacio de D. Benigno Lopez, irmão do dictador. Está ainda em obras, e, depois de concluido, seria sem duvida um dos mais bellos edificios da capital.

A parte exterior está toda por acabar. No interior, estão quasi terminadas as decorações da grande varanda. N'este edificio, o typo da construcção paraguaya foi habilmente adaptado ás regras da architectura.

O espaço comprehendido pelas quatro faces interiores do mesmo, fórma um verdadeiro *atrium*, no systema das antigas casas romanas. As columnas são de ordem toscana,

e as paredes exteriores decoradas com baixos relevos, executados com muito gosto.

Duas linhas de elegantes columnas, no vestibulo, sustentam o pavimento superior, ao qual conduz uma soberba escadaria de pedra. Vêm-se n'esta construcção a opulencia e a ostentação.

Na mesma rua de *La Palma*, seguindo-se para a praça do *Mercado*, encontra-se, ao lado direito, o Club Nacional, casa terrea, a qual nada offerece de notavel. Defronte, na mesma rua, está a capella, que, segundo me informaram, se estava construindo para a familia Lopez. O zimborio, collocado no centro, está lançado com arrojo. Depois de terminado, deve ficar um edificio notavel.

A rua *La Palma* vai terminar na praça do Mercado, em um de cujos cantos se vê a casa terrea, em que residia o actual dictador Francisco Solano Lopez. E' de apparencia mediocre, sem cousa alguma de notavel.

N'esta casa esteve por alguns dias o general Osorio, passando-se depois para o antigo palacio de Francia.

Em Março ahi assistia o Sr. conselheiro José Maria da Silva Paranhos, o qual n'essa mesma casa fôra em 1858 recebido e tratado por aquelle dictador com todas as attenções e respeitos, como embaixador do Brasil !

Essa casa servia de residencia provisoria do marechal Solano Lopez.

Logo na entrada da cidade, na parte mais saliente d'esta, junto a margem do rio, estava elle construindo um edificio apparatoso, para servir-lhe de habitação.

E' este o palacio novo de Lopez, como o chamam.

N'elle procuraram conservar o estylo da varanda paraguaya, em proporções grandiosas, e produziram uma combinação extravagante, que não se filia a typo algum de architectura.

O edificio está construido em um declive aspero da margem do rio, tendo a frente, que olha para este, mais alta que o fundo, o qual dá para a cidade.

O pavimento, representado pela desigualdade do solo, é em estylo rustico, sendo toda essa parte do edificio de pedra lavrada. Ahi estão as baias, ou cavalhariças.

Sobre este pavimento assenta o edificio, cujas linhas exteriores partem-se em angulos reintrantes e salientes, dando-lhe um aspecto original.

Na frente e no fundo ha duas extensas varandas : o resto está dividido em quartos, ou saletas acanhadas, em numero de vinte e tantos.

Os ornatos d'essa extravagante construcção pertencem quasi todos á ordem corinthia.

No centro eleva-se um torreão, de fórma quadrada, formando um todo sem harmonia.

N'esse torreão, e na cimalha da parede do lado do sul, ha estragos pouco notaveis, produzidos por bombas de nossa esquadra; sendo este o unico vestigio, que apparece, do bombardeio por ella feito na capital inimiga, depois da passagem de Humaitá. A autoridade brasileira cobriu convenientemente essa parte do edificio para preserval-a de estragar-se pela acção do tempo.

Em um terraço, que ha na parte interior, notam-se dois grandes leões, feitos de grez do paiz (não de barro, como disse uma correspondencia do exercito). O leão é o symbolo da nacionalidade paraguaya; e o *Semanario* fez grandes gabos á essa obra, executada por artistas do paiz. E' difficil encontrar artefacto tão imperfeito e grotesco. Qualquer canteiro nosso faria cousa melhor. Ainda não vi mutilar-se a arte tão desapiedadamente.

Na parte posterior do edificio, circumscripto pelas ruas

lateraes, vê-se um terreno acanhado, que parece ter sido destinado para jardim e accessorios.

A fastosa ostentação dos monumentos da familia Lopez em Assumpção contrasta singularmente com o estado de seus templos.

Nos fundos do palacio novo do dictador, fica a igreja de *La Encarnacion*. E' um templo antigo, bastante espaçoso, e rodeado exteriormente da varanda paraguaya. Ao lado direito da entrada, fica-lhe contiguo um terreno, que serve de jazigo.

O interior do templo é todo ladrilhado de tijolo, sendo o tecto forrado de madeira tosca, sem pintura. Tem uma só torre, e sete altares, contando o altar-mór.

Além d'esses templos, só ha na capital a igreja de S. Roque, capella aldeã, em ruinas.

Perto d'essa capella, na extremidade norte da cidade, fica a estação da estrada de ferro, sem duvida o mais notavel edificio de Assumpção, construido em grandes proporções, e com bastante gosto. Ahi se vê a riqueza das madeiras do paiz.

Em frente, formando uma das faces lateraes da praça de S. Francisco, fica o grande quartel d'esse nome.

Da estação central da estrada de ferro segue um ramal, que atravessa a cidade em toda a sua extensão de norte a sul, e vai terminar na praia, junto ao arsenal de marinha, um dos bons edificios da capital, ainda em construcção. Perto fica a alfandega.

Fóra da cidade, na face sul, ha um grande campo, ou rocio, que supponho ser o campo de *Salamanca*, de que trata o *Semanario*. Alli disciplinavam-se os batalhões paraguayos, antes de serem mandados a reforçar o exercito inimigo em Humaitá, na presente guerra.

N'esse campo assisti ás revistas e exercicios, que regularmente faziam á tarde as brigadas do exercito.

No alto fica o espaçoso edificio, em que está estabelecido o hospital do exercito brasileiro. Visitei-o no dia 5 de Março. Estavam ahi em tratamento 635 doentes, dos quaes dez de cholera. Nos dois mezes anteriores as molestias predominantes haviam sido a bronchite e a diarrhéa.

O estado sanitario do exercito melhorára consideravelmente com a declinação do calor. No mez de Março, a temperatura em Assumpção, á noite e pela manhã, era muito agradavel e fresca. E nos passeios tomava-se sol, nas horas calmosas do dia, sem contrahir-se molestia.

Para quem chega á Assumpção, aponta-se logo como uma curiosidade a casa, em que morou Linch, cujo nome apparece tantas vezes n'esta guerra associado ao de Lopez.

E' uma casa terrea, de mediocre apparencia no exterior, vendo-se logo ao entrar a fastosa magnificencia, com que se tratava a personagem, que n'ella residia. Os aposentos interiores são forrados de alto á baixo de finissimo *crochet* sobre papel verde assetinado. A varanda é escura, sombreada pelo jardim, que existe no atrio interior.

Nos fundos d'esta casa se vê um grande sobrado, em frente ao qual estão os muros do theatro novo, vasto edificio, cuja execução pretendiam os paraguayos fosse feita pelo plano do theatro *Scala* em Milão.

Não havia em Assumpção academia alguma, ou instituto de sciencias superiores; e não pude ter noticia de um só paraguayo, que tenha qualquer gráo litterario, recebido no paiz. Verifiquei mais não haver alli livrarias, nem publicas, nem commerciaes; bem como nenhum jardim, nem fontes, nem passeios, nem musêos.

O exercito da republica tem excellentes medicos, mas

estrangeiros, alguns dos quaes serviram na guerra da Criméa.

Havia na cidade um grande commercio ao tempo, em que alli estive. Entre casas de negocio e tavernas ou *carpas*, como as chamam, contavam-se mais de duas mil. Por toda a parte se vêm paisanos, circulando pelas ruas em negocios de seus interesses.

Mulheres, havia como quatro mil, sendo de notar a perseverança, com que desde o começo d'esta campanha têm ellas acompanhado o exercito por toda a parte. Muitas prestam os mais caridosos serviços aos doentes, e algumas têm sido vistas recolhendo na linha de fogo em combate as pessoas, que lhes são caras e que cahem feridas pelo inimigo.

Não havia na cidade uma só casa por occupar, verificando-se pelo contrario falta d'ellas. Algumas estavam alugadas á particulares por preços exorbitantes pelos paraguayos, que se apresentaram como proprietarios das mesmas. A autoridade militar brasileira deferia-lhes a posse d'ellas, mediante o depoimento de duas testemunhas, attestando a propriedade. Atraz da cathedral, estava um excellente hotel dando lucros consideraveis á um moço paraguayo que me pareceu pessoa distincta.

Na cidade estavam aboletadas as forças brasileira e oriental, e parte das argentinas.

O grosso do exercito d'estes, ao mando do general D. Emilio Mitre, acampava em *Campo Grande*, pouco adiante de *La Trinidad*, em direcção á Luque. Formavam um effectivo de quatro mil homens.

Os orientaes contavam um numero muito reduzido de soldados da republica, dizendo-se-me que não passavam de duzentos, e cerca de oitocentos paraguayos, formando a legião que d'elles tomou o nome.

O effectivo da força brasileira prompta no dia 6 de Março de 1869 era de vinte e tres mil quinhentos e setenta homens.

D'esta força estavam desarmadas 1500 praças por falta de armamento, em consequencia dos combates de Dezembro.

Em Assumpção conheci o engenheiro hungaro Francisco Wisner, coronel do exercito paraguayo, prisioneiro em Lomas Valentinas a 27 de Dezembro. Havendo-se depois do combate refugiado em uma matta proxima, e sendo esta batida pelo coronel João Antonio de Oliveira Valporto, foi o mesmo encontrado por este com toda sua familia, composta de mulher, uma filha e escravos de seu serviço em numero de onze pessoas.

O coronel brasileiro separou immediatamente essa familia do sequito dos mais prisioneiros, que foram recolhidos na matta, e a levou em sua companhia ao quartel-general, tratando-a com toda consideração e especiaes attenções.

Wisner tem hoje 69 annos de idade, e residiu no Brasil, conhecendo e fallando ainda o portuguez.

Passou depois ao serviço do governo do Paraguay, pelo qual tem sido empregado por espaço de vinte e quatro annos em differentes commissões. Foi elle o incumbido pelo finado presidente D. Carlos Lopez de estudar a questão de limites do territorio da republica com o Brasil para sustentar as pretenções do Paraguay.

Fallou-me a esse respeito, revelando conhecimento do assumpto, e mostrando-se em tudo adicto ás idéas paraguayas na questão. Disse-me, que houvéra n'esta materia capricho da parte do Brasil; e que os diplomatas brasileiros em Assumpção haviam dado causa legitima ás desconfianças do governo paraguayo contra nós.

Em sua sala vi um retrato grande do actual dictador Lopez.

Declarou que ainda se vê obrigado a permanecer em Assumpção, visto como o governo da republica lhe deve os seus soldos de dez annos e meio, cujo pagamento espera poder ainda reclamar pelo primeiro parlamento, que fôr mandado a Lopez; e está aguardando a solução das cousas para vender suas propriedades na capital afim de retirar-se á Hungria.

Logo que as forças brasileiras entraram em Assumpção, foi-lhe mandada entregar a sua casa, em a qual ficou desde então residindo.

Wisner em geral falla desfavoravelmente do Brasil.

Sempre que na conversação tinha de referir-se aos paraguayos, usava da expressão: *nós*. « *Não tinhamos* mais que cincoenta e cinco mil combatentes no começo da guerra, disse-me elle: as mais forças da republica estavam disseminadas em serviço de guarnição. »

V

Ao tempo de minha viagem, as operações militares no Paraguay se achavam inteiramente paralisadas, tratando-se de reunir os elementos de mobilidade para o exercito, afim de emprehender-se a *campanha das Cordilheiras*.

Darei noticia de algumas circumstancias, que occorreram durante minha estada em Assumpção, e que eu registrava dia por dia.

No dia 4 de Março, chegou á essa capital uma commissão de officiaes do exercito, vinda de Matto Grosso, para felicitar o marquez, hoje duque de Caxias, pelo fim da guerra, como n'aquella provincia se acreditava.

Como chefe da mesma, veiu o tenente-coronel Antonio Maria Coelho, o heróe de Corumbá. Este distincto official hospedou-se na mesma casa, em que eu estava residindo, e

assim tive occasião de com o mesmo praticar longamente sobre os successos, de que fôra elle principal actor em sua provincia natal. E' um militar instruido, ainda moço, tendo actualmente 42 annos de idade.

No dia 7 assistí, na igreja cathedral, á missa militar e benção solemne da bandeira destinada ao 1.° de infantaria. Tendo tremulado em todos os combates d'esta guerra, a bandeira d'esse batalhão estava inteiramente despedaçada pelas balas, e teve de ser guardada como uma gloriosa reliquia.

N'este mesmo dia começou á funccionar a locomotiva da estrada de ferro, passando pela manhã em frente á casa, em que eu assistia. Soou-me tristemente ao ouvido esse sibilar, que annunciava aqui não uma festa pacifica da industria, mas o éco sinistro da guerra.

N'esse mesmo dia, presenciei no quartel general o interrogatorio de tres paraguayos feitos prisioneiros no dia anterior por uma força nossa, á tres leguas de Luque.

Causou-me lastima ver como estavam vestidos esses infelizes. Dois d'elles traziam um panno grosseiro, tecido no paiz, preso á cintura, pendendo até aos joelhos. O terceiro tinha por unica vestimenta, além de um panno ao pescoço, um pedaço de couro velho preso tambem á cintura.

Pertenciam á uma descoberta do inimigo, tendo-se d'esta escapado dois homens na occasião de serem perseguidos.

Não conheciam uma palavra do hespanhol, e deram os seus depoimentos em guarany, por meio de interprete.

Declararam, que Lopez se achava acampado em *Ascurra;* e que ahi daria combate ao exercito brasileiro, decidindo a guerra.

Nenhum credito dei ao que diziam esses prisioneiros.

Um dos mesmos, que era casado, disse-me que sua mulher e filhos estavam em poder de Lopez.

Representavam todos tres o mais rude typo da raça indigena, parecendo que ainda agora haviam sido tirados d'entre os selvagens. O mais velho teria trinta e cinco annos.

Em vez de civilisar essas creaturas desvalidas, um tyranno frio as arranca ás suas selvas e ás suas familias. Esses não puderam ser immolados ao systema de guerra paraguayo: *morrer, matando!*

Com as praças successivamente chegadas de Humaitá, restabelecidas dos ferimentos recebidos nos combates de Dezembro, reorganisaram-se, no dia 8, tres corpos, que tomaram a numeração de 17, 18 e 22.

No dia 9, pelas cinco horas da manhã, segui á cavallo, pelo leito da estrada de ferro, com destino a Luque, onde então se achava a vanguarda de nosso exercito.

Fiz essa excursão, tendo por companheiros, além d'outras pessoas, a dois distinctos medicos de nosso exercito, um dos quaes serve desde o começo da campanha, e outro desde o principio de 1866. Este ultimo é oppositor da faculdade de medicina da Bahia, e alli possuido de um ardor patriotico seguiu para a guerra, onde permanece até hoje.

Em Assumpção tivéra eu occasião de conhecel-o, entretendo-nos longamente sobre os successos d'este immenso e afflictivo drama,que elle segue dia por dia, estudando-os com vivo interesse.

Traz comsigo uma preciosa collecção de obras, jornaes e folhetos sobre as cousas do Prata e do Paraguay, e é o correspondente de uma de nossas grandes folhas. Suas missivas começaram em Corrientes em 1866, e têm continuado até agora. Em sua casa conheci outros cavalheiros distinctos, que igualmente se têm incumbido de relatar as occurrencias d'esta guerra em correspondencias, dirigidas aos periodicos do Rio da Prata.

N'essas condições, a excursão que eu fazia, tornou-se para mim ao mesmo tempo instructiva e agradavel.

Pouco adiante da cidade afastamo-nos do leito da via ferrea, e seguimos por entre duas alas de frondosas laranjeiras, as quaes vão orlando a estrada, pela qual tomáramos, até *Ybirai*, arroio de aguas limpidas e puras.

Pouco adiante, cerca de uma legua da capital, fica a igreja da *Trinidad*.

E' um templo espaçoso, e sua decoração superior á qualquer das igrejas de Assumpção. O tecto e as paredes são pintadas á fresco, distinguindo-se o frontespicio pela originalidade de seus ornatos. Só tem uma torre.

A's 8 1/2, chegamos á Luque, onde fui hospedado pelos Srs. coronel, hoje brigadeiro, Vasco Alves Pereira, commandante da praça, e coronel Francisco Lourenço de Araujo. Ambos estes chefes militares são simplices officiaes superiores da guarda nacional, em suas respectivas provincias: o primeiro no municipio do Alegrete, no Rio-Grande do Sul, onde tem sua residencia, o segundo no municipio de Santo Amaro, na Bahia, onde é senhor de engenho.

O coronel Caetano Gonçalves da Silva, commandante da força de cavallaria, pertence igualmente á guarda nacional do Rio-Grande do Sul. E' a guarda civica do Imperio que, fundindo-se com o exercito, sustenta a honra da nação n'esta immensa luta.

Todos esses officiaes têm-se feito admirar n'esta guerra por sua intrepidez e heroica bravura.

O coronel Francisco Lourenço traz uma longa barba, tendo feito voto de só cortal-a, se conseguir voltar felizmente á sua patria com o batalhão de voluntarios que elle organisou e conduziu comsigo ao Paraguay.

Que venerando ancião!

Luque é um povoado insignificante, composto de casas

terreas, perfeitamente alinhadas, e formando duas praças. No centro da segunda fica a igreja, a qual não é mais que um grande galpão coberto de telha. As imagens são tão imperfeitas, que admira como a respectiva autoridade ecclesiastica deu licença para receberem culto em um templo catholico.

Um terço pelo menos das casas da povoação é coberto de palha. As casas melhores ficam logo á entrada, formando a face norte da primeira praça, e estavam occupadas pelo commercio.

Qualquer freguezia no Brasil é superior a esse povoado, cuja celebridade resulta de sua mesma insignificancia, comparada com a importancia politica, que adquiriu na presente guerra, como capital da republica depois da passagem de Humaitá.

Junto ao povoado, face norte, passa a estrada de ferro, que segue para o interior.

O terreno ao redor é plano, ora coberto de mato, ora rasgando-se em vistosas campinas. E assim vai até a capital.

Tres mil e novecentas praças de cavallaria e infantaria, ao mando do então coronel Vasco Alves Pereira, faziam a vanguarda do exercito n'este ponto.

A brigada da infantaria era commandada pelo coronel Francisco Lourenço, e a de cavallaria pelo coronel Caetano Gonçalves.

Em uma das faces do povoado abriu-se um vallo estreito, como servindo de fosso ou trincheira, para ahi receber-se o inimigo, quando apparecesse. Não havia alli peça alguma de artilheria, nem reducto ou obra de fortificação regular. O vallo é aberto apenas para destruir a formatura do inimigo, desbaratando-o em combate, e não subtrahindo-se á este, ou escondendo-se atraz de montanhas de leiva. Que

segurança e tranquillidade de animo a d'estes bravos em frente dos paraguayos !

Elles dormem no solo inimigo tão desassombrados, como se os abrigassse o tecto da patria. Estão promptos para brigar. E' quanto lhes basta.

O general Vasco Alves, pela especialidade de seus dotes militares, parece ter sido talhado para o serviço de vanguarda, para o qual é todo o pendor de seu genio. Simples e despretencioso em suas maneiras, tem tanto de vigilante, como de destemido, em meio dos grandes perigos.

Conheci em Luque o rev. fr. Salvador de Napoles, nome abençoado em todo o exercito, em o qual desempenha as funcções de capellão.

Que sublime devotação a d'esses padres exercendo o seu sagrado ministerio no meio do embate das armas !

Algumas vezes, no decurso das operações anteriores, as bombas do inimigo têm vindo rebentar sobre suas cabeças na occasião em que celebravam o santo sacrificio da missa, e o brasileiro alli ficava, prostrado diante de Deus, offerecendo a sua vida em holocausto pela religião,que professa !

VI

Já tarde retiramo-nos de *Luque*, indo chegar de noite á *Trinidad*. Ao entrarmos na capital, ás oito e meia horas da noite, não encontramos guarda, ou sentinella alguma, que nos perguntasse quem eramos.

A' noite d'esse mesmo dia, houve uma representação dramatica, desempenhada por officiaes do exercito brasileiro, em o theatro velho da cidade.

O viajante difficilmente se poderia capacitar de que se achava em uma praça de guerra.

Os acontecimentos deviam desenrolar-se de si mesmos, e bem proximos estavam elles.

No dia 10, pelas duas horas da tarde, recebeu-se na capital um telegramma, expedido de Luque pelo commandante da vanguarda general Vasco Alves, referindo o encontro de forças brasileiras e paraguayas, junto a ponte de *Yuqueri*.

O toque de *sentido!* fez-se ouvir immediatamente em toda a cidade, acordando de novo os echos da guerra, que se declarára finda. E ás quatro horas da tarde d'esse mesmo dia desfilava pelas ruas de Assumpção, com destino á Luque, todo o 1º corpo de exercito, ao mando do general João Manoel Menna Barreto, formando um effectivo de oito mil praças.

Trocára-se n'esse dia o primeiro tiro de uma nova campanha, trazida ainda esta vez pela audacia indomavel do inimigo. Renovando as scenas da idade antiga, o povo paraguayo parece reproduzir a imagem do gigante da fabula, que se julgára abatido na poeira, e que, tocando em terra, levantava-se animado de recrescida força.

Se o povo brasileiro conseguir vencer essa força barbara, certo o seu nome não mais se riscará da face da terra.

Não me illudo sobre o alcance da nova campanha, que se iniciou a 10 de Março. Tomado da mais viva emoção, vi n'esse dia desfilar o nosso exercito pelas ruas da capital paraguaya. Os destinos da nação alli ficavam presos á sorte d'essa pequena força que ia, no meio de vagas e inquietantes incertezas, internar-se pelo paiz inimigo.....

O isolamento e o regimen de terror, em que o povo paraguayo foi mantido e educado durante vinte e seis annos, imprimiu no caracter do mesmo um cunho de desconfiança feroz contra o estrangeiro e um sentimento entranhado da independencia de seu solo, unido á mais servil obediencia a seus dominadores.

« Louca pretenção, exclamava o *Semanario*, essa de dominar-nos pelo bloqueio a nós, que pelo espaço de vinte e seis annos dispensamos o resto do mundo, e hoje damos testemunho de encerrarmos em nosso territorio tudo quanto é necessario para vivermos em prosperidade ! »

D'este modo, collocados todos esses elementos, como machinas de destruição, nas mãos de um homem endurecido em uma intenção mais de odio, do que de deliberação reflectida, exterminar-se-ha porventura o ultimo paraguayo. Mas, alli n'essas massas fanaticas, dadas á sujeição absoluta que vem dos tempos dos jesuitas, jámais se insinúa o desanimo.

E' esta a verdade sobre a actualidade da guerra; e é doloroso, que pessoas revestidas de uma responsabilidade tão solemne pela nação, o tenham tão profundamente desconhecido.

Alongando os olhos pelo futuro em presença do acontecimento, que se passava diante de mim, experimentei um sentimento involuntario de tristeza: E sob essa impressão passei os dias, que ainda me demorei em Assumpção.

O intento de minha viagem estava obtido. Emprehendendo-a, tivéra eu por fim praticar sobre os acontecimentos d'esta immensa guerra com aquelles, que d'elles haviam sido ou testemunhas, ou actores.

Para o conseguir achei-me em Assumpção nas mais favoraveis condições, tendo tido occasião de alli conhecer e tratar com os nossos generaes, em serviço n'esta campanha, os quaes todos fizeram-me a honra de visitar-me; e bem assim com muitos chefes superiores de nosso exercito, aos quaes fiquei devendo todo o genero de attenções.

Os dias corriam rapidos e alegres n'esse exame retrospectivo do passado, volvendo-nos á mente cada um dos acontecimentos do grande drama, reproduzido na reminis-

cencia vivaz d'aquelles que nos fallam da guerra com a autoridade de suas feridas.

Era para mim uma satisfação intima ver assim tão utilmente aproveitado o meu tempo; e sentia pulsar-me de alegre o coração cada vez, que alli, no theatro da acção, apertava, cheio de estremecimento, a mão de um bravo! E quantas vezes felizmente tive em Assumpção esse prazer!

Além dos generaes, alli tive a fortuna de conhecer, entre os chefes superiores de nosso exercito, os coroneis Deodoro, Hermes, Pedra, Galvão, Valporto, Mallet, Francisco Lourenço e muitos outros.

Uma das narrativas mais curiosas e interessantes, que ouvi em Assumpção, foi a que fez-me o major João Ernesto da Cunha Mattos, o qual referiu-me com particularidade tudo quanto com elle se passára desde 3 de Novembro de 1867 até 27 de Dezembro de 1868, em que esteve prisioneiro de Lopez. Estive igualmente com outros prisioneiros nossos, libertados em Lomas, e que haviam cahido em poder do inimigo em Suribi-î, e em Palmas.

Deram-me em Assumpção uma interessante collecção de periodicos paraguayos, publicados no decurso d'esta guerra, diversas medalhas de campanha do inimigo, planos de batalha, e muitos esclarecimentos preciosos sobre os acontecimentos mais memoraveis d'esta luta, sobretudo os do mez de Dezembro ultimo.

Esses periodicos são o *Semanario*, orgão official, a *Sentinella*, o *Cabichuy*, e o *Lambaré*. Este ultimo era todo escripto em guarany, e publicado em Luque.

O *Semanario* encerra muitos artigos e documentos importantes para a historia d'esta guerra. Pelas repetidas transcripções n'esse periodico, de artigos de nossa imprensa e da platina, com pouco intervallo nas datas, vê-se que o

inimigo conservava livre sua communicação com o exterior apezar do pretendido cerco de Humaitá.

Esses periodicos só trazem artigos relativos á guerra; e é notavel o tom de arrogancia e de ironia sarcastica, que apparece em todos elles. Não ha alli uma palavra, que atraiçoe desanimo ou colera impotente.

Dir-se-hia que esse povo está contente dos desastres, que provocou sobre sua cabeça.

Dou apenas noticia do material, que reuni em Assumpção, e que faz parte de trabalho separado, constituindo a secção historica de minha viagem.

Torno, pois, á parte descriptiva, que é a que comprehendo n'esta carta.

VII

Havendo preenchido os fins de minha viagem em Assumpção e em Luque, embarquei-me com destino á Humaitá, que eu tencionava visitar, demorando-me alli alguns dias.

N'esse trajecto tive occasião de ver á margem do rio Paraguay, em Palmas, grande porção de trilhos de ferro e de dormentes que haviam sido destinados á estrada do Chaco, e bem assim crescido numero de armões, carros e galeras, de que o exercito soffria falta n'essa occasião. Igual material se encontrava abandonado na foz do rio *Tebicuari*, e no lugar denominado *Aquino*.

D'esses factos, bem como de tudo mais que eu observára com relação ao serviço publico, dei conhecimento por carta á respectiva autoridade militar, a qual providenciou á respeito.

Passei successivamente diante do *Pilar*, *Tayi* e *Timbó* ; e finalmente desembarquei em *Humaitá*.

Que magnifico local este para o assento de uma grande

e explendida cidade! Seria para o estrangeiro o primeiro monumento, que desde logo attestasse a civilisação e habitos de paz do povo que o habita.

Em vez d'essa risonha perspectiva, logo junto á barranca, depara-se o rude mangrulho paraguayo, baterias, casamatas, tunneis, obras subterraneas, e uma linha de fossos fechando um campo entrincheirado para conter cem mil homens!

Cada povo, como cada individuo, tem sua phisionomia especial, sua indole distincta.

Mas, por que singular maneira vemos retratar este solo o caracter de seus habitantes!

Toda a sua actividade, todas as suas forças têm sido postas em contribuição, por espaço de longos annos, para accumular sobre elle meios de destruição, cavando subterraneos, e convertendo em um vasto e lugubre cemiterio a terra, que Deus lhe déra!

E' solemne a impressão, que sente o viajante ao pisar esse solo, atormentado pela mão do homem, parecendo ainda annunciar, no revolvimento de suas entranhas e no aspecto dos edificios esboroados, a sangrenta historia, que ahi se passou.

No mesmo dia de minha chegada, dirigi-me á *Parecué*, para ahi visitar o antigo acampamento do nosso exercito, e percorrer a linha de trincheiras, que lhe cobriam a frente.

Para chegar-se á esse ponto, segue-se a direcção de nordeste.

Vê-se ainda n'este lugar a ponte de madeira, que sobre um banhado ahi construiram os brasileiros, pondo em communicação o quartel general do marquez de Caxias com o do general Osorio. De permeio ficava o *commercio*, o qual acompanha o exercito por toda a parte, e estabelece-se no local, que lhe é designado, apenas aquelle acampa.

Os dois quarteis generaes estavam a menos de um quarto de legua de distancia entre si, sendo ambos estabelecidos em ranchos de palha, dentro de um frondoso laranjal.

Fiz essa excursão, tendo por companheiro a um distincto official de nosso exercito, o qual fizéra parte da columna de ataque, que, ao mando do general Osorio, investiu a trincheira de Humaitá no dia 16 de Julho de 1868.

Na volta, tomamos a mesma direcção, que seguira a columna atacante n'esse dia memoravel; e meu companheiro veiu-me assignalando todos os pontos, em que se haviam dado os acontecimentos mais importantes d'esse feito militar.

Do quartel general, de onde marchou a força, ao portão do reducto central de Humaitá, por onde tentou a mesma penetrar, ha a distancia de meia legua, atravessando-se em caminho varios banhados. Apenas a força transpôz o nosso ultimo fosso, começou a receber fogo da artilheria de Humaitá, rarefazendo suas columnas. Ahi estão por toda a parte disseminados os estilhaços das bombas inimigas.

Junto ao ultimo fosso do reducto, vê-se o ponto em que esteve o general Osorio, e ao lado o lugar, em que os nossos soldados cahiam ás centenas sob o fogo da artilheria paraguaya.

Póde-se imaginar a impressão, que sente o brasileiro, visitando o campo de combate, que guarda os restos de tantos filhos da mesma patria. Craneos quebrados, montes de ossos, estilhaços de bomba, sapatos velhos, pedaços ennegrecidos de panno pôdre, canos partidos de espingardas, alli indicam distinctamente o lugar, em que se empenhou o mais renhido da acção.

Tive então occasião de examinar a exageração dos meios de defeza, que os paraguayos accumulam nas suas fortifi-

cações. Parece ser o destino d'este povo cavar a terra e fazer trincheiras.

No lugar, em que se verificou o ataque de 16 de Julho, o fosso interior tem mais de trinta palmos de largura, e pela parte exterior seguem-se parallelamente outros fossos circumdados de *abatidas* e de *bocas de lobo.* Estas, sobretudo, estão executadas com um esmero digno de admiração.

Na parte interior do reducto, em frente ao lugar do ataque, ergue-se ainda um grande massiço de leiva, de vinte palmos de altura, sobre o qual esteve assentada em rodizio uma peça, que me disseram ser de 80, e que já tinha sido retirada pelos alliados. A maior perda da columna atacante foi causada por essa peça.

No dia seguinte, conjunctamente com o commandante da praça e varios officiaes do nosso exercito, fui visitar a antiga residencia de Lopez em *Paso-Pocu.* Seguia comnosco n'essa excursão o major Francisco Antonio de Moraes, que eu conhecêra no Rio Grande do Sul, onde o mesmo se distinguíra pelos mais relevantes serviços prestados na organisação do 3° corpo de exercito.

Em 1852, esse distincto official estivéra em Humaitá ás ordens do general Bellegarde,que ahi se achava com o velho dictador D. Carlos Lopez, estando os officiaes brasileiros então incumbidos de disciplinar o exercito paraguayo.

A estrada de Humaitá para *Paso-Pocu* segue a direcção de leste, pendendo um pouco para sueste. Está cortada de banhados, em alguns dos quaes os animaes que montavamos, ficaram cobertos de agua até ao pescoço.

Paso-Pocu fica fóra do reducto central de Humaitá, e dentro da grande linha de fortificação, que se estende até Curupaiti. A face sul é tomada por um frondoso laranjal,

em cujo centro erguiam-se quatro longos esteios, sustentando o mangrulho paraguayo.

Na face leste, levanta-se o massiço, que o marechal Lopez fez construir para proteger o lugar de sua habitação das bombas do exercito, atiradas de *Tuiucué*. Em cima d'esse massiço, ha uma coberta para o vigia do campo.

Em frente do mesmo, na face de oeste, ergue-se, nas mesmas dimensões, outro massiço, o qual tinha por fim amparar das bombas da esquadra a habitação do dictador.

Na face sul, acompanhando a orla do laranjal, ha outros massiços menores.

A' não ser a regularidade dos córtes e taludes, perfeitamente vestidos de gramma, dir-se-iam essas elevações antes um monte ou outeiro,do que obra da mão do homem.

Cada um dos massiços tem 50 palmos de altura e 120 de comprimento sobre 40 de largura. De permeio ficam duas pequenas casas, cobertas de palha, além de um rancho aberto, entre as mesmas. A casa do lado de leste foi a que serviu de habitação à Lopez. Tem de altura até a cumieira dezeseis palmos. As paredes exteriores não excedem a oito palmos de altura.

Desde a barranca de Humaitá até Paso-Pocu, estende-se um campo descortinado, sem elevação ou imminencia alguma, sendo o terreno apenas interrompido pelos banhados.

Chegando-se, porém, á esse lugar tão celebre, vê-se que o solo ahi é um pouco mais elevado, sendo quasi imperceptivel a subida, tão suave é ella.

D'esse ponto se avista perfeitamente a igreja de Humaitá, Parecué, Tuiutî, Tuiucué e Curupaitî.

Paso-Pocu dista da barranca de Humaitá 1 1/2 legua.

Na singularidade original d'esta habitação retrata-se fielmente o caracter de Lopez.

E' caso novo na historia militar de todos os tempos esse

proceder de um general, que se isola no seio de seu exercito, separando a sua sorte da dos seus commandados, escondendo-se debaixo de montanhas de leiva, emquanto seus soldados, á corpo nú, são atirados, como projectis de guerra, á boca dos canhões de navios encouraçados!

Deixando Paso-Pocu, seguimos a visitar o campo entrincheirado de Curupaitî, e o lugar em que se deu a batalha de 22 de Setembro de 1866.

Apertou-se-me o coração, contemplando esse lugar, em que estão sepultados milhares de brasileiros e de argentinos. A acção feriu-se na trincheira do sul, junto á barranca do rio. Os fossos têm a profundidade, que os paraguayos davam á esse genero de fortificações, e estava toda a linha artilhada por peças de 68.

A barranca é aqui muito alta, e interna-se n'esse ponto, tomando a direcção de leste, sendo o terreno, que lhe fica ao sul, muito baixo. E' esse o lugar conhecido pelo nome de Curuzú, e que então se achava inteiramente alagado. No fundo d'esta superficie coberta de agua, avista-se a matta, que bordava a orla septentrional do antigo acampamento brasileiro em Curuzú.

A barranca de Curupaitî, do lado do rio, conserva ainda os restos dos grandes trabalhos de revolvimento de terra, executados pelos paraguayos. Vêm-se ahi os massiços de leiva formando casamatas, que vão ter ao recinto subterraneo, em que se guardavam as munições, e onde se abrigava a guarnição durante o bombardeio. A entrada d'esses subterraneos, interiormente revestidos de madeira tosca, é pelo lado de terra, ficando fóra da acção de qualquer hostilidade, vinda do rio. Com taes meios e taes disposições de animo da parte do inimigo, o assédio de Humaitá antolhou-se com razão aos alliados, como o unico recurso efficaz de victoria.

O terreno n'este lugar é alto e enxuto, sem serro ou proeminencia alguma.

VIII

Partindo do lugar, em que feriu-se a batalha de 22 de Setembro, seguimos pela margem do rio até a distancia de meia legua, em que este desappareceu á nossos olhos pela volta que faz para oeste, seguindo nós em direcção de norte. N'essa distancia, o solo é já mais baixo, e começam os banhados que aqui e alli apparecem até Humaitá.

De regresso, visitamos o cemiterio paraguayo, situado á alguma distancia do quartel general de Humaitá. E' um pequeno quadrado, murado de tijollo, sem obra alguma notavel. Sobresahem n'elle tres tumulos de officiaes paraguayos, fallecidos durante a guerra, ou por effeito d'ella. As inscripções são simplices. Tendo cahido o muro do fundo por um temporal, ultimamente havido, o commandante da praça, coronel Piquet, mandou immediatamente reconstruil-o, repondo-o em seu antigo estado.

No mesmo dia examinei o local, em que os paraguayos collocaram as correntes destinadas á impedir a passagem do rio á esquadra brasileira. Vêm-se ahi os cêpos das fortissimas estacas, em que estavam presas as mesmas correntes e apparece ainda na barranca o tunel, por onde ellas atravessavam para ir ter á margem do Chaco.

Logo em seguida, separada por uma sanga, fica a antiga bateria *Londres*, hoje reduzida á um montão de tijollo esboroado. Era uma serie de casamatas, construidas inteiramente de tijollo, dominando o rio, como o vertice de um angulo recto.

Segue d'ahi, orlando a margem do rio, um caminho largo o qual vai terminar em uma matta espessa. Toda essa ex-

tensão havia sido guarnecida de artilheria pelo inimigo, ficando a guarnição protegida pelos massiços de leiva, systema predominante nas fortificações paraguayas.

Atraz d'estes estavam os paióes subterraneos para guardar munições. Ficam abaixo do rez do chão, sendo todo o interior, pavimento e paredes, revestidos de tijollo, e fechados em abobada construida do mesmo material. E' essa uma obra feita com muita arte e perfeição. Em todos elles está destruida a coberta, ou abobada, achando-se o revestimento interior em bom estado de conservação.

Percorri depois em toda sua extensão pelo lado interior o reducto de Humaitá, começando na parte septentrional atraz da igreja, junto a margem do rio, e dahi seguindo sempre pelo *caminho coberto.*

O perimetro da trincheira, desde esse ponto até terminar de novo no rio Paraguay acima de Curupaiti, tem uma extensão de treze mil e trezentos metros, ou cerca de duas leguas, gastando-se a percorrel-a, a meio galope, 2 1/2 horas.

Este reducto fica dentro do grande entrincheiramento conhecido pelo nome de *quadrilatero*, que vinha terminar em Curupaitî.

A terra tirada dos fossos, que forma o *caminho coberto*, está amparada interiormente por uma linha de arvores frondosas, alli plantadas em distancia de trinta palmos uma da outra, offerecendo uma sombra espessa n'este descampado limpo e despido de arvoredo.

O soldado, que fica de folga, findo o seu serviço, alli descança dos ardores do sol, achando-se effectivamente de promptidão junto á trincheira, por um modo suave.

N'esse mesmo dia visitei de novo o lugar do combate de 16 de Julho de 1868, afim de melhor fixar em meu espirito a topographia e os meios de defesa d'esse ponto e a memoria dos acontecimentos alli passados.

Ha em Humaitá dois hospitaes, em os quaes estão em tratamento grande parte de officiaes e praças do exercito brasileiro, e promiscuamente com os mesmos são tratados os officiaes paraguayos.

Tem a denominação de 1.º e 2.º hospital, e estão ambos estabelecidos em as casas, que encontrou-se, pertencentes ao inimigo, todas acanhadas e cobertas de palha.

O 1.º hospital está dentro do reducto feito pelo marechal Argolo para cobrir nossas forças em Humaitá, logo que occupamos esse ponto em Julho de 1868; o 2.º está fora do mesmo reducto.

Estavam em tratamento no 2.º hospital, no dia 15 de Março d'este anno, seiscentos e setenta e um doentes e feridos brasileiros, e noventa e nove paraguayos.

N'este hospital falleceu, depois de longo tratamento, uma mulher paraguaya, uniformisada militarmente, a qual recebêra nos ultimos combates cinco ferimentos: era chefe de uma peça.

Este hospital, depois dos combates de Dezembro, recebeu perto de quatro mil feridos.

Em o primeiro hospital achavam-se em tratamento no mesmo dia oitocentos e quarenta e seis doentes brasileiros, sendo feridos quinhentos e quarenta e sete, e de diversas molestias duzentos e noventa e nove, além de duzentos e dezeseis feridos paraguayos. Uns e outros estavam em tratamento de ferimentos recebidos quasi exclusivamente nos combates de Dezembro de 1868.

O movimento de entradas n'esse hospital, de 24 de Dezembro d'esse anno até 15 de Março de 1869, foi o seguinte:

Entraram feridos dos combates de Dezembro:

Brasileiros...............	1,316
Paraguayos..............	823

O numero de doentes, anteriormente existente no mesmo hospital, era de setecentos e tantos.

No hospital da ilha do Cerrito, sujeito ao commando da praça de Humaitá, se achavam, no mesmo mez de Março, em tratamento, 349 praças do exercito.

O numero, pois, de doentes do exercito brasileiro, nos quatro hospitaes de Assumpção, Humaitá, e Cerrito, n'esse tempo, elevava-se a dois mil quinhentos e um.

O tratamento dos doentes, bem como todo o serviço de ambos os hospitaes, é feito com muito zelo e caridade, como testemunhei. Dirige o 1.º hospital o major da guarda nacional do Rio Grande do Sul Antonio José Pereira Junior.

Percorrendo as enfermarias, tive o pesar de ver confirmado o facto de estar Lopez assassinando a seu povo, comprehendendo em seu exercito tanto a homens validos, como a meninos.

Ahi vi em tratamento, com diversos ferimentos, muitas crianças de nove e de dez annos de idade, que não sei como poderiam pelejar.

Nas enfermarias do 2.º hospital, chamou-me especialmente a attenção um pobre velho, de mais de cincoenta annos de idade, cégo de ambos os olhos por molestia natural : tem a barba toda branca. Fiquei admirado de encontrar entre os paraguayos este individuo, pertencente ao typo mais caracterisado da raça ethiope. Tem a tez inteiramente negra e lusidia, cabello encarapinhado, e nariz chato. Não falla o hespanhol, respondendo em guarany á conversação que com elle tive, por meio de interprete. Disse ser natural e residente no *Barrero Grande*, e *ser escravo* de Rivarola, o que confirmaram os demais paraguayos.

Na lei vigente sobre o papel sellado, promulgado em Assumpção pelo presidente D. Carlos Antonio Lopez, em

13 de Outubro de 1855, e publicada ainda recentemente á pag. 43 do *Almanack de la Republica del Paraguay* para o anno de 1864, encontra-se a seguinte disposição :

« 6.º *La venta de esclavos se otorgard en el sello 4.º* »

E o regulamento de policia de 27 de Junho de 1842, reproduzido no mesmo *Almanak*, legisla largamente sobre *escravos fugidos*, e indios.

Um dos officiaes paraguayos, prisioneiros em Angustura, disse-me, que perdeu n'esta guerra tres escravos em combate. Lopez os alistou a todos no serviço das armas, não fazendo alteração em sua condição servil. Se morrem, perde o senhor respectivo.

Não ha severidade bastante, com que se estigmatise o proceder de tantos escriptores na Europa, que ousam oppôr-nos o Paraguay, como um contraste, em materia de escravidão.

Mesmo no livro de *Du-Graty*, sobre essa republica, obra de caracter official, vem reproduzida integralmente a lei, que authentica a existencia de escravos no Paraguay, estatuindo sobre a venda dos mesmos : edição de Bruxellas, 1865, pag. 195 á 197 do appendice.

Tendo alli diante de mim esses testemunhos recentes de tantos crimes commettidos contra a humanidade, experimentei um sentimento de consolação, vendo que o cégo desvalido, symbolo do infortunio, fôra remido do captiveiro pelas armas do Brasil. Nobre e altiva vingança de nossa patria contra os seus detractores !

Aquella triste visita pedia uma compensação ; e eu a tive n'esse dia, tão inteira, como póde sentil-a aquelle, que é chamado á contemplar a imagem da virtude, reproduzida sobre a terra.

Meus olhos desviaram-se da escuridão lugubre das casamatas, dos gemidos plangentes dos hospitaes, e das scenas

da escravidão, para repousarem tranquillos em um espectaculo de caridade e de religião !

Todos os que foram ao Paraguay, terão já repetido o nome da veneranda matrona D. Anna Justina Ferreira Nery, viuva do capitão de fragata Isidoro Antonio Nery.

Em agosto de 1865 seguiu ella para o theatro da guerra, fazendo companhia aos tres filhos varões, que lhe ficaram d'aquelle consorcio. Esses tres filhos, todos em serviço de campanha, são :

Os doutores em medicina Justiniano de Castro Rabello e Izidoro Antonio Nery, ambos em serviço nos nossos hospitaes, e o alferes Pedro Antonio Nery.

Levada por um sentimento profundo de humanidade, essa respeitavel matrona votou-se toda á uma vida de caridade ; e o seu exemplo póde encher de orgulho as senhoras brasileiras.

Tem ella servido de simples enfermeira em nossos hospitaes, tratando como verdadeira mãi a todos os feridos e doentes. Actualmente mora ella em uma casa separada, na qual estão em tratamento varios officiaes e praças, que a veneram e tratam por mãi.

Tambem recolhe junto a si as crianças, que ficam orphãs em campanha por morte de seus infelizes pais : actualmente vivem quatro d'esses anjos de innocencia em companhia d'essa mãi de caridade e de ternura. . . .

. . . .

Finalmente deixei o Paraguay.

Lá desapparece diante de nossos olhos essa terra de mysterio....

Retiro-me d'este solo com o coração contrahido de dôr, como se houvéra visitado o tumulo de um povo, cavado por elle proprio para ahi sepultar-se com suas tradições de sangue e de indomita ferocidade !

PRIMEIRAS EXPLORAÇÕES

da costa brasilica de 1501 a 1506

(Paginas ineditas da 2ª edição da *Historia Geral do Brasil*)

PELO BARÃO DE PORTO SEGURO

Socio do Instituto Historico Geographico e Ethnographico Brasileiro

Não sabemos ao certo em que data foi recebida em Lisboa a nova do achamento, por Cabral, das terras de Porto Seguro. Em todo o caso alguma demora houve em aprestar-se, uma pequena frota, de trez caravellas, que foi destinada a reconhecer a qualidade, valor e extensão da nova terra descoberta. Só alcançaram os novos expedicionarios a partir em meiados de Maio do anno seguinte de 1501, antes do regresso de Cabral a Lisboa, vindo a encontral-o no porto de Cabo Verde.

Deveriam por ventura contribuir a tanta demora as pretenções do governo de mandar na pequena frota exploradora alguns dos pilotos praticos nas navegações anteriores dos castelhanos a este Novo Continente; e que esperou chegassem de Sivilha; entrando n'este número o florentino Amerigo Vespucci, que acompanhára pouco antes a Hojeda, e em 1497—1498, havia estado em outra grande exploração desde a costa de Honduras por todo o golfo mexicano atè a Florida (1).

Temos tambem por mui provavel que, para ir n'esta exploração se fizeram propostas vantajosas a João Dias de Solis, o Bofes de Bagaço, portuguez que se havia passado ao serviço de Castella.

(1) Veja-se o nosso opusculo: —*Le Premier voyage de Amerigo Vespucci définitivement expliqué dans ses détails.* Vienna, 1869, in-folio.

A capitania da nova frotilha foi pelo rei, segundo as conjecturas mais admissiveis, confiada a um de seus favorecidos, D. Nuno Manoel, ao depois guarda-mór e almotacé-mór da sua casa, irmão do seu camareiro mór D. João Manoel, e ambos filhos de Justa Rodrigues, ama que fôra do mesmo rei, e de D. João, bispo da Guarda.

A circumstancia de não ser um nauta entendido o chefe da expedição, fez que, na direcção d'ella, tivesse voto preponderante o mesmo Amerigo Vespucci, que a conduziu proximo á paragem onde estivéra com Hojeda. Assim, depois de aportar em Bezenegue, ou actual Gorée perto do Cabo Verde, em Africa, veiu avistar terra, a 16 de Agosto, na latitude proximamente de cinco gráos, junto do cabo que, em virtude da festa do calendario n'esse dia, recebeu o nome de S. Roque, com que ainda hoje é designado.

Dois jovens que então desembarcáram, a tratar com os habitantes, ficaram ahi victimas da barbaridade e anthropophagia d'elles. Assim, por este lado, a primeira ruptura e aggressão entre os da terra e os seus futuros colonisadores não partiu d'estes, os quaes, foram victimas da traição, e a deixáram absolutamente impune.

A esquadrilha seguiu para o Sul; e o seu chefe, com o calendario na mão, foi successivamente baptizando as differentes paragens da costa, designando á posteridade o dia em que a ellas aportava; do modo seguinte:

A 28 de Agosto no Cabo de *S. Agostinho*.
» 29 de Setembro no rio de *S. Miguel*.
» 30 do dito no rio de *S. Jeronymo*.
» 4 de Outubro no rio de *S. Francisco*.
» 21 do dito no rio das *Virgens*.
» 1° de Novembro na Bahia de *Todos os Santos*.
» 13 de Dezembro no rio de *S. Luzia* (Rio Doce?.)
» 21 do dito no cabo de *S. Thomé*.

» 25 do dito na Bahia do *Salvador*.
» 1.º de Janeiro (1502) no Rio de Janeiro.
» 6 do dito na *Angra dos Reis*.
» 20 do dito na Ilha de *S. Sebastião*.
» 22 dito no Porto de *S. Vicente*.

A maior parte d'estes nomes ainda hoje subsistem; e alguns foram, com o andar do tempo, substituidos por outros.

Do porto de S. Vicente passou a esquadrilha ao de Cananéa, no qual deixou degradado um bacharel portuguez, que ainda ahi vivia trinta annos depois. Propendemos a crêr que seria este o proprio bacharel Gonçalo da Costa, que ahi veiu a ser encontrado por Cabot (2).

Da Cananéa seguiu a frotilha para o Sul até o cabo de *Santa Maria*, ao qual deve então talvez este nome, e que pouco tempo depois encontramos dado ao Rio que hoje denominamos da *Prata*; por ventura por haverem a elle chegado a 2 de Fevereiro, dia da Purificação da Virgem. Apezar de que n'esta parte mui pouco explicito seja Vespucci, na sua narração, unica que d'esta viagem nos resta, entendemos que, ao chegarem a esse cabo, imagináram que ahi acabava este continente.

Em todo o caso, diz-nos Vespucci que, esmorecendo o chefe, entregára á sua responsabilidade a futura direcção da viagem; pelo que elle, depois de prover como poude as caravellas do necessario, partiu d'ahi no dia 15 de Fevereiro (1502), e tomando, á ventura, o rumo de sueste, ao cabo de 50 dias de navegação, no dia 7 de Abril, descobriu e depois costeou, uma inhospita e grande terra, que não póde ter sido outra senão a ilha hoje denominada *Georgia Austral*, segundo a appellidou Cook ao visital-a, em Janeiro

(2) Não havemos podido legitimar o nome de Duarte Peres que dá um escriptor do seculo passado a certo bacharel degradado n'essas paragens, de que faz menção, sem allegar titulos convincentes.

de 1775, julgando descobril-a então; sendo certo que além de descoberta por Vespucci, d'esta vez em 1502, havia ella já sido visitada em 1675 (justamente um seculo antes de Cook) por Antonio Rocha, vindo de Chiloe; pelo que lhes chamaram, algum tempo —*Ilha Grande de Rocha*— (3)

D'estas plagas inhospitas e tempestuosas, cobertas de nevoas e onde as noites eram mui grandes, resolveu Vespucci regressar a Portugal; e tomando rumo em direitura a Serra Leôa, e d'ahi aos Açores, veiu entrar em Lisboa, no dia 7 de Setembro, com duas das caravellas, havendo-se resolvido queimar a outra em Serra Leôa.

As informações dadas por estes exploradores foram pouco favoraveis a uma tão grande extensão de terra; e o proprio Vespucci nol-o confirma, na carta que escreveu ao gonfaloneiro de Florença Pedro Soderini, seu antigo condiscipulo, e que corre inpressa; não hesitando em assegurar-lhe que na terra não havia metaes alguns, nem mercadoria de aproveitar-se, mais que canafistola e o lenho de tinturaria.

Em presença de taes informações, a corôa limitou-se a abandonar a mesma terra á mercê dos especuladores particulares, os quaes á porfia começáram a vir a estes portos, principalmente a buscar tão productivas cargas do tal novo páo-brazil, que d'este veiu a tomar o nome toda a região. Um d'estes especuladores deve haver sido Fernão de Noronha, que, provavelmente pelo S. João de 1503, descobriu a ilha que então deu o nome d'este santo, e hoje é conhecida pelo proprio do descobridor, que foi tambem o primeiro donatario d'ella.

Ao abandonar, porém, a corôa á especulação particular

(3) Vej; o *Diario Nautieo* do mesmo Rocha na «*Descripcion Geogrfica y Derrotero de la Region Austral Magallanica* por D. Francisco de Seixas y Lovera. Madrid, 1690 in-4.

o tirar proveito da terra, concentrou os seus cuidados em preparar uma nova expedição mais consideravel, para seguir da extrema meridional d'este novo continente (que então julgaria terminar-se no cabo de S. Maria) até ás plagas orientaes da Asia, d'onde já se sabia que provinham as especiarias, e ás quaes se contava chegar com mais facilidade seguindo pelo poente. Era um regresso ás idéas de Toscanelli, ensaiadas por Colombo e depois realisadas por Fernão de Magalhães.

Organisou-se pois uma frota de seis navios, equipados, provavelmente, alguns por conta de armadores particulares, e o porto de Malaca, que na frase de João de Barros (I, 8, 1) era então «emporio e feira universal do Oriente,» foi designado como o a que ella devia dirigir-se. Já antes de partir, Vespucci escrevia ao seu antigo patrão Lourenço de Pier Francesco dei Medici, que contava ir breve « ao levante, passando pelo Sul » (4).

O commando d'esta importante expedição foi confiado a um nauta mais experimentado. Tal era Gonçalo Coelho, que já no tempo de D. João 2.° encontramos a commandar um navio, indo em 1488 a Senegambia, e conduzindo d'aqui um rei preto a Portugal. Amerigo Vespucci o acompanhou feito capitão de um dos navios; e temos por mui provavel que na mesma esquadra se embarcassem João Dias de Solis, e por ventura tambem João Lopes de Carvalho e João de Lisbôa, que annos depois apparecem como praticos e conhecedores d'estas paragens.

A esquadra não chegou a partir senão em meiados de 1503; e depois de refrescar na ilha de Santiago, principal

(4) « Versus meridiem, a latere orientis,..... per ventum qui africus dicitur », se lê na traducção latina feita pelo veronez Giocondo, que d'essa carta foi então publicada.

das de Cabo Verde, se encontráram, em 10 de Agosto, em presença de outra ilha d'elles desconhecida, a qual era a mesma que, provavelmente poucos dias antes, havia sido encontrada por Fernão de Noronha, como dissemos, e que ainda hoje leva este nome.

Em um rochedo proximo d'esta ilha naufragou a náo chefe; de modo que Gonçalo Coelho, com a de mais tripulação, teve que passar-se a outro navio. Este triste acontecimento foi causa de se desmembrar desde logo a mesma esquadra, separando-se o navio de Vespucci com outro, dos demais, que, provavelmente, proseguiram juntos com o commandante.

O de Vespucci, com o que se lhe aggregou, fizeram rumo para a Bahia; paragem que fôra antes assignada como ponto de juncção, em caso de esgarramento.

Depois de haverem ambos esperado em vão na mesma Bahia, durante dois mezes e quatro dias, sem que chegasse nenhum dos outros, assentáram de proseguir por sua conta, esperançados por ventura de ainda encontrarem os demais, ou de tomarem em outros portos alguma carga, com que indemnisassem em parte os gastos da viagem

N'esta conformidade, seguiram para o Sul, e foram entrando em differentes portos até chegarem ao de Cabo Frio Havendo aqui feito bôa carga de páo brazil, resolveram regressar com ella a Portugal, deixando ahi estabelecida uma pequena feitoria guarnecida de vinte e quatro homens (5); tendo Vespucci, antes de partir, effectuado uma excursão pela terra dentro na distancia de umas quarenta leguas.

Os dois navios viéram a aportar a Lisbôa aos 18 de Junho

(5) Os novos argumentos apresentados na obra—*Amerigo Vespucci*—confirmáram-se em 1868 á vista do —*Isolario* de Sta. Cruz, MS. da Bibl. I. de Vienna Vej. a mem. *Dell' Importanza*, etc.

de 1504. E, um mez depois, em 16 de Julho, ahi entrava igualmente, « vinda do Brasil » a náo de Ruy Mendes. Não podemos suppôr que esta fosse outra, desgarrada da mesma expedição; pois tal circumstancia não deixaria de ser contemplada pelo dito Vespucci na carta que, em 4 de Setembro, dirigiu ao seu compatriota Soderini, quando ainda nenhumas noticias havia de Gonçalo Coelho, o qual o mesmo Vespucci julgava perdido (segundo elle) «para castigo da sua muita soberba.»

Não succedia porém assim. Gonçalo Coelho havia tambem seguido para o Sul, e segundo revelações deduzidas de alguns antigos portolanos (6), se recolhêra, nada menos que á bahia do Rio de Janeiro, e ahi assentára em terra um arraial, onde não tardaria em ter, pelos proprios selvagens, noticias da existencia do outro deixado em Cabo Frio.— Algumas suspeitas levam-nos até a suppôr, que esse primitivo arraial ou alojamento teve lugar junto do riacho que d'ahi tomou o nome de *Cari-oca* (casa de Branco), e que foi n'elle que foram sacrificados á brutalidade dos barbaros os dois religiosos arrabidos, que dos archivos da provincia constava (7) haverem passado a estas regiões em 1503. Cremos tambem que a demóra de Gonçalo Coelho n'estas paragens seria de dois a trez annos, que mandou ou foi em pessoa explorar a costa do Sul até a bahia de S. Mathias, d'onde regressára, sem persistir mais em busca da passagem com que contava para seguir, por esse lado, até Malaca; e que finalmente era de sua expedição a náo de que

(6) Vej.—*Nouvelles recherches*—etc. (acerca de Amerigo Vespucci).

(7) Veja o periodo da *Chron. da Arrabida*, por Francisco Antonio da Piedade. Pag. 1ª Liv. 3, cap. 40, n. 603. Não cremos hoje provavel que em 1503 estivessem em Porto Seguro.

se trata em uma relação ou gazeta (8) que por esse tempo se publicou, com muitas noticias d'estas paragens, e até das grandes riquezas e metaes de um paiz (o Perú) nas cabeceiras do Prata.

D'este modo ficaram ainda perdidos e mallogrados para o Estado, os gastos feitos com esta segunda expedição; o que daria ao governo poucos estimulos para empenhar-se tão depressa em outros novos, sem nenhuma esperança de resultados proficuos.

Entretanto não deixaram de aportar n'esta costa, como era natural, os navios das primeiras armadas que se dirigiam a India, taes como das commandadas por Affonso de Albuquerque, pelo almirante Gama, por Tristão da Cunha, e mui provavelmente tambem, antes d'ellas, as de João da Nova. De nenhuma d'estas frotas consta ao certo os portos em que entraram, nem o numero de dias que n'elles se demoraram, nem os colonos que, contrariados ou por vontade propria, foram por ellas deixados em terra. Pela tradição sabemos que o porto geralmente frequentado pelos náos da India era o de Santa Cruz, ao norte de Porto Seguro, e de mais fundo que este. Tambem, desde os primeiros annos, alguns navios francezes principalmente de Honfleur, trazendo com

(8) *Zeitung aus Presilig Landt*—No opusculo—*Nouvelles recherches*—(respeito a Vespucci) pag. 10, 11, 49 e 50, dizemos que esta relação seria escripta em 1506, anno, cremos, em que seria antes publicada em Italia, como o fôra a relação annexa de Pedro Affonso Malheiro, que segundo Panzer (X, p. 24) foi publicada (em latim) em Roma por Joan Besicken em 7 de Novembro de 1506. É sabido como Alex. Humboldt acreditou que esta relação se referia a uma viagem ao estreito de Magalhães, e por conseguinte que a relação só havia sido publicada depois de descoberto este estreito; e foi o autor d'esta historia quem primeiro indicou que a especie de mar mediterraneo de que n'ella se faz menção, deve ser a grande bahia de S. Mathias, que no seculo 16º era considerada termo por esse lado das explorações portuguezas.

sigo portuguezes praticos d'estas viagens, começaram a frequentar o nosso littoral; e d'isso foi informado Portugal ao regressar a gente de Gonçalo Coelho em 1506. De um d'elles, chamado *Espoir de Honfleur*, de cento e vinte toneladas, tendo por capitão Binot Palmier de Gonneville, temos noticia circumstanciada, de cuja authenticidade não é possivel duvidar-se. Partindo, com destino para a India oriental, em meiado de 1503, veiu a arribar a estas costas; primeiro, ao que parece, entre os *Carijós* do Sul, e segunda vez ao norte dos tropicos, entre os ferozes *Tupinambás*, já visitados pelos européos, talvez nas immediações de Cabo Frio (9): e depois cem leguas mais ao norte; por ventura nas immediações de Porto-Seguro, entre os mansos *Tupininquins*, avistando finalmente, no regresso á Europa, a ilha de Fernando de Noronha.

Ião a bordo dois portuguezes Bastião de Moura e Diogo de Côito (Cohiuto). Poucos annos depois (1509) fôram levados a Rouen sete indios do Brasil (10).....

---

(9) Apartamos-nos aqui da opinião do Sr. d'Averer que julga ter sido esta segunda arribada primeiro em Porto Seguro e depois na Bahia (*An. des Voy. de Junho e Julho de* 1869.)

(10) Vej. as notas ao Ens. Cæsar Chron. Paris, 1512.

APONTAMENTOS

PARA A

HISTORIA DOS JESUITAS

NO BRASIL

Extrahidos das Chronicas da Companhia de Jesus

PELO

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL

Socio do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil

(Continuados da pag. 275 do tomo XXXIV Parte segunda)

SANTUARIO MARIANNO (135)

Consta esta obra, hoje mui rara, de dez tomos, occupando-se o chronista de cousas do Brasil no tomo IX e parte do X.

Tirando as descripções da fundação das igrejas e capellas, dedicadas a Nossa Senhora, das imagens e retabulos, figurando a mesma Virgem, quasi que cinge-se a copiar o que disseram os padres Balthasar Telles e Simão de Vasconcellos nas suas *Chronicas*, que ficam atraz resumidas; de modo que pouco pude colher d'esta obra que interesse o assumpto de que me occupo, senão que repeti alguns factos para dar mais força ao que fica já escripto.

(135) Cumpre patentear aqui o meu reconhecimento ao Exm. Sr. commendador Antonio da Silva Tullio, bibliothecario-mór da bibliotheca nacional de Lisboa, pela benevola complacencia com que permettiu-me trazer para casa e consultar com todo o socego e vagar esta e parte das obras que cito n'este trabalho,

E' a Bahia, « cabeça d'esta dilatada porção da America e Nova Lusitania, onde reside o governador ou vice-rei, o arcebispo, e estão os tribunaes das justiças e relação. » Foi Francisco Pereira Coutinho quem primeiro a conquistou do poder dos indios. Depois da sua desgraçada morte, Diogo Alves Caramurú com seu genro Paulo Dias, que eram mui estimados dos indios pela brandura e affabilidade com que os tratava, restaurou parte do que se havia perdido « pela desordem, ambição e tyrannia de muitos portuguezes. »

Reflexionando o chronista sobre o poder que tem nos animos dos selvagens a brandura, diz: « que até estes (os indios) com serem umas feras montezas, e quasi homens sem uso da razão, sabem reconhecer a brandura e estimar a mansidão: e com não parecerem humanos, abominam a deshumanidade. » (*Sant. Mar.* tomo IX, liv. I, pag. 3).

Está a Bahia de Todos os Santos em 13° escassos na parte do sul, tem uma fiel estancia para os navios, muitas ilhas, « todas tão frescas, que cada uma d'ellas, parece um paraiso. »

Foi erecta em bispado pelo papa Julio III no anno de 1551, á instancia de D. João III, « que cuidou muito do espiritual das suas conquistas. »

Faz o autor a resenha dos prelados brasileiros por esta ordem chronologica:

Bispos. *Primeiro.*—D. Pedro Fernandes Sardinha, naufraga em 1663.

Segundo.—D. Pedro Leitão.

Terceiro.—D. Antonio Barreiros, que havia sido prior d'Aviz.

Quarto.—D. Constantino Barradas. No seu tempo mandaram-se administradores por el-rei, ao Rio, Pernambuco, e ás demais capitanias.

Quinto.—D. Marcos Teixeira. Morre a 8 de Março de 1624, tendo entrado na Bahia a 8 de Dezembro de 1622.

Sexto.—D. Miguel Pereira.

Setimo.—D. Pedro da Silva Sampaio.

Oitavo.—D. Alvaro Soares de Castro, do conselho geral do Santo Officio. Morreu em Lisboa sem ir ao Brasil; porque em razão das guerras com Castella nunca veiu confirmado de Roma.

Nono.—D. Estevão dos Santos.

Decimo.—D. frei Constantino de Sampaio, segundo do nome e religioso da ordem de S. Bernardo. Falleceu em Lisboa antes de lhe haverem chegado as bullas. Foi o ultimo bispo sendo a Bahia elevada a arcebispado.

O ARCEBISPADO DA BAHIA foi creado por Innocencio XI no anno de 1671, e no reinado de D. Pedro II.

ARCEBISPOS. *Primeiro.*—D. Gaspar Barata de Mendonça, tomou posse por procuração a 30 de Julho de 1672. Falleceu no Sardoal, antes de haver ido á Bahia.

Segundo.—D. frei João da Madre de Deus, religioso da provincia de S. Francisco. Foi o primeiro que se passou ao Brasil onde falleceu em 1686.

Terceiro.—D. frei Manoel da Ressurreição, que foi antes nomeado bispo de Pernambuco. Religioso de S. Francisco, e do convento do Varatojo.

Quarto.—D. João d'Oliveira, primeiro bispo d'Angola, sendo logo depois nomeado arcebispo, sendo por esse tempo bispo de Miranda. Falleceu em 1715.

Quinto.—D. Sebastião Monteiro da Vide, prior da parochia de Santa Marinha de Lisboa. Vigario geral, e era vivo em 1720 (quando o autor escrevia sua obra).

PERNAMBUCO.—Indo D. Constantino Barradas, bispo da Bahia visitar Pernambuco e as mais igrejas do norte do Brasil, padeceu tantos trabalhos e perigos, que para se al-

liviar d'elles escreveu em 1615 a Filippe de Castella e de Portugal, pedindo-lhe fizesse bispados a Pernambuco e Rio de Janeiro; porque eram terras ricas e muitos os dizimos.

O rei para o alliviar d'aquellas visitas, tanto para o norte como para o sul, nomeou administradores ecclesiasticos, ainda pendentes do bispo.

Impetrou breve de Paulo V, que separou Pernambuco, a Parahyba, e mais terras do norte da jurisdicção dos bispos da Bahia; e o mesmo o fez para o Rio e terras do sul, concedendo ao dito rei, que nomeasse administradores que lhe fossem sujeitos quanto á inquisição e correcção de suas pessoas, e appellações e aggravos de suas sentenças.

O primeiro administrador de Pernambuco foi o licenciado Antonio Teixeira Cabral, e a este seguiram-se outros até ao tempo de D. Pedro II.

Para melhor governo no espiritual das almas, conseguiu D. Pedro, como regente, do papa Innocencio XI fosse erecta em 1676 esta capitania em bispado.

Bispos de Pernambuco.—*Primeiro.*—D. Estevão de Figueiredo, que havia sido visitador geral do arcebispado de Lisboa. D'aqui de Pernambuco foi promovido para o bispado do Funchal.

Segundo.—D. Mathias de Figueiredo e Mello, que havia sido prior da bentosa e visitador do bispado de Coimbra: nomeado em 1684, morreu em 1694. Abrindo-se a sua sepultura, annos depois, diz o autor, que se lhe achou « o corpo inteiro e incorrupto » (136).

Terceiro.—D. João Duarte do Sacramento, fundador da congregação do oratorio de S. Filippe Nery, de Pernambuco onde se achava quando foi nomeado bispo em 1694. As bullas, porém, chegaram quando já era elle morto.

(136) Vej. *Sant. Mar.*, tomo IX, liv. II. Intr. pag. 262.

Quarto.—D. frei Francisco de Lima, que fôra nomeado bispo do Maranhão em 9 de Outubro de 1691, recebeu as bullas a 12 de Junho, segundo o autor, e a 22 de Agosto do mesmo anno, como se lê no *Diccionario Historico-Geographico* do Sr. Dr. Cesar Marques: ha evidente engano de mez em ambos. Foi sagrado a 20 de Abril de 1692 pelo cardeal D. Verissimo d'Alencastro, sendo seus assistentes D. João de Sousa, bispo do Porto, e D. José de Vasconcellos d'Alarcão, bispo do Rio de Janeiro (137). Promovido em 1695 a Pernambuco, chegou a Olinda em 1696, falleceu em 29 de Abril de 1704, e jaz sepultado no convento carmelitano d'essa cidade.

Quinto.—D. Manoel Alvares da Costa, nomeado em 1705, depois promovido em 1720 ao bispado d'Angra, na ilha Terceira (138).

DIOGO ALVES.—Dão-n'o alguns escriptores como o primeiro povoador da Bahia: foi um mancebo nobre, natural da villa de Vianna do Minho, e de generoso coração. Embarcou-se em uma náo, ou para a capitania de S. Vicente, como querem uns ou para a India, segundo outros, o certo é que a náo, depois de quebrados os mastros por uma tormenta, foi naufragar nos baixos, junto á barra da Bahia, chamada dos gentios *Mairaguiquig*, onde pereceu parte da gente, sendo comidos uns, e captivados outros pelos gentios. «E entre os captivos notaram elles a singular constancia de Diogo Alves, que desprezando o golpe da fortuna,

(137) A' pag. 51. O *Diccionario Historico Geographico* do Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, no artigo, aliás mui curioso de noticias sobre os bispos do Maranhão acha-se este nome, ao que parece, pouco exacto—D. José de Barros Mareão.

(138) Vem no *Sant. Mar.* estas relações, a da diocese da Bahia, na introducção ao tomo IX (de pag. 5 usque 7, e as das demais dioceses na introducção ao tomo X.

ajudava a ajuntar as cousas, que sahiam do naufragio, em favor dos indios. Contentes d'elle, assentaram que ficasse com vida para os fins de seu serviço. » *(Loc. cit.* pag. 9)

Recolheu Diogo Alves entre as cousas rejeitadas á praia alguns barris de polvora e dois mosquetes ou espingardas. Estando já na sua aldêa os indios, concertou Diogo Alves uma das armas, carregou-a e disparou diante de todos,que á vista do estrondo, do fogo e do effeito produzido, ficaram attonitos, pondo-se em fugida as mulheres e os meninos, clamando que era um homem de fogo que os queria matar; mas dissuadiu Diogo Alves aos varões, *mostrando-lhes que com sua arte podia* ajudal-os contra os inimigos.

Houve dentro em breve ensejo para experimentar o effeito do mosquete; porque trazendo os indios, de quem era elle captivo, guerra com os *Tapuyas* de Passé, « distante como seis leguas do lugar aonde hoje se vê situada a cidade da Bahia, » levaram-n'o á sua frente; mas sabido isto dos contrarios deitaram a fugir por temerem o grande Caramurú.

Succedeu n'este tempo que navegando para o Rio da Prata uma náo com gente hespanhola, foi naufragar junto a *Boypeda*, em uma ponta que ficou chamada dos *Castelhanos*. Soube Diogo Alves d'isto e tratou logo de agasalhar os naufragos e de livral-os dos dentes dos selvagens.

Convento das Claras.—Partiram d'Evora as madres fundadoras a 8 de Novembro de 1676 e tomaram posse do convento onde se venera Nossa Senhora do Desterro, na Bahia, a 9 de Maio de 1677.

Eram as madres :—soror Margarida da Columna (abbadessa), a soror Luiza de S. José (vigaria), soror Maria de S. Raymundo e soror Jeronyma do Presepio. Todas se restituiram a seu convento em Evora a 8 de Novembro de 1686, dez annos justos depois da partida. *(Loc. cit.* pag. 19).

SÉ.—Em 1553 o bispo D. Pedro Sardinha deu principio

á cathedral metropolita, continuando-a D. Marcos Teixeira e seus successores.

Carmelitas.—(Observantes) Diz o chronista serem mui antigos na cidade da Bahia; mas no anno de 1602 é que deram principio á sua nova, bella e formosa igreja.

Nossa Senhora da Palma. (Ermida).—Foi fundada por Francisco da Cruz Arraes; e quando este morreu, seus tres filhos, que eram Bernardo, Dr. Ventura e Manoel levantaram a igreja, realisando-se a trasladação da imagem de Nossa Senhora da Palma em 1670.

Mortos já os irmãos, succedeu-lhes o Dr. Jeronymo Pereira da Cruz.

Os religiosos agostinhos descalços entraram na Bahia para levantarem um hospicio com permissão de D. Pedro II, e o Dr. Jeronymo fez-lhe cessão da igreja e pertenças. *(Loc. cit.* tit. XIX).

Hospicio dos padres italianos.—Os capuchinhos italianos tiveram licença para fazer um hospicio na Bahia para recolhimento de seus missionarios. Foi-lhes este depois tomado sem motivo plausivel e dado aos padres capuchinhos francezes, ficando os italianos desaccommodados. Depois, *por justas causas e justos juizos de Deus*, diz o chronista, foram os padres francezes lançados fóra de todas as conquistas, e el-rei D. Pedro restituiu os italianos ao seu hospicio. *(Loc. cit.* pag. 81).

Carnificina nos Caetés.—«No anno de 1590 Christovão de Barros, filho do provedor Antonio Cardoso de Barros, foi aos *Caetés* vingar a morte de seu pai, matando a muitos d'elles, captivando outros, e impedindo por este meio a communicação que tinham com os francezes.»

Cachoeira.—Em 1595 entrou no porto e sitio da Cachoeira, que fica ao norte da cidade e da Bahia, o capitão Alvaro Rodrigues Adorno, filho de Antonio Dias Adorno, o

qual, no tempo do governador Luiz de Brito d'Almeida, foi mandado descobrir minas de pedraria. Fez-se com boas maneiras capitão dos indios da Cachoeira, onde não havia até então moradores portuguezes.

Proseguiu o capitão Alvaro Rodrigues Adorno no descobrimento, e se fez senhor de muitas terras d'aquelle districto, que hoje (no tempo em que escrevia o autor) possue João Rodrigues Adorno.

Seminario da Cachoeira.—Foi fundado pelos jesuitas no sitio que era antigamente chamado *Sigismundo.* Foi o padre Alexandre de Gusmão quem fundou este seminario e a igreja em 1686, dedicando-a á Nossa Senhora de Belém. (*Loc. cit.* tit. CXVII).

Era n'aquelle tempo o padre Alexandre de Gusmão provincial da ordem, passando depois a reitor do mesmo seminario e n'elle continuou até ao anno de 1700, posto que houvesse renunciado aquella occupação por já se achar muito velho e cansado.

N. S. AZEVEDIANA.—Conta frei Agostinho de Santa Maria, (*Sant. Mar.cit.*, tit. CXIX,pag. 229) a seu modo, o lastimoso successo dos jesuitas, que foram aprisionados por Jacques Sória,não differindo na relação do facto ao que fica relatado da *Chronica da Companhia* do padre Balthazar Telles, referindo mais que a imagem da Senhora do Pópulo que o padre Ignacio de Azevedo trazia presa nas mãos por occasião de sua morte e que assim foi com elle arrojada ás praias, presume o chronista ser a que se venera no collegio da companhia, da cidade da Bahia, « e que disporia Deus que lá fosse levada. » Nota de singular que Jacques Sória não offendesse a nenhum dos passageiros portuguezes nem á marinhagem.

Ilhéos.—Mesmo no tempo das prosperidades d'esta capitania parece que Lucas Geraldes, já então senhor d'ella por

compra que havia feito a Jorge de Figueiredo Corrêa, seu donatario, pouco recebia d'ella; pois que de Portugal escrevia a seu feitor Thomaz, florentino como elle, e que lhe floreava em cartas de muita eloquencia as bondades d'aquelle territorio, e lhe dizia n'ellas: «*Thomazo, quiere que te diga? manda l'asucre, e deyxa le parole.*»

Nomeou D. João III a Lucas Geraldes governador do Brasil por morte de Manoel Telles; mas arribou e morreu sem nunca chegar a tomar conta do governo, indo substituil-o na posse da capitania dos Ilhéos, seu filho Francisco Geraldes.

Em 1675 chegou á villa d'esta capitania uma armada de corsarios francezes, composta de tres navios grandes e dez menores, saltando a gente em terra, onde não encontraram outra resistencia senão a do forte de Santo Antonio, que fica no porto, e onde havia um unico falcão com que o artilheiro Pedro Gonçalves fez um tiro e matou dois homens. Os moradores fugiram, excepto Christovão Vaz Leal com alguns poucos, que se oppozeram, mais tambem lhe foi forçoso refugiarem-se na ermida de N. S. das Neves. Os francezes os seguiram; mas com a morte e perda de doze arcabuzes voltaram para a villa e se fortificaram nas casas de Jorge e Martins, d'onde começaram a saquear as demais. Quem se mostrou por essa conjunctura brioso e valente foi um pobre mameluco, chamado Antonio Fernandes, e por alcunha o *Catuçadas*, «porque assim chamava ás estocadas na lingua de sua mãi.» Vai secretamente metter-se com alguns nas casas, e matavam os francezes que andavam n'ellas ao roubo. Foram-se animando e elegeram capitão a *Catuçadas*, que se não era o mais nobre, nem o mais rico, de certo que o mais valente.

« Eram quinze ou vinte sem mais armas que settas e espadas; e mataram no campo 57 francezes, e entre elles o

capitão. Fugiram e despejaram a terra e o porto por valor d'um moço boçal, que nem fallar (o portuguez) sabia. Não só foi esta confusão para os francezes, mas tambem para o capitão da capitania, que nunca mais appareceu. (*Loc. cit.* tit. CXXX, pag. 232).

São estas as noticias mais remotas da capitania e villa dos Ilhéos. Por esse tempo levantou-se a parochia de N. S. do Rosario, em cuja matriz se venerava a referida imagem.

N. S. DA SOLEDADE NAS MARGENS DO RIO S. FRANCISCO.— Templo magnifico que se descobre a duzentas leguas da foz.

« Um moço portuguez, Francisco de Mendonça, ourives, com vinte annos de idade, filho de pais pobres e que se suppõe natural de Lisboa, como padecesse, além do achaque da pobreza, outras queixas, resolveu a passar-se á Bahia, entendendo com a mudança de terra, melhorar de saude. Era devoto da Virgem, mas o clima, delicias e largueza com que lá vive quem não anda muito armado do temor de Deus, produziu logo o seu effeito, ao menos em parte. » (*Loc. cit.* tit. CXXXI, pag. 247).

Ajuntou algum cabedal e resolveu a deixar o mundo. Tinha já trinta annos. Distribuiu o que lá tinha (1680) e sahiu em habito humilde e pobre, acompanhado d'uma imagem de Christo do tamanho de trez palmos. Entrou pelo sertão a dentro, sempre inquieto, e foi dar a uma montanha mui grande das ribeiras de S. Francisco.

N'este monte descobriu o ermitão, que depois se chamou *frade da Soledade*, um grande e dilatatado templo. Duzentos palmos de comprido com largura proporcional, no cruzeiro tem oitenta e dois; é pois em fórma de cruz. « O tecto representa um céo com nuvens, e raios de diversas

côres, e por obra de uns bichinhos formadas bastantes estrellas como se reconheceu.

« Sustenta-se esta machina sobre columnas e bases de jaspe, e paredes reforçadissimas, nas quaes estão abertas algumas casas como capellas ou cellas. Tem capella-mór e collateraes, um sino com badalo de pedra, cujos toques são como se a arte o temperasse. Para este prodigio da natureza entra-se por uma portada, como porta d'uma grande cidade, e dentro, no braço do cruzeiro, á parte do evangelho, se vê uma porta onde se acha uma varanda com cem palmos de comprido, e d'alli ao rio faz a altura de trezentos palmos, tudo para a parte do occidente, por onde entra bastante luz, batendo-lhe ao pé o rio, que corre pelo frontispicio da penha, que para esta parte é altissima. » E por fóra parece uma cidade em que se notam rarissimas cousas, torres e pyramides altissimas, entresachadas com bons arvoredos. Acham-se tambem ao redor, e pelo alto da mesma penha bastantes covas e capacidades proporcionadas para ermidas. Dão a esta penha o nome *Itabarabá*, que na lingua gentilica vale o mesmo, *pedra que luz.* » *(Loc. cit.* pag. 250).

« O irmão Francisco « olhando para uma das capellas collateraes, vendo n'ella um perfeito monte Calvario, rematado com uma peanha e um singular buraco, que mysteriosa e proporcionalmente recebia a cruz da santissima imagem de Christo, o que foi para o ermitão maravilha assombrosa, alli a collocou. » *(Idem, idem).*

O arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide, com a noticia d'estas maravilhas, mandou logo visitadores: onde alguns sacerdotes, segundo diz o chronista, até alli celebraram missa,

Erigiram uma capella de N. S. da Soledade, e o ermitão ordenou-se em 1700, continuando a servir n'aquella igreja.

Porto Seguro.—Pedro de Campos Tourinho, segundo alguns, natural de Vianna, passou a capitania à sua filha Leonor de Campos, mãi d'outro Pedro de Campos, que foi deão da Bahia, que foi depois viver em Porto Seguro com sua mãi e com sua avó. Venderam-n'a estes ao duque d'Aveiro D. João de Lencastre, por cem mil réis de juros; tal era o pouco valor que davam ás novas conquistas!

Pernambuco.—« Entre as quatorze capitanias que dividem a costa maritima do Brasil, a mais florente, opulenta e fertil, é a de Pernambuco...» O terreno é outra terra da promissão, estendido em varzeas e campinas, vestido todo, já de verdes, já de amarellos cannaviaes que parecem que quantos torrões têm, são outros tantos torrões d'assucar.» (*Introd.* ao liv. II, pag. 259.

A etymologia do nome Pernambuco vem de *Paranã* (mar), e *Buc* (furado), de uma pedra furada por onde entra o mar e que se encontra vindo de *Temaraçá;* ou do recife de pedras por onde se entra no ancoradouro.

Fez D. João III mercê d'esta capitania a Duarte Coelho, em razão dos muitos serviços que prestára na India e na tomada de Malaca. Embarcou-se elle com sua mulher D. Brites d'Albuquerque, seu cunhado Jeronymo d'Albuquerque « e outra muita e nobre gente, » aportando ao rio *Igaraçú*, e desembarcando no sitio a que chamaram *Marcos*. Fundou a villa de Olinda.

Os padres de Santo Antonio passaram ao Brasil no anno de 1584. Eram religiosos da provincia de Portugal, sendo seu prelado o padre frei Belchior de Santa Catharina, que era definidor da provincia e grande prégador.

Chegaram ao Recife a 12 de Abril de 1585, e tomaram posse a 25 de Outubro da ermida de N. S. das Neves, que fôra edificada por uma virtuosa matrona, terceira da mesma ordem. Foi esta a primeira casa e convento que tiveram no

Brasil, e já em 1720 era a provincia com mais de vinte e tres casas n'elle, depois de ter sido elevada a esta cathegoria pelo papa Alexandre VII a 14 de Agosto de 1657. « E porque no tempo em que foi custodia era chamada de Santo Antonio, conservou este nome, e ainda agora ao presente conserva. »

Foi Jorge de Albuquerque Coelho quem não só alcançou do papa Xisto V, a patente de geral da ordem, como tambem o respectivo breve. (Vej. *Agiologio Lusitano*, t. III, pag. 311).

Collegio da companhia em olinda.—Deram os padres da companhia principio ao seu collegio em uma antiga ermida de N. S. da Graça, que se suppõe ter sido fundada quando começou a ser povoada a cidade de Olinda. Não mudaram áquella casa o titulo e invocação que de antes tinha. (*Loc. cit.*, pag. 319).

N. S. da penha de França.—Os capuchinhos francezes, com a permissão dos reis de Portugal, fundaram um hospicio no Recife. « A experiencia tem mostrado, diz o chronista, não ser o interesse das almas o que os guia. »

D. Pedro II os mandou sahir d'aquella e de todas as mais terras de suas conquistas « por lhe constar que não convinham n'ellas estes missionarios. »

Parece-me que este acto violento foi suggerido pelos religiosos portuguezes, invejosos da aceitação e estima que iam tendo aquelles entre os indigenas.

Os capuchinhos italianos vieram substituil-os.

Parahyba.—Em 1581, logo que foi povoada a Parahyba, entraram n'ella os padres carmelitas observantes e fundaram o convento do Carmo. Suppõe o autor do *Santuario*, que os padres de Santo Antonio tambem entraram ahi, quando muito no anno de 1600, fundando logo seu convento. (*Loc. cit.* pag. 298.)

JESUITAS.—Não diz o autor quando entraram na Parahyba, e só que tinham alli casas nas quaes viviam; mas o sitio não era capaz de fundarem n'elle collegio.

Havia no fim da villa uma ermida dedicada a S. Gonçalo, com uma imagem de N. S. da Penha de França. Era o sitio melhor, muito largo e de melhores ares. Pediram o sitio á camara, e a ermida ao vigario. «E o vigario s'affeiçoou tanto ao santo procedimento dos padres, e á sua virtude, que lhes deixou umas boas terras que tinha, de que elles com a sua grande industria e bom governo, têm muitos interesses. E além das terras, que lhes deixou, os fez senhores de quasi todos os mais bens; e por isso fizeram nova igreja e commodo para os padres, constando de dez dormitorios e todas as mais officinas, com que ficaram bem accommodados n'aquelle sitio, que é alegre e com muita boa vista. (*Loc. cit.* pag. 359).

RIO GRANDE (DO NORTE).—Conquistada a Parahyba, não desanimaram os francezes, mas seguindo as emigrações dos *Tapuyas*, rebatidos do sul, os vinham como que acompanhando, e continuando em seus tratos. Commerciavam no Rio Grande com os *Potiguares*, e d'alli sahiam como de um covil a saltear os navios, que iam e vinham de Portugal, roubando-os, captivando os portuguezes e vendendo-os aos gentios para os comerem. Para se atalharem estes grandes damnos escreve el-rei para Pernambuco a D. Manoel Mascarenhas Homem e ao capitão-mór Feliciano Coelho, encarregando-lhes fossem ao Rio Grande, e n'elle fizesse uma povoação, e pedissem ao governador geral D. Francisco de Sousa, provisões para tudo o que fosse de mister, assistindo a toda a despeza da sua real fazenda.

Partiu de Pernambuco a armada de seis náos e cinco caravellas, e por terra vinha o proprio capitão-mór de Pernambuco com tres companhias de pé e uma de cavallo, e

assim foram todos; mas começando a enfermar de bexigas a gente que vinha por terra, só chegou a armada, em que ia o padre Gaspar de S. Peres, grande engenheiro da companhia, para dispôr a fortaleza, que se havia de levantar, levando por companheiro o padre Lemos, e indo mais o padre frei Bernardino das Neves, religioso capucho da provincia de Santo Antonio por ser muito perito na lingua brasilica e na dos *Potiguares*, e muito respeitado e amado d'elles pelas suas virtudes.

Chegou a armada a 17 de Dezembro de 1597. Dos que iam por terra e adoeceram, só foi em um caravellão Jeronymo de Albuquerque com mais alguns poucos a ajuntar-se com Manoel Mascarenhas Homem, que na viagem teve vista de sete náos francezas que estavam no porto dos Buzios, contratando com os *Potiguares*, « porém vendo aquelles a nossa armada, picaram as amarras e se foram embora.»

No dia seguinte mandou Manoel Mascarenhas logo de manhã descobrir o rio, e descoberto que foi, entrou por tarde a armada, guiada por marinheiros praticos. Alli desembacaram e se entrincheiraram com estacas de mangues, para se dar principio, e defenderem-se dos gentios *Potiguares* que não tardaram em vir, como o fizeram, em uma madrugada quasi infinitos, acompanhados de cincoenta francezes que haviam ficado no porto dos Buzios, os quaes « rodeando a nossa cerca nos feriram, e comtudo não desmaiámos, antes á vista do sangue mais nos assanhámos, defendendo-nos e offendendo tão animosamente os inimigos, que levantaram o cerco e se foram; posto que voltaram depois innumeraveis, recolhendo se bem castigados. »

Depois se reuniram os capitães Manoel Mascarenhas e Feliciano Coelho para discorrerem como se havia de acabar o forte, dispondo trabalhassem todos, assim portuguezes como *Tobayares*, que eram amigos e os haviam acompanhado.

E mandando sahir alguns brancos e indios, foram dar em umas aldêas, onde mataram quatrocentos e captivaram oitenta (!) E d'estes ultimos souberam estava muita gente junta, assim *Potiguares*, como francezes, em seis cercas muito fortes, para virem dar nos portuguezes. Realisou-se a denuncia,estes porém resistiram, e se defenderam valorosamente, até se acabar o forte, o que feito, entregou-o Manoel Mascarenhas a Jeronymo de Albuquerque deixando-lh'o muito bem fornecido de artilheria, munições e de tudo o mais que era de mister, e se partiu com a mais gente da armada para a Parahyba, e os que ficaram obraram tão valorosamente, que mataram infinitos *Potiguares.*

E' para notar que os portuguezes tomam sempre posse de novas terras por meio da violencia e do exterminio, afugentando e exacerbando os infelizes indigenas!

Depois de se recolher Manoel Mascarenhas á Parahyba, consultou Jeronymo de Albuquerque ao padre Gaspar de S. Peres, que traça haveria para se fazerem pazes com os *Potiguares.* E deram com uma felicissima, que foi soltarem um principal chamado *Ilha Grande*, que tinham preso e que era grande feiticeiro, e mandal-o que as fosse tratar com seus parentes. Foi-se o indio bem instruido no que havia de obrar, e chegando á primeira cerca ou aldêa, onde foi bem recebido dos seus, mórmente sabendo ao que ia. Mandaram pois aos das mais aldêas, assim da ribeira do mar, como da serra, aonde estava o *Páo-Secco* e *Zorobabé*, que eram os maiores principaes e aos quaes fez o indio um grande arrazoado, de sorte que os obrigou a aceitarem as pazes, dizendo-lhes fossem com elle ao governador e capitão do forte Jeronymo de Albuquerque, e levando os mais principaes, a fazerem pazes, que seriam sempre firmes, como as haviam feito com *Itajuba* (Braço de Peixe) e com os mais *Tobajares*, e o costumavam fazer com todo o Bra-

sil; porque os que se mettiam na igreja, não os captivavam os portuguezes, antes os doutrinavam e defendiam; o que os francezes nunca fizeram, e menos o fariam agora, que tinham o porto impedido com a fortaleza onde não poderiam entrar sem os matarem.

Com isto ajustaram-se as pazes, o que succedeu em 1599, fazendo-se com toda a solemnidade e assistencia de todos os cabos, do ouvidor-geral e do padre frei Bernardino das Neves, que era o interprete. Feitas as pazes, começou-se logo a povoação a uma legua da fortaleza, dando-se-lhe depois o nome de cidade Natal.

Ceará.—A capitania do Ceará fica distante de Pernambuco mais de duzentas leguas e em altura de 2° e meio para parte do norte da linha equinocial, e no mesmo continente e terra firme do Rio Grande dos Tapuyas (é este o nome que davam antigamente ao Rio Grande do Norte) e cuja villa mandou D. Pedro II se dedicasse a S. José do Ribamar, sendo tambem dedicada ao mesmo santo a igreja matriz. (*Loc. cit.* pag. 357).

Maranhão.—Diz o chronista (pag. 361, tom. IX) que quando perdeu-se, em 1535, a armada de Ayres da Cunha, foram dar na ilha das Vaccas, que era assim chamada antigamente a do Maranhão (139), o cabo e os dois filhos de João de Barros, e fizeram pazes com os *Tapuyas* que a habitavam; chegando a tanto a amizade entre elles « que alguns tiveram filhos das *Tapuyas*, como se descobriu depois que cresceram, não só porque lhes nasciam

(139) Suppõe o Exm. Sr. barão de Porto Seguro (F. Varnhagen), que é a essa ilha que coube a denominação de ilha da *Trindade* e a da povoação européa, formada, como acima digo, dos poucos naufragos da primeira e mallograda expedição.

barbas, como todos os descendentes d'elles as produzem, como seus pais e avós. »

Berredo nos *Annaes Historicos*, refere no n. 46, liv. I, que parte da gente se salvou á nado na ilha do Medo, que fica na bahia do Boqueirão, onde fizeram pazes com os *Tapuyas;* mas conhecendo que não bastava para povoação, passado algum tempo voltou para Portugal, a bordo dos navios piratas que navegavam aquella costa. » O padre José de Moraes não confirma a noticia de terem os naufragos da expedição de João de Barros tido relações taes com os indigenas, que se propagassem d'ellas mestiços, nem a ilha do Medo, até hoje deshabitada, parece lugar azado para fundação de nucleo popular de qualquer natureza (140).

Falla no entanto o Exm. barão de Porto Seguro da povoação de Nazareth formada pelos naufragos da expedição de Ayres da Cunha, não na ilha do Medo, mas na do Maranhão.

Nossa Senhora do Desterro.—Vê-se em um alegre sitio, « fóra da cidade cousa de um tiro de mosquete, o santuario de N. S. do Desterro, imagem de grande devoção. »

E' esta santissima imagem, continúa o chronista, de vestidos riquissimos, e a sua altura são alguns quatro palmos. Da Senhora do Desterro faz menção o conde da Ericeira no seu *Portugal Restaurado*, fl. 302. Berredo *(Annaes Historicos do Estado do Maranhão)* que os hollandezes, por occasião de occuparem a cidade de S. Luiz do Maranhão, despedaçaram essa imagem (livro XI, n. 771). Hoje erguese no mesmo sitio, notavel por ter sido onde desembarcaram os hollandezes, a elegante capella de S. Joseph do

(140) Vej. *Historia da Companhia de Jesus*, pelo padre José de Moraes (Rio de Janeiro—1860), pag. 21.

Desterro, reedificada ha pouco pela muita devoção e perseverança do Sr. Marcellino José Antunes Pimenta (141).

Mathias de Albuquerque, governador de Pernambuco, sendo nomeado para a Bahia, e desejoso de acudir ás capitanias do norte, pelo receio de corsarios que as infestavam, mandou á do Maranhão um barco com alguns velhos e mulheres, e n'elle veiu tambem o padre franciscano Christovão Severim, custodio da provincia de Santo Antonio, com quinze frades de sua ordem e do convento dos padres capuchos de Portugal e cinco mais da custodia do Brasil, que se reuniram a elles.

O administrador ecclesiastico de Pernambuco, o Dr. Bartholomeu Ferreira Lagarto, deu-lhe posse de vigario-geral e provisor, como os trazia do Santo Officio.

Partiram do Recife a 12 de Julho de 1624, e a 18 estavam na enseada de Mocuripe, do Ceará.

O capitão Martim Soares Moreno os levou para a Fortaleza, onde se demoraram quinze dias, sacramentando os brancos, e doutrinando os indios de duas aldêas, que alli haviam, e onde o custodio, á requerimento do capitão, deixou dois religiosos. Antes porém d'estes sacerdotes haviam já ido do Maranhão para alli dois da mesma ordem ; isto quando era governador Jeronymo de Albuquerque.

Eram elles: frei Francisco de S. Cosme e S. Damião e frei Manoel da Piedade, os quaes não fundaram o convento; mas nem por isso faltaram aos seus deveres.

Chega aquella santa caravana ao Maranhão a 6 de Agosto de 1624, e dá principio á fundação, que, diz o autor, foi

(141) Vej. *Diccionario Historico Geographico do Maranhão*, pelo Dr. Cesar Augusto Marques, no artigo—*Desterro*—de pag. 179—181 (Maranhão 1870).

a primeira d'aquella cidade, referindo-se provavelmente aos portuguezes; porque é sabido que os padres francezes Yves d'Evreux, Claudio d'Abbeville e seus companheiros por occasião de ser a ilha occupada em 1612 por gente de sua nação, erigiram um hospicio onde celebraram missa, e em cujo sitio levantaram depois os jesuitas a igreja de N. S. da Luz, e que hoje serve de cathedral. Levantado que foi pelos sacerdotes portuguezes o edificio de que falla o chronista, celebraram n'elle sua primeira missa em 2 de Fevereiro de 1625, dia de Nossa Senhora das Candêas.

Passou o custodio ao Pará, fez pazes com os indios *Tocantins*, escandalisados de muitos aggravos: trouxe-lhes os filhos para doutrinar, e prohibiu, sob pena de excommunhão, a venda de indios forros. *Queimou* muitos livros que achou dos *francezes herejes* (cic.).

Faz menção d'este convento o padre franciscano frei Vicente do Salvador, que no liv. V, cap. XXVII, da sua *Historia do Brasil*, que tambem a dá como primeira, por onde se collige que não é isso equivoco, senão orgulho nacional em ambos.

Carmelitas.—Entram no mesmo anno de 1624 no Maranhão, ou vindos de Lisboa, ou na companhia do padre Severim. Fundaram a igreja de Nossa Senhora do Carmo.

Mercenarios.—Haviam feito muita diligencia por terem um convento ou hospicio em Portugal; mas os padres trinos puzeram sempre tropeços a esse intento com o temor de que fossem os *redemptores dos captivos*.

Não sei que mais admire, se a ingenua e singela confissão do autor, se a santa inveja e espirito pouco evangelico dos trinos!

Não sabe frei Agostinho de Santa Maria de onde vieram estes mercenarios para o Maranhão, de Quito ou de Cuba; mas pelo que consta do cartorio do antigo convento das

Mercês do Pará, está averiguado que vieram do Perú. Apesar de D. João V haver-lhes permettido hospicio, não tinham até 1720 convento.

Dá o capitão Manoel da Silva Serrão principio á obra da ermida da Madre de Deus, no Maranhão, a 24 de Setembro de 1628, com grandes festas e solemnidades, afim de pôr n'ella uma imagem de Santo Amaro, sendo bispo D. frei Thimotheo do Sacramento. Morreu o fundador quando as paredes estavam galgadas, e ficou a obra exposta á ruina do tempo.

Vendo-a assim Christovão da Costa Freire, senhor de Pancas, a concluiu dedicando-a á Madre de Deus.

Pará.—Sendo grande a distancia que vai do Maranhão ao Pará, D. João V solicitou do papa Clemente XI a divisão, e nomeado primeiro bispo do Pará D. frei Bartholomeu do Pilar, carmelita, a 9 de Novembro de 1717, confirmado a 4 de Março de 1720, e sagrado na patriachal de Lisboa em 22 de Dezembro, tudo do mesmo anno.

Quando Francisco Caldeira de Castello-Branco foi ao Pará em 1616 ou 1617, levou comsigo dois religiosos de Santo Antonio:—frei Antonio da Marciana e frei Christovão de S. José.

Com a revolta dos indios do Pará, La Ravardière, que se achava a passear com toda a confiança nas ruas de Lisboa, foi preso e mettido na torre de Belém por se temer o rei de que se aproveitasse o ensejo, e se partisse d'alli para essas terras de que se mostrava tão affeiçoado (142).

Rebellaram-se os portuguezes no Pará contra Caldeira, a quem prenderam, e em seu lugar levantaram outro capitão. Em vista d'este estado de cousas insurgem-se os indios contra todos e os poem em apertadissimo cerco. D'elle se póde

(142) Vej. *Santuario Marianno*, t. IX, liv. II, tit. LIV, pag. 378.

escapar o capitão Manoel Soares d'Almeida, que foi pedir soccorro a Pernambuco. Aqui achou de governador-geral a D. Luiz de Sousa, que expediu uma armada de quatro vasos ao mando de Jeronymo Fragoso de Albuquerque com ordem de inquerir dos culpados, e, presos, mandal-os ao reino.

Chegou Jeronymo Fragoso, livrou os portuguezes do sitio e perseguiu o gentio duzentas leguas rio acima, morrendo por fim n'essa expedição depois de ter obrado muitos feitos.

Distinguiram-se tambem os capitães Custodio Vicente e Pedro Teixeira, e mais ainda do que ambos o capitão Bento Maciel, que havia partido do Maranhão com oitenta portuguezes e seiscentos indios de flecha, no auxilio do Pará. Renderam-se muitos indios, pedindo paz e misericordia. O padre Manoel Figueira de Mendonça, vigario da nova povoação, cujo recebeu na aldêa de *Separará*, na ponta da barra do Pará, do lado de leste (143).

Fica provado por estes factos, que narra o autor do *Santuario Marianno*, não haver ainda por esse tempo missões n'aquellas paragens.

Terminando aqui com o que ha de util no tomo IX passo a resumir o X.

Rio de Janeiro. *Entrada dos francezes no Rio.*—Foi o nobre francez Nicoláo Villegayllon, do habito de S. João de Malta, quem veiu no anno de 1555 alterar a posse pacifica que gozavam os portuguezes do Rio de Janeiro, que por mandado d'el-rei D. João III fôra demarcado, como as demais partes até o Rio da Prata. Tomou este corsario porto em Cabo-Frio, habitado pelos *Tamoyos*, que em odio aos portuguezes com quem traziam guerra, abraçaram os francezes.

Recolhendo-se Villegayllon á França, tornou-se ao Rio

(143) Idem, idem, idem, pag. 379.

outra vez e foi demandar a povoação principal, « chamada dos gentios Nitheroy, e os nossos pela descobrirem no 1° de Janeiro, lhe deram impropriamente o de Rio de Janeiro. » (*Sant. Mar.* T. X, Introd., pag. 2).

Assistido Villegayllon dos soccorros de França e dos favores dos da terra fundou algumas fortalezas.

Temendo-se os portuguezes das cuidadosas diligencias de Villegayllon, mandou a rainha D. Catharina, regente de Portugal na menoridade de seu neto D. Sebastião, soccorros de Lisboa ao governador Mendo de Sá, que sahiu da Bahia com tres galeões, oito navios e 2000 homens, e assim aportou ao Rio de Janeiro. O que visto por Villegayllon recolheu-se com os seus e alguns indios á ilha do Governador (*Loc. cit.* pag. 3), onde são assaltados, á noite, quando dormiam os vigias. Foram abrasados uns e afogados outros por se ter pegado o fogo na polvora. Villegayllon salva-se com muitos dos seus nos bateis dos navios.

Entregam-se os portuguezes depois d'isso a mais cega confiança; continuando no emtanto os contrarios nas mesmas hostilidades, o que sabido da rainha,mandou ella povoarem aquellas terras soldados destros e munidos de convenientes aprestos, dando-lhes por capitão Estacio de Sá, sobrinho do governador, que se embarcou com elles em náos grandes. Acolheu-se Estacio de Sá com sua força junto do Pão d'Assucar onde o investiram os francezes com tres navios e os *Tamoyos* com mais de 120 canôas grandes. « Pelejou-se de ambas as partes com valor até se declarar do nosso lado a victoria. »

Fizeram os portuguezes em suas embarcações muito damno aos *Tamoyos*. Estes « que á defensa da patria accrescentavam a vingança, cresceram tanto no poder, que excederam ás suas mesmas forças. » Armaram para mais de duzentas canôas, algumas com ligeira artilheria; mas perse-

guindo-os os portuguezes saltou fogo na polvora em uma das canôas (segunda vez!) e ao estrondo e confusão veiu juntar-se o conselho de uma grande feiticeira, que era o idolo d'estes indios, acclamando:—*Fugi e fugi logo, porque me revelou a inspiração divina que vos espera a feitiçaria dos brancos com morte industriosa.* Retirou-se o cardume das canôas e desappareceram os indios.

Mostrando a experiencia de dois annos que essas forças não bastavam para debellar os francezes, passou-se de novo Mendo de Sá ao Rio com todo o poder que estava ao seu alcance, e dirigindo o ataque com toda a pressa e vigor contra a grande povoação de *Yrassumiri*, onde travou-se renhido combate, pendendo a victoria para as armas portuguezas, não sem a perda de muitas vidas, entre ellas a do capitão-mór Estacio de Sá, que ia na vanguarda, e a do capitão Gaspar Barbosa (*Loc. cit.* pag. 5).

Aceitam os *Tamoyos* pazes, e expulsos os francezes, que occupavam havia onze annos esse territorio, recolheram-se á França os que não ficaram entre os gentios.

Começaram então os portuguezes a augmentar com edificações a cidade a que pozeram o nome de S. Sebastião, não tanto para lisongear o monarcha reinante como por obrigação ao glorioso martyr « que foi isto, diz o chronista, no combate da batalha de 1567 ajudar aos portuguezes, » que o tomaram por padroeiro, instituindo-se desde então a *festa das canôas* em honra do santo e para commemorar o milagre de ter Deus salvado da cilada dos *Tamoyos* quatro canôas grandes em que iam os melhores soldados, e isto pelos merecimentos d'este santo.

Bahia do rio de janeiro.—« Fica ao norte da cidade em altura de 23° da parte do sul uma bahia, como fica dito, de 8 leguas de diametro e 24 de circumferencia, limpa, segura, e aonde podem alojar-se náos de todas as armadas de

Portugal, mas outras muitas das mais nações, emula da de Todos os Santos, e cujos reconcavos, ilhas, rios, saccos e enseadas, se os quizessemos descrever seriam necessarios muitos livros. » *(Loc. cit.* pag. 7).

A primeira povoação da cidade se fez em um monte aonde hoje vemos a sé, o collegio da companhia e a fortaleza de S. Sebastião: desproporcionado o sitio para a muita gente que se foi aggregando, foram os moradores fundando casas de pedra e cal na marinha. No monte opposto edificou-se o convento de S. Bento; ficando portanto apertada a cidade entre estas duas eminencias. Deitava ella do Castello duas azas para o valle, uma para o bairro de Misericordia, e outra para o da Ajuda, cuja igreja, segundo querem varios autores, foi a primeira que em 1600 se reedifioou e accrescentou; porque n'este tempo os padres de Santo Antonio (que ainda era custodia) fundaram aqui o seu hospicio; mas logo que mudaram de sitio, retomou a casa o seu antigo e proprio nome da Ajuda.

Teve antigamente esta soberana Senhora grande culto, e foi servida com muita grandeza; porque os christãos novos, «de cujos corações não acabam de cahir aquelles rios de suas obstinações, que os têm cegos para não acabarem de conhecer a verdade da fé; os quaes ou por enganarem os verdadeiros e fieis christãos, limpos d'aquelle pessimo sangue ou por se justificarem, lhe faziam grandes festas, e lhe solicitaram um solemne jubileu, que chamava á sua celebridade todos os povos circumvisinhos. Mas entendendo-se depois a sua maldade, e que elles a dedicavam a uma Maria de Judá, se diminuiu aquelle antigo concurso e tambem a festividade. E hoje se lhe faz sómente uma simples festa no seu dia. » (*Loc. cit.* tit. I, pag. 7 e 8).

Todas, ou grande parte das informações a respeito do Rio de Janeiro foram dadas pelo reverendo frei Miguel de S.

Francisco, provincial da reformada provincia de Nossa Senhora da Conceição de religiosos menores, recoletos. (T. X, liv. I, t. II, pag. 13).

COLLEGIO DA COMPANHIA FUNDADO EM 1567 E CASA DA MISERICORDIA EM 1582, OU POUCO ANTES.—N'este anno de 1582 chegou ao Rio uma armada de dezeseis náos com tres mil hespanhoes, de que era general Diogo Flores Baldez, que Filippe II mandava para segurar o estreito de Magalhães. Com os temporaes adoeceram muitos, e chegaram mui necessitados de remedios e agasalho, Anchieta estava então no Rio, fundando-se tambem por esse tempo o hospital da Misericordia, cuja irmandade parece que já era criada; pois que lhe ficou annexo o hospital. O certo é que em 1° de Julho de 1591 já o administrador ecclesiastico Bartholomeu Simão Pereira, passou uma provisão em favor do provedor e irmãos, para que o vigario da parochia se não intromettesse em suas eleições.

Em 1720 era servida com mais grandeza e autoridade do que a cathedral; pois que tinha treze beneficiados, que assim chamavam a seus capellães, todos aquinhoados com mui boas congruas e obrigados a resar as horas canonicas do côro, tendo um d'elles a direcção (presidente). Havia mais quatro moços de sachristia, um organista, e além d'estes, mais seis capellães que assistiam ás procissões e enterros da irmandade, e acompanhavam ás tumbas e esquifes dos pretos (pobres e escravos), mais outro capellão que era cura dos enfermos lhes administrava os sacramentos.

NOSSA SENHORA DA CANDELARIA.—E' a segunda imagem que começou a ser venerada no Rio de Janeiro.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO PARTO.—Fundada em 1653 por João Fernandes, mulato natural da ilha da Madeira.

NOSSA SENHORA DA GLORIA.—Foi fundada em 1710 por Antonio Caminha, erigindo elle no mesmo lugar e monte habi-

tação para si e outros para recolhimento e descanso dos romeiros.

E' curioso o seguinte dado archeologico: « E' de saber que do santuario de Nossa Senhora d'Ajuda, que fica extramuros da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, vão duas estradas, nas quaes já hoje (1714) está muito povoada. A primeira da direita faz caminho para a casa de Nossa Senhora do Desterro. A seguinte que é a da mão esquerda, faz caminho para a fonte da Carioca, por onde vai sempre um grande concurso de brancos e pretos. Por este caminho se vai para a casa de Nossa Senhora da Gloria, situada sobre o monte que fica imminente á casa da parte do sul e distante da cidade pouco mais de um quarto de legua. *(Loc. cit.*, pag. 21). Este sitio foi doado pelo Dr. Claudio Gurgel do Amaral com a terra circumvisinha.

Entram os carmelitas observantes em 1598, antecedendo-os em 1590 os padres da ordem de S. Bento. A estes fazem doação do sitio Aleixo Manoel e sua mulher Francisca da Costa, ambos naturaes da ilha Terceira. Tinham elles aqui no monte uma granja e uma ermida de Nossa Senhora da Conceição, e fizeram doação aos monges tanto d'essa ermida, como das terras circumvisinhas e annexas, com obrigação d'elles festejarem a Senhora.

Isto se conservou no seu proprio convento até que fizeram um novo edificio, e succedendo chegar por esse tempo o marquez das Minas D. Francisco de Sousa, que conseguiu d'elles tomassem por padroeira N. S. do Monserrate, por cujo motivo deram para uma capella a imagem de N. S. da Conceição, que festejam a 8 de Dezembro com sermão e missa cantada afim de suffragarem as almas de seus dois fundadores e de mais um outro que lhes cedeu tambem terras.

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. — No morro do mesmo

nome edificou em 1634 Miguel Carvalho Cardoso a ermida d'esta invocação, no lugar onde tinha chacara. Indo alli os padres capuchinhos francezes pôr a conversão do gentio, pediram aquella igreja, « e como eram religiosos que mostravam tanta perfeição e virtude lh'a concederam; e elles lhe fizeram os commodos para suas vivendas, e um hospicio de pedra e cal, tudo obrado com grande perfeição, como quem os desejava perpetuar n'aquelle agradavel e salutifero sitio. Depois compraram a terra, que lhe era necessaria, para fazeram uma cerca, » como de facto a fizeram.

« N'este hospicio viveram com grande virtude e exemplo, por espaço de quarenta annos até que por desconfiança do rei, ao que parece deram alguns d'elles bastantes motivos, foram os padres mandados sahir das conquistas, » como já fica dito. Voltou assim a ermida á jurisdicção ordinaria; fazendo d'ella o bispo D. Francisco de S. Jeronymo sua residencia, sendo ahi até hoje o palacio episcopal.

Cabo-frio. — Os francezes alliados ainda dos indios continuavam a impedir a paragem do Cabo-Frio, e tão destemidos que, emquanto uns se demoravam a cortar páo-brazil, que alli havia excellente, iam outros dar caça ás náos que vinham do Rio da Prata ou d'outro porto, em demanda da barra do Rio de Janeiro.

Houve d'uma vez noticia que lá estavam cinco náos, as quaes tinham todos os preparos necessarios para o córte do páo-brazil. A isto acudiu Constantino Meneláo, capitão-mór do Rio de Janeiro, porém já muito tarde, porque os navios mui abarrotados picaram as amarras e foram-se.

Foi d'isto avisado o rei, o qual veiu a ser informado da falsidade com que alli carregavam, por não ser aquelle sitio povoado, e ficar longe do Rio, d'onde se não podia acudir com a pressa necessaria. Para remediar a este mal, escreveu ao governador Gaspar de Sousa, encarregando-o com

muita instancia mandasse sem demora povoar e edificar aquelle lugar.

Informado o governador que Estevão Gomes, morador no Rio de Janeiro, podia fazer bem este negocio, por ser homem rico, senhor de dois engenhos, e que em todos os rebates dos corsarios, que se offereciam, era dos primeiros que corria animosamente com sua canôa e escravos, passou-lhe por isso provisão de capitão do Cabo-Frio, instando-lhe aceitasse e fizesse como d'elle esperava, ordenando ao mesmo tempo a Constantino Meneláo o provesse á custa da fazenda real, de soldados, munições e todas as mais cousas necessarias para povoação e defensa da terra,

Aceitou Estevão Gomes o encargo, e gastou além do que se lhe mandava dar da fazenda d'el-rei, muito da sua, e assim se fortificou, e povoou o Cabo-Frio; sendo-lhe n'esse trabalho de muita ajuda uma aldêa de indios, que os padres da companhia, á instancias do governador, trouxeram do Espirito-Santo.

Com estes indios sahiu uma vez o capitão contra uns vinte e tantos hollandezes, que haviam saltado em terra para fazerem aguada, de que careciam em viagem para a India. Mataram dezoito, e tres se recolheram aos bateis. Os hollandezes traziam cincoenta captivos portuguezes, que haviam tomado em um navio que ia para Mina. Quizeram matal-os; mas mudaram de accordo, mandando bandeira branca e pedindo aguada em troca d'esses portuguezes.

O capitão consultou com o governador do Rio de Janeiro que por esse tempo era Luiz Vaz Pinto; este, porém, não se sabendo resolver a negocio tão grave, fez uma junta de religiosos e officiaes da camara, que decidiram affirmativamente, e os hollandezes soltaram todos, excepto o capitão do navio

« D'esta venda fizeram os pretos grande galhofa, dizendo

que mais valia um d'elles do que cincoenta brancos, porque aquelles custavam ordinariamente quarenta mil réis e os brancos se compravam por menos de uma pipa d'agua. » *(Loc. cit.*, pag. 57).

O mesmo capitão fez tambem pazes com os indios *Guaytacazes*, gentio alli visinho e que nunca se pôde conquistar, ainda que á ouro. Mas agora, atacados das bexigas, procuraram o capitão Estevão Gomes, dizendo—fossem compadres.» A ser a povoação do estrangeiro, poderia tornar-se uma mui populosa cidade.» Effectuaram-se estas pazes em 1615.

As maiores fazendas dos campos dos *Guaytacazes* eram em 1720, as da companhia de Jesus. « Têm elles n'aquelles dilatados campos uma muito rica fazenda e muito extensa, onde trazem assás grandes manadas de gado, muitos creados e muitos escravos. » *(Loc. cit.*, pag. 65).

Nossa senhora do rosario do sacco.—Fundada nas margens do Parahyba do Sul. Era fazenda d'um Manoel Rodrigues, muito amigo dos padres capuchos francezes, dos quaes era syndico. Habitavam perto d'alli os indios *Garulhos*. Aquelles missionarios franciscanos criaram um filho de Manoel Rodrigues, moço de agudo engenho e que fallava melhor a lingua d'esses indios do que a propria. Quando os capuchinhos francezes foram obrigados a despejar o territorio e vieram substituil-os os portuguezes, já era ordenado este filho do syndico Rodrigues: « a este commetteram o cuidado dos *Garulhos*, o que fez com tanto espirito e zelo da sua conversão d'elles, que tem entrado muitas vezes, e ao presente entra por aquellas vastas regiões, onde tem reduzido á fé muitos, tirando-os a viverem nas aldêas.» *(Loc. cit.*, pag. 70).

1720.—Fundam os jesuitas uma aldêa no rio *Irirityba*. « E raras vezes succede, diz aqui o autor, admittirem os indios em suas confrarias homem branco. »

Conta o autor do *Santuario* (pag. 75), referindo-se ao padre Miel de S. Francisco, que por occasião de uma das invasões dos francezes no Rio de Janeiro, a bisavó d'este, com outras mulheres, vendo-se desamparadas de seus maridos, andavam na conquista do gentio, pegaram das espadas e arcabuzes, e com alguns velhos e homens de palha, e alguns indios ao seu serviço, se oppozeram e não se atreveram os inimigos a investir o bairro da Misericordia, aonde se tinham fortificado, por entenderem elles « que as mulheres e figuras de palha eram homens armados. » *(Loc. cit.* pag. 77).

Males que resultaram das superstições.—Eram os indios animados em suas praticas supersticiosas pela credulidade dos portuguezes, e para prova adduz o autor este facto passado em 1720: « Uma mulher sonhou que uma india, que estava n'uma roça, e era mui mimosa do marido, lhe dava a ella feitiços com que estava muito mal. Fallou ao marido, sorri--se, ameiga-o, e insta, atanaza-o, perturba o homem e tanto faz quo o impelle a pegar em um punhal, vai-se á india, arrasta pelos cabellos, põe-lhe um pé ao pescoço e ameaça matal-a; pois que já sabe tudo, se lh'o não confessa. A pobre india confessa o que bem quizeram d'ella, defendendo-se com tudo de que quizesse matar a senhora, e sómente lhe fazia aquillo para que ella lhe quizesse bem. Veiu para a cidade, andou desenterrando immundicies pelos cantos da casa, e a mulher melhorou. Venderam-n'a; mas continuando ella na mesma pratica, o novo comprador a levou ao mar aonde com uma pedra ao pescoço a sepultou n'elle, e assim acabou desgraçadamente a india, pagando com tão terrivel morte o trato que tinha com o demonio, que lhe fazia executar tão crueis maldades. » *(Loc. cit.* pag. 99). Narra o autor o caso n'estes simples termos e diz, que d'esse castigo proveiu grandes males á terra.

Nossa senhora do amparo.—Da villa de Ubatuba, em

distancia de doze leguas por costa, chega-se á villa de S. Sebastião, onde está a igreja de N. S. do Amparo, convento dos padres da Conceição (Santo Antonio). As terras eram d'um Antonio Coelho que lh'as deu para fundarem esse convento.

Os moradores da villa de Itanhaem « tambem chamada da Conceição, quando a mudaram para a raiz da serra, offereceram aos padres capuchos do Rio de Janeiro sitio para um convento. » (Loc. cit. pag. 128). N'esta casa pozeram os padres a ancora da sua esperança, a augmentam de sorte que toma o titulo de provincia da Immaculada Conceição do Brasil ; ficando a Bahia com o seu antigo de Santo Antonio. O padre frei Miguel, quando vigario provincial, acabou o convento do Rio, e eleito depois provincial, melhorou o da Conceição, em Itanhaem, e fez igreja nova.

José de Sousa Barros, syndico da ordem, aceitou o padroado, consignando-lhe em 1700 ou 1701 a ordinaria de cem mil réis annuaes.

Ilha de santa catharina. — « D'aqui, dizem, foi levada aquella casca d'ostra, na qual o capitão de S. Vicente mandou lavar os pés a um bispo em lugar de bacia. » Refere mais o autor que d'ella se tiraram perolas formosas e perfeitissimas.

patos. — Cobrem estas aves as praias e terras da beiramar por distancia de cincoenta leguas e mais. « São os mesmos da Europa. Alli os soltaram uns hespanhoes que faziam viagem para o Rio da Prata em 1554. »

curutyba. — Ha aqui vastissimas campinas chamadas campos elysios que chegam até S. Paulo e vão acabar no Rio da Prata.

Certo homem dizia : « que se houvéra pisado aquellas terras, em idade de varão, ou de mancebo, havia de passar

a Portugal, a informar a magestade do nosso rei e dizer-lhe o que aquellas terras eram, e que lhe havia de pedir as mandasse povoar com duzentos casaes de gente d'entre Douro e Minho ou das Ilhas, com preceito capital para que nenhum comprasse negros, nem se servisse d'indio, e que lavrassem elles mesmos as terras, como o faziam na sua patria ; porque no termo de trinta annos teria o monarcha n'ella a maior colonia de todas as do Brasil, e que dando o governo á pessoa d'industria, prudencia e christandade, se podia alli fundar um imperio. »

« O certo é, reflexiona em seguida o chronista, que se aquellas terras foram d'estrangeiros, pelo muito que têm d'industriosos, seriam aquelles campos uma muito grande cousa. » (Loc. cit. pag. 144.)

Descoberta das Minas. — Cita aqui o autor o n. 146 da *Historia do Brasil de Francisco Vicente do Salvador* de onde extrahe o que se segue :

« A fama das muitas minas d'ouro e prata, que havia nas terras da capitania de S. Vicente, de que el-rei D. João III fizéra mercê a Martim Affonso de Sousa, se espalhou por muitas partes : o que sabido pelo governador D. Francisco de Sousa, avisou a Sua Magestade, offerecendo-se para esta empreza, e el-rei lh'a encarregou, e, deixando aquelle no governo da Bahia a Alvaro de Carvalho, partiu a dar cumprimento ás ordens régias, sahindo da Bahia no mez d'Outubro de 1598, e chegando á capitania do Espirito Santo, por lhe dizerem havia minas na serra de Mestre-Alvaro, e em outras partes, mandando cavar n'ellas, e fazendo ensaio, tirou alguma prata. Tambem mandou ás esmeraldas, o que já havia feito da Bahia, Diogo Martins Cão, que as havia descoberto, e depois de levantar alli um forte com duas peças d'artilheria, para defensa da entrada da villa, sahiu e fez viagem para o Rio de

Janeiro, aonde governava Francisco de Mendonça. ». . . .
. . . . Da capitania de S. Vicente para onde se partiu logo, se foi o governador á cidade de S. Paulo, que é a mais chegada ás Minas aonde até então os homens e as mulheres se vestiam de panno d'algodão tinto; e se havia alguma capa de baeta ou manto de sarge, se emprestava aos noivos e noivas para irem á porta da igreja. Era isto quando lá chegou, D. Francisco de Sousa, pelos annos de 1599 ou de 1600. Depois porém que lá chegou, e viram suas galas e dos seus creados, houve logo tantas librés e galas ricas, e mantos, que parecia aquella terra outra. Muito se havia pago D. Francisco da Bahia; mas quando viu o que era S. Paulo, muito mais se pagou d'aquelle clima, por que são alli os campos, como os de Portugal, ferteis de trigo e de muitas frutas, uvas, rosas, açucenas, regados de frescas ribeiras e de excellentes aguas. Alli se empregou nas Minas, onde, por ser o ouro de lavagem, ás vezes tiravam muito, outras menos, e algumas se achavam grãos de peso e de preço, de que mandou fazer um rosario, assim como sahiam, redondos, quadrados, ou compridos, que enviou a el-rei, com outras amostras e quatorze perolas, que se acharam no esparsil da Cananéa, e em outras partes maritimas. »

Em S. Paulo entraram primeiro os jesuitas, depois carmelitas e por fim os de S. Bento (*Sant Mar.*, tom. X, L.º IV, tit. XXXM III).

Minas d'Ouro. — « Nas villas da costa do mar, como são Cananéa, Iguape, Paranaguá, Rio de Francisco do Sul, Curutyba, todas têm minas d'ouro; porém n'este tempo (144)

(144) Cumpre notar que o autor do *Santuario Marianno* refere-se com frequencia a 1714, anno em que escreveu essa parte de sua obra, principiada a imprimir em 1707, sendo o tomo IX em 1722, e o X em 1723.

só ellas servem para os seus moradores, que o tiram sem custo, levando de suas casas o mantimento necessario. E como lhe ficam perto, mandam por elle os que estão lavrando. Porém nas que são geraes (Minas) é de absoluta necessidade plantar primeiro o mantimento para se poder lavrar, e assim é hoje infinita a gente que se occupa só do plantio de mantimentos para os venderem, tendo estes por certo maior mina n'este trato, por que como lá se vende tudo pelo que cada um quer, e o ouro custa pouco, sendo muito no valor, n'estas compras ficam os vendedores mais bem livrados, por que recebem quanto querem. » (Loc. cit. pag. 187).

Na invasão do Rio de Janeiro pelos francezes, em 1710, Antonio Dultra da Silva, natural d'essa provincia, e capitão de cavallos de S. Gonçalo, acudiu destemido, e dando um troço de francezes que se não queriam recolher ao trapiche, como os outros, todavia elles os forçou a isso ; mas os que já estavam intrincheirados, á força de descargas o mataram.

Louvando-se o autor nas palavras do padre frei Miguel de S. Francisco, d'onde houve esta noticia, accrescenta : « Homem (Antonio Dultra da Silva) de notaveis forças, muito valoroso, destemido, e se apanhasse os francezes em campo descoberto, era capaz de os jarretar a todos e de vender muito bem a sua vida pela patria. »

Villa-rica. — Era uma parochia situada no arraial de Antonio Dias, homem rico e poderoso de S. Paulo, e um dos primeiros que passou ás Minas a sua gente, que eram muitos escravos, pretos e indios. (Loc. cit. pag. 243).

N. S. do Carmo do Ribeirão. — Pouco depois de Villa-Rica fundou-se esta a que deram o nome acima indicado, por ser banhada por um rio a que assim chamaram. Era arraial de Antonio Pereira, paulista rico, que com os seus escravos e indios assentou alli as suas lavras.

Rio das Mortes.— « Appellidaram assim este grande rio por causa d'uma formidavel batalha, que junto ao mesmo deram os indios de duas das muitas nações, que habitavam aquelles sertões, entre si sobre a posse e assistencia d'aquellas vastas regiões que para a sua habitação estimavam como ferteis e abundantes de mantimentos brasilicos, muita caça e gado ; n'esta demanda morreram muitos de parte a parte. Depois entraram os paulistas por aquellas terras repentinamente a captivar os indios, para se fazerem senhores d'elles ; mas como os paulistas iam melhor armados, fizeram nos indios uma grande mortandade. . . . .

D'estas muitas mortes veiu o nome ao rio. »

Rio das Velhas.—« E' de saber, que entrando os paulistas n'aquellas terras do sertão a captivarem os indios, todos estes fugiram por não serem presos nem captivos ; e só ficaram muitas velhas *Carijós*, por não poderem fugir, ou por se persuadirem que por mulheres e velhas lhes não fariam mal, e que tambem por inuteis as deixariam ; e por que os paulistas acharam estas velhas ao pé do rio, lhe deram o nome pelo que é hoje conhecido. »

Nova Colonia. — Um convento dos capuchos da provincia da Conceição do Rio e outros padres da companhia estabeleceram uma aldêa, e estes lá faziam grandes fructos. Os escriptores do tempo dão muita importancia áquella colonia, e o chronista diz que : « se el-rei mandasse fundar n'aquellas terras seis cidades desde *Nova-Colonia* até á villa de Laguna faria n'ellas uma grande monarchia e opulento reino. O qual se podia fazer sem despeza alguma de sua fazenda real, só com o escolher seis homens ricos e dos mais honrados da cidade de S. Paulo, dando-lhes o senhorio das terras, que fundassem, em tres vidas ; por que só com esta mercê que lhes fizesse, seguraria todo aquelle Estado de todos os inimigos da Europa. E estes, que Sua Magestade

nomeasse, cederiam o interesse d'esta honra, que lhe faria, e iriam com seus indios e escravos, e mais parentes, a fazer estas fundações. »

Do titulo LXXXX (á pag. 255) em vante até o fim do *Santuario Marianno* occupa-se o autor das imagens que se veneravam na colonia do Sacramento e ilhas do Oceano e outras conquistas de Portugal, o que não convem portanto ao nosso assumpto.

HISTORIA DA COMPANHIA DE JESUS NA EXTINCTA PROVINCIA DO MARANHÃO E PARA' PELO PADRE JOSE' DE MORAES. (REIMPRESSA NO RIO DE JANEIRO, 1860.)

Apezar de vulgarisada esta obra no Brasil desde que a descobriu na bibliotheca de Evora e mandou tirar d'ella copia o nosso distinctissimo confrade e eminente poeta, Antonio Gonçalves Dias, e que o Exm. Sr. senador Candido Mendes d'Almeida a fez imprimir por conta da provincia do Maranhão, faço d'ella resumo; por que adoece dos achaques das outras chronicas da companhia de Jesus.

Diz o padre José de Moraes (Liv. I, cap. I) que foram os jesuitas quem primeiro se entregou á conversão dos gentios n'esta conquista (Estado do Maranhão), e que estes eram a milhares no numero e milhões no preço.

Está a cidade de S. Luiz do Maranhão em altura de 3 gráos e meio ao sul da equinocial com 336 de longitude. A ilha do Maranhão tem de comprimento sete leguas nordeste-sudoeste, e de largura cinco, noroeste sueste, em forma quasi oval, com pouco mais de vinte leguas de circumferencia.

A sua barra, depois de montada a corôa-grande, demóra

a oeste, formando-se a sua bocca de duas pontas, a d'*Itacolomy*, na terra firme de *Tapuytapera* (Ancantara) e a do *Pered*, pegada com a mesma ilha pela parte em que está uma ermida da invocação de S. Marcos, pertencente á companhia. Torna-se difficil a entrada « ainda ás embarcações mais pequenas por se ter de tal sorte apertado a sua garganta com a muita arêa, que é preciso entrarem enfiadas as embarcações, e a proporcionada distancia por não ficarem engasgadas e em perigo de serem engolidas da correnteza. » (H. da C.— Liv. I, cap. I).

A cidade de S. Luiz bem situada, com boas ruas a rumo de corda, a maior parte calçadas, fórma uma ponta triangular, que vai abraçada dos dois rios — *Ibacanga* da parte do sul, e da do norte o *Coty*. « Eram os seus mares copiosos de muitos e deliciosos peixes de que se sustentava a cidade sem mais dispendio que mandal-o tirar ás cambôas de maré vazia, porém hoje (1758 em que escreveu o autor) fechada mais a sua barra pela muita arêa, faz difficultosa entrada assim ao peixe como ás canôas para o irem pescar, por ser aquella costa desabrida, obrigando a viver toda aquella numerosa povoação de menor fartura de pescado, etc. »

Avista A. da Cunha a ilha do Maranhão em Setembro de 1535. — Avistou Ayres da Cunha, um dos donatarios do Maranhão e que levava em sua companhia os filhos do seu consocio, o historiador João de Barros, á ilha do Maranhão em Setembro de 1535; mas falto de pratico, naufragou no Boqueirão, tendo já perdido parte das embarcações na corôa-grande.

Emprehenderam Pedro Coelho de Sousa e Martim Soares Moreno ir por terra á ilha do Maranhão, não com animo de a descobrirem senão de prearem indios, e n'esse intuito partem ambos de Pernambuco com alguns homens, e entram

por Jaguaribe no Ceará. Tratam bem a principio os indios que os recebem sem receios e com lhaneza. M. Soares Moreno não concordando com Pedro Coelho que os quer captivar, abandona-o, e regressando, procura o governador do Brasil, Diogo de Menezes, que o attende e o nomea capitão-mór do Ceará. Chegado a seu destino começa a tratar com doçura os indios, afagando-os e presenteando-os, de modo que os foi attrahindo a si. »

« Tanto póde com esta gente a *suavidade do genio* quando se ajunta com a liberalidade do animo! » Outros eram os designios de Pedro Coelho, e dos seus, apesar das admoestações e rogativas do capitão-mór Soares Moreno, cahiram de repente sobre os incautos *Tabajáras* da Serra e *Tupynambás* do Maranhão, que se achavam no Ceará, e os captivaram e maltrataram.

Magoado e queixoso Moreno, e conhecendo pouca segurança no meio dos indios que estavam alvorotados com tamanha aleivosia; portanto mal ogrado o descobrimento do Maranhão por terra, se tornou a Pernambuco.

Instado pelo governador Gaspar de Sousa, se propôz o provincial da companhia, padre Simão Pinheiro, a empreza da conversão dos indios *Tabajáras*, *Tupynambás* e *Potyguáras*, os mais numerosos e trataveis de todo o Brasil, « que depois do seu descobrimento e fundação da cidade da Bahia tinham fugido do rigor e força das nossas armas, e largando as suas terras, se espalharam por toda a costa do Ceará até chegarem os *Tupynambás* a fundar suas aldêas do Maranhão. » (Cap. III).

Os padres Francisco Pinto e Luiz Figueira vão á descoberta do Maranhão.—Nomeados para primeiros missionarios e descobridores do Maranhão os padres Francisco Pinto e Luiz Figueira, partiram para esta missão em um barco que ia carregar de sal á Jaguaribe. Depois de tomar no presidio

do Rio-Grande, aportou a embarcação ás salinas de Jaguaribe, e d'ahi partiram os padres á pé e acompanhados dos indios de sua comitiva, e assim chegaram ao lugar da costa onde os indios tinham experimentado as maiores violencias de Pedro Coelho, e ahi encontrando o principal Amauay, usaram de tanta arte, que o convenceram da innocencia e boa vontade d'elles e dos portuguezes, que se offereceram aquelles aos padres para formarem aldêas e assim se fundou no lugar onde é hoje cidade da Fortaleza uma aldêa. Então o padre Francisco Pinto se determinou proseguir na sua jornada em busca da ilha e aldêas do Maranhão, para o que se partiu d'ahi com seu companheiro e alguns *Tabajáras* da Serra e *Tupynambás* do Maranhão. Postos assim a caminho, chegaram ao rio *Parámirim*, que passaram com muito custo, e largando as praias buscaram o rumo do sertão e a serra da Ibyapaba.

E' esta serra de difficil ingresso « pela banda em que fica a costa, e a terra fecunda de tudo em que n'ella se planta » ...... « Tem bellos ares, ainda que no inverno mais frios : muito bom clima e nevoas como em Portugal. » (Cap. III) :

Alcançado o alto da serra, começaram os padres a attrahir os indios, a doutrinal-os e por ultimo conseguiram que edificassem uma igreja. N'estas santas praticas gastaram cinco mezes. Emprehendem de novo a sua jornada, mas o padre Pinto primeiro serena os animos aos *Tapuyas* e os põe de paz com os seus neophitos d'elles, para o que expede embaixadores com avultados presentes aos *Tacarijús*, nação entre todas a mais barbara. A primeira barbaridade d'estes foi matar os embaixadores, passando depois a descarregarem suas furias nos indios, que acompanhavam o padre.

Morte do padre Pinto a 11 *de Janeiro de* 1608. —

Matam tres, fogem os mais e com elles o padre Luiz Figueira, ficando só o padre Pinto, que pretende abrandal-os com palavras cheias de doçura, mas dão-lhe um profundo golpe com páo de *jucá*, com que cruelmente lhe abriram a cabeça e assim morre a 11 de Janeiro de 1608 o padre Francisco Pinto e com elle mais tres indios da sua comitiva que o defendiam com extremo denodo. Vendo o padre Luiz Figueira frustrados d'este geito os designios do descobrimento do Maranhão, totalmente perdidas as esperanças da conversão de tantas almas, e tolhidos os meios de continuar a empreza, resolveu retroceder. Mettendo o defunto padre em uma rede o foi enterrar na raiz da serra d'Ibyapaba.

Era o padre Pinto natural da ilha de Santa Maria, outros dizem que da Terceira, filho de paes nobres, se embarcou ainda menino para o Brasil, entrando para a companhia em 1568, com idade de 17 annos.

Viveu 56 annos, dos quaes 39 na companhia. Fez cinco entradas nos sertões e n'ellas reduziu innumeraveis gentios. Nunca os perigos o intimidaram, e era tão prudente, e caritativo, e tinha tal affabilidade no trato, que attrahia a vontade aos indios e lhes roubava os corações, contribuindo muito para isso a grande intelligencia da lingua dos naturaes, em que era peritissimo, e nas suas praticas o mais eloquente, pela destreza nas phrases, e pela naturalidade nas semelhanças. »

Succedeu com elle um milagre obrado pelo padre Anchieta, que estando o padre Pinto gravemente enfermo no collegio da Bahia, em 1582, e quando acabára de tomar a Extrema-Unção, entrou o padre Anchieta e dando-lhe um abraço, assegurou-lhe que não era ainda chegado o seu dia. « O mesmo foi o padre Anchieta acabar

de fallar que achar-se repentinamente são o padre Pinto. » (Cap. VI).

« Vestiu-se e foi dar graças no côro, e não tornou a adoecer. »

Descobre o capitão Riffault a ilha do Maranhão. — Em tempo em que Henrique IV governava a França, pirateava nas costas do Brasil Riffault, capitão francez, que levado pela violencia dos ventos ou das aguas, que depois de observar a entrada logrou aportar á ilha do Maranhão, onde desembarcou e deixou Carlos des Vaux, cavalheiro do condado de Torena, de vivo engenho e de singular agrado. Passados tempos, como não visse Carlos des Vaux voltar Riffault, e já sabedor da lingua e senhor dos corações dos indios, metteu-se com alguns d'elles em uma pequena embarcação que lhe deixára Riffault. Bem recebido do rei de França, a quem propôz povoar o Maranhão, não pôde comtudo realisar a conquista por ter fallecido no comenos este.— Passado o governo a Maria de Medicis, esta concedeu licença a Monsieur de la Ravardière para poder organisar uma companhia, o que de facto realisou tomando por socios Francisco de Rassylly e Mr. de Sancy, e assim poderam aprestar com grandeza tres náos em que se embarcaram os dois interessados Ravardière e Rassylly, e na terceira com Carlos des Vaux o barão de Sancy, em lugar do pae. Levavam 500 homens de equipagem entre soldados e marinheiros, e quatro padres capuchinhos, tendo por superior Claudio d'Abbeville. (Cap. VII.)

Partida de Ravardière e dos socios para a conquista do Maranhão — 1612. — Partiram do porto de Cancale em 1612 e a 24 de Julho do mesmo anno « com breve e feliz viagem lançaram ancora na ilha de Sant'Anna » e d'ahi passaram-se para a ilha do Maranhão, onde em um alto, na ponta que cahia sobre os dois braços de mar

(Ibacanga (145) e Coty) entraram a fabricar uma fortaleza com tanta actividade, que dentro de pouco tempo podem cavalgar n'ella 17 canhões da sua melhor artilheria.

Primeira missa.— A 12 d'Agosto (1612) celebraram os capuchinhos francezes a primeira missa em um altar portatil, mandando-se-lhes depois fazer igreja com hospicio no lugar onde hoje (no tempo que escreveu o padre Moraes) se acha o collegio da companhia. (Sé cathedral).

Expediram logo embaixadores aos indios da terra firme de *Tapuytapera* (Alcantara), promettendo-lhes paz e amizade, que aceitam a exemplo dos naturaes da ilha.

Discorrem os fervorosos missionarios pelas aldêas com muito fructo, e diz o autor que: « é muito digno de especial nota que achando-se então na ilha e nas suas visinhanças vinte e sete populosas aldêas, em que contaram os francezes dez para doze mil almas, que no dominio portuguez se fossem pouco a pouco extinguíndo sem ficar mais que umas pequenas reliquias na aldêa que ainda hoje se conserva com o nome de S. José. » (S. José dos Indios ou de Riba-mar).

Sabendo Martim Soares que na ilha de Maranhão estavam já situados os francezes e em correspondencia com os *Tupynambás*, « indios n'aquelle tempo os mais valorosos e guerreiros, » partiu-se com toda a diligencia, e chegado que foi a Pernambuco, avistou-se com o governador Gaspar

(145) *Ibicanga*, é como escreve o padre José de Moraes o nome do rio *Bacanga*, e ao que parece com plausibilidade de certeza, porquanto no seu tempo devia de haver menos corruptela nos nomes brasilicos e é razão etymologica n'aquelle: *iby*, terra; *acanga*, cabeça, isto é — cabeça da terra, como quem diz principio d'ella, e logo o rio que a banha, e por contracção e euphonia supprime-se o *y*, ficando *Ibacanga*.

de Sousa, que ordenou logo uma expedição de trezentos soldados com armas, munições e embarcações competentes para seu transporte, o que tudo entregou a Martim Soares com ordem de tomar a Jeronymo d'Albuquerque, capitão-mór da fortaleza do Rio-Grande do Norte, e então com poderes de general d'esta facção, o que feito, endireitam para o seu destino. Aportados á ilha de Sant'Anna, manda Jeronymo d'Albuquerque Martim Soares e uma embarcação a explorar a ilha do Maranhão e tomar informações do estado das forças francezas. Logra este aprisionar com todo o sigillo e prudencia alguns *Tupynambás*, que mette a bordo; « e querendo voltar para os companheiros, foram tão fortes e ponteiros os ventos geraes, que então corriam, que lhe não foi possivel vencer o impeto e violencia das correntezas, e se viu obrigado a arribar ás Indias de Castella. » Como Albuquerque houvesse colhido informações por alguns indios transfugas, não só da expedição de Soares como das forças inimigas, faz na ilha de Sant'Anna uma fortificação de madeira e deixando n'ella seu sobrinho com quarenta homens, torna-se a Pernambuco para buscar um tal soccorro que lhe desse ganho de causa. N'este tempo era chegado de França de Pratz com soccorro, e vendo que estavam fortificando-se os portuguezes na ilha de Sant'Anna, manda-os desalojar. Manoel de Sousa d'Eça que era vindo com soccorros de Pernambuco, sahe a impedir esse assalto e emboscando-se com sua força nos mattos consegue repellir os francezes, que abandonam a empreza e foram aportar á ilha do Maranhão, informando Ravardière do acontecido. (Cap. VIII.)

Parte J. d'Albuquerque, de Pernambuco com forças — 1614. — Parte Jeronymo d'Albuquerque de Pernambuco em Agosto de 1614 com uma força de 300 soldados e numero sufficiente de indios, tendo por adjunto o sargento

mór Diogo de Campos (146), e em Setembro do mesmo anno aportam á ilha de Sant'Anna. D'ahi com 400 soldados e 250 indios vai demandar a ilha do Maranhão, e entrando a barra de S. José foi se postar em Guaxenduba, sitio que lhe pareceu o mais defensavel. Vieram procural-os os francezes, que se apoderaram das embarcações que aquelles haviam abandonado no porto, e d'ahi foram entrincheirar-se em uma eminencia á cavalleiro ás fortificações de Jeronymo d'Albuquerque e de onde os desalojou Sousa d'Eça, causando-lhes muitas perdas, entre ellas a morte de Pizieu. Derrotados os francezes retiraram-se.

« Foi fama constante accrescenta o autor, e ainda hoje se conserva a tradicção, que a Virgem Senhora fôra vista entre os nossos batalhões animando os soldados em todo o tempo do combate, retardando-se milagrosamente a enchente da maré para complemento da victoria; e por agradecidos lhe dedicaram os portuguezes depois o primeiro templo na cidade de S. Luiz, que é hoje sé episcopal, com o titulo de Nossa Senhora da Victoria, pelo que alcançaram as nossas armas n'este dia, de que se faz solemne memoria todos os annos aos 21 de Novembro.... Temos aqui reproduzido o milagre do Campo d'Ourique a intervenção de Sant'Iago e de S. Jorge em batalhas com infieis e castelhanos, e a de S. Sebastião no Rio de Janeiro !...

Conhecido o mallogro da expedição, envia Ravardière o capitão Mallart a Jeronymo d'Albuquerque que para ajustarem por intervenção do sargento-mór Diogo de Campos umas treguas e suspensão de armas pelo tempo preciso

(146) Este escreveu a *Jornada do Maranhão por ordem de S. M., feita no anno de 1614.* Foi impressa pela Academia Real das Sciencias de Lisboa em 1812.

de um anno, no que annue o general, e assigna com o sargento-mór os artigos.

O general Alexandre de Moura e os jesuitas Gomes e Nunes partem para o Maranhão.— Sabido do governador Gaspar de Sousa o exito feliz das armas portuguezas e instado pela côrte que expellisse os francezes, envia novo reforço, nomeando para capitão-mór e general Alexandre de Moura; e como confiasse muito para taes commettimentos nos indios, obteve do provincial dos jesuitas Pedro de Toledo enviasse com este reforço dois religiosos, os padres Manoel Gomes e Diogo Nunes.

Levando ferro as embarcações d'esta expedição, no terceiro dia de viagem tomam o porto do Ceará, onde tiram 70 indios de guerra, e depois d'alguns dias de demora, montando a ponta do Preá e entrando pela barra de S. José, á leste da ilha do Maranhão, dão fundo junto do porto de Guaxenduba.

Descontentes Albuquerque e seus soldados com a desattenção a seus serviços, sujeitando-o a alheias ordens; serena-lhes os animos irritados Alexandre de Moura, asseverando a Albuquerque, que restaurada a ilha do poder dos francezes, retirar-se-ia para Pernambuco, deixando-a comtudo mais á sua obediencia.

Passam-se d'alli os padres ao forte d'Itapary, « situado na ilha fronteira ao alojamento dos portuguezes » para porem-se em communicação com os indios e os chamarem a abraçar a causa dos portuguezes, o que de feito conseguiram, promettendo os *Tupynambás* « toda a assistencia em favor das suas armas, ainda que arriscassem n'ella as proprias vidas, com condição, porém, que os padres da companhia viveriam entre elles como seus paes e defensores. »

Expiradas as treguas e engrossadas as forças portuguezas com os indios vindos de Pernambuco e os do Maranhão, manda Jeronymo d'Albuquerque, assistido dos dois padres, cercar os francezes dentro da sua praça d'elles, emquanto com toda a armada lhes fechava a barra. Conheceu Ravardière o seu perigo, vendo-se cercado, desamparado dos indios e sem esperanças de navios que lhe podessem trazer de França « o muito de que precisava n'aquella praça para sua defesa, » e no intento de salvar as vidas e a fazenda, offerece despejar a ilha com os seus que o quizessem seguir, permittindo-se-lhes as fazendas e dando-se-lhes as embarcações necessarias para o seu transporte á França, no que conveiu Alexandre de Moura, menos na entrega da artilheria e munições de guerra. Arvorada a bandeira portugueza e presidiada a fortaleza com 170 soldados, desembarcaram Alexandre de Moura, Jeronymo d'Albuquerque e Diogo de Campos, sendo recebidos pelo « governador e mais francezes com os termos da urbanidade e politica muito propria d'esta nação. »

Como com a retirada dos capuchos francezes ficassem desoccupados o hospicio e a capella, que lhes pertenceram, fez mercê d'elles aos padres da companhia o capitão-mór : « E' o mesmo lugar onde hoje se acha fundado o nosso collegio da Virgem Senhora da Luz, junto onde depois esteve o Carmo-Velho. »

Regressa Alexandre de Moura a Olinda — 1616. — Repartidas as terras e chãos pelos portuguezes, expedido Francisco Caldeira Castello-Branco com 150 soldados para os confins da bocca do Amazonas da parte do Sul, e resignado o poder nas mãos de Jeronymo d'Albuquerque, se partiu Alexandre de Moura, chegando á cidade d'Olinda aos 5 de Março de 1616.

Cuida então Jeronymo d'Albuquerque na edificação e

arruamento da cidade, e dá principio ao palacio « que ainda hoje serve de morada aos governadores com mais algumas obras. »

Os dois padres, além das praticas e exercicios quotidianos, fundam da outra banda da cidade a primeira missão e residencia onde com os indios reduzidos á lei evangelica e com os que trouxeram de Pernambuco assentam a aldêa de *Uçagoaba* (de Vinhaes). Residia um na aldêa e o outro acudia aos moradores da cidade e aos neophitos das outras aldêas, que se governavam pelo methodo da *Uçagoaba*, assistindo em cada uma d'ellas um catechista, que fazia, na ausencia do missionario, doutrina aos pequenos e instruia os adultos.

Escrevendo o padre superior Manoel Gomes ao seu provincial sobre os trabalhos emprehendidos por elle e seus companheiros conclue: « Ha muitos *Tapuyas* de muitas nações das quaes quatorze fallam a lingua geral dos *Tupynambds*, que é *quasi commum no Brasil*....... Todos são grandes lavradores. »

Continuam os padres M. Gomes e Diogo Nunes na ilha do Maranhão a exercer com o mesmo fervor o seu ministerio.

« Eram os moradores do Maranhão n'aquelle tempo (1616) pela maior parte gente baixa, » cobiçosa e sensual com grave prejuizo dos indios « que eram todo o alvo de suas desordens, a uns roubavam a honra tirando-lhes com abominavel violencia as mulheres e filhos ; a outros a liberdade, » etc.

Queixavam-se os indios de tantas vexações e repetidas tyrannias, allegando « o bom trato que receberam dos francezes por quem tinham sido conservados em paz e justiça, com uma exacta e avantajada paga de seus servi-

ços, » ao passo que as grandes promessas de mercês e premios, brandura e protecção se auxiliassem as armas portuguezas na expulsão dos francezes tornaram-se em jugo insupportavelmente penoso.

Requeriam debalde os padres se pozesse termo a tantas violencias e se refreassem as injustiças, e ainda mais se affligiram com a guerra que os portuguezes moveram aos indios *Tremembés*, situados na costa, entre o *Preá* e a *Tutoya*. Com o zelo dos padres mais encruesciam as iras dos moradores, tanto que, conhecendo estes que nada conseguiriam senão da protecção real, resolveram requerer á côrte de Madrid. (Cap. XII.)

Tornam os padres á côrte. — Largaram os padres d'ahi em principios de 1619, e chegando ás Indias de Castella onde falleceu o padre Diogo Nunes, se passou a Madrid o padre superior Manoel Gomes ; porém ahi nada alcançou razão de ter morrido em 1621 Filippe III, por cujo motivo retira-se n'esse anno á sua provincia do Brasil. Pouco tempo depois de sua chegada, em principios de 1622, vieram para essa missão os padres Luiz Figueira e Benedicto Amodei.

Depois dos capuchinhos francezes foram os padres da companhia os primeiros religiosos que entraram no Maranhão ; pois que os franciscanos frei Cosme de S. Damião e frei Manoel da Piedade, embora viessem com Jeronymo d'Albuquerque, não passaram suas funcções além de capellães da armada, em que depois tornaram para Pernambuco. (Cap. XIII.)

Fundação do convento de Santo Antonio—Carmelitas. —Entra o autor em longas considerações para refutar o *Jardim da Scriptura* do padre Gabriel do Espirito-Santo, e como se vê, confuta tambem a do *Santuario Marianno,*

dando primazia de estabelecimento no Maranhão á ordem de Loyola. Segundo elle, fundam o convento de Santo Antonio em Agosto de 1624 o commissario fr. Christovão de Lisboa, e os mais religiosos franciscanos que com elle tinham vindo na armada que trouxe ao Maranhão o primeiro governador d'este Estado Francisco Coelho de Carvalho.

Em 1627 fundam o convento do Carmo fr. André da Natividade e fr. Antonio de Santa Maria, que para isso tinham vindo do Estado do Brasil, indo para o Pará, a convite do Bento Maciel Parente o vigario provincial fr. Francisco da Purificação, que fundou n'esse mesmo anno na rua do Norte um soberbo convento da sua ordem.

Mercenarios. — Quanto aos mercenarios, chegam á cidade do Pará em Dezembro de 1639 os padres fr. Pedro Cirne e seu companheiro dando logo principio n'essa cidade e na do Maranhão ao estabelecimento de sua ordem.

Franciscanos.—Os religiosos reformados de S. Francisco da Piedade fundaram tambem no Pará duas casas em 1697, uma em S. José, suburbios da cidade, e outra em Gurupá.

Tornando o padre Manoel Gomes de sua viagem a Madrid, se passou a Pernambuco, onde fez ao provincial uma narração dos vexames que elle e seu companheiro soffreram dos moradores do Maranhão « até entrarem no projecto de os quererem lançar fóra. » Será esta a primeira tentativa d'expulsão dos jesuitas. Não se intimidou com isso o padre Luiz Figueira, que alli se achava desde que se tornára d'Ibyapaba, depois da morte do padre F. Pinto, antes instava para que o incumbissem d'essa laboriosa missão, em que só por ultimo conveiu o provincial, quando lh'o ordenou o governador Diogo de Mendonça Furtado, por mandado de Filippe IV. Elegeu então, como fica dito, os padres Figueira e Amodei e os enviou. (Liv. II, cap. I.)

Chegam os padres Figueira e Amodei. — 1622.— Par-

tidos estes de Pernambuco com Antonio Moniz Barreiros, nomeado capitão-mór de Estado do Maranhão, aferram o porto da cidade de S. Luiz do Maranhão em Março de 1622.

De Moniz Barreiros diz o autor: « se fazia credor de maiores cargos, assim pela qualidade da pessoa, como pelas forçosas razões do merecimento e serviços de seu pai, com o que se fazia aos maiores igual no valor e a nenhum segundo na experiencia, na resolução e no acerto. » Ordenou-lhe (o governador) no seu regimento, que nas causas (excepto militares) de maior momento « *se aconselhasse em tudo e por tudo com o padre Luiz Figueira, e não obrasse cousa a que se oppozesse manifestamente o parecer do dito padre.* »

Desembarcados os padres, entra logo o povo a inquietar-se e a intentar por meios violentos a retirada d'elles no mesmo barco que as trouxéra de Pernambuco, e foram-se os animos alterando de tal geito, que o padre Luiz Figueira resolveu dirigir-se á camara e alli assigna termo de que se não intrometteria a tirar os indios fossem ou não fossem verdadeiros captivos; mas os moradores não se deram por satisfeitos, continuando a exigir a sahida dos padres, e só vieram a serenar-se com a attidude energica que mostrou Moniz Barreiros pelo protesto que lavrou em sessão de camara a 2 d'Abril d'esse mesmo anno (1622).

Primeira fazenda dos padres jesuitas. — Foi o sitio Anyndibá (hoje Paço do Lumiar) a primeira terra doada á vice-provincia da companhia no Maranhão. N'esta legua de terra funda o padre Luiz Figueira em 1627 a primeira fazenda que teve ahi o collegio, fabricando casa e erigindo capella, que dedicam a N. S. da Luz.

O padre Luiz Figueira fervoroso na conversão dos indios escreveu a grammatica da lingua geral, que corre impressa

e de que ha 2ª edição de 1851; e escreveu ao provincial instando por mais obreiros. Acudindo o provincial a tão justo reclamo, expede para essa missão o padre Lopo do Couto, dando-lhe por companheiro a um irmão coadjuctor.

O padre Figueira, ajudado d'alguns indios mechanicos, que trouxéra de Pernambuco e do principal Mitagaya, creado de menino pelos padres e sujeito de prendas, emprehende a edificação do collegio da companhia, fazendo de pedra e cal, e com toda a segurança, corredor, que é «o mesmo que ainda hoje se vê para a parte do norte, Praia Pequena, correndo o rumo de leste a oeste.» (147)

Expedido o padre Couto para converter os indios e acudir aos moradores do Itapecurú (148) e do Mony, e o padre Amodei aos da ilha, occupava-se o padre Figueira da doutrinação no pulpito e no collegio, e não contente com tão afanoso lidar, já cuidava com passar-se ao Pará.

Morte do governador. — 1636. — Em 1636 succede a morte do governador Francisco Coelho na villa de Camutá.

Primeira exploração do Amazonas.—1637.—Apossa-se das redêas do governo o provedor da fazenda real da capitania do Maranhão, Jacome Raymundo de Noronha, fazen-

(147) Servia o collegio de paço episcopal e foi ha annos arreado para no lugar edificar-se nova vivenda para os prelados maranhenses.

(148) De muito que adoptei esta maneira d'escrever o nome do nosso rio e tenho a satisfação de a ver hoje geralmente seguida. De antes escreviam *Itapycurú* seria plausivel, se não fosse forçado: *Ita*, pedra— *pe*, caminho— *yg*, agua — *curú* (abreviatura de *curutem*) abundancia, muito. *Caminho de muita pedra por agua.* Isto podia dar-se por contracção de *pe yg* em *py*, se na lingua tupy a cousa possuida não fosse posposta ao possuidor, dizendo-se *yg pe*; portanto a etymologia Itapecurú, é a unica que me parece admissivel, por isso que ha logo na foz do Itapecurú uma longa cachoeira e outras no seu curso, d'ahi *abundancia de pedras—muitas pedras.*

do-se obedecer pelo senado da camara d'ella e logo em seguida pelo do Pará. Intenta este a exploração do rio Amazonas, para cujo fim nomeia o capitão Pedro Teixeira, que « dando principio á sua commissão em Outubro de 1657, subindo até Quito e voltando d'esta para a cidade do Pará, « chega a ella em Dezembro de 1659, acompanhado de sua mesma escolta e dos dois jesuitas castelhanos —Christovão da Cunha e André d'Artieda.

Aos 27 de Janeiro de 1658 chega ao Maranhão Bento Maciel Parente, nomeado governador do Estado com uma doação de donatario da capitania do Cabo do Norte de juro e herdade para elle, seus filhos e herdeiros descendentes, tanto transversaes como collateraes; e trazia sobreposse resuscitada a antiga lei da administração dos indios.

Trata o novo governador de fortificar a cidade de S. Luiz, mandando « lançar um muro ou trincheira que corria da Praia Pequena, detraz da cerca do collegio, até á Praia Grande. »

Tinham já os hollandezes soffrido revez das armas portuguezas, sendo expulsos do Amazonas pelas forças ao mando de Bento Maciel Parente, Pedro Teixeira, Pedro da Costa Favela e João de Caceres, succedendo-lhes outro tanto no Ceará, encontrando forte resistencia em Martim Soares Moreno, que duas vezes os rechaçou, quando mais animados com a tomada de Pernambuco accommetteram pela terceira vez a fortaleza do Ceará presidiada por Bartholomeu de Britto, logrando elles rendel-a á escala viva.

Entrada dos hollandezes no Maranhão. — 1641. — Tentaram então a conquista do Maranhão apezar de achar-se por esse tempo já acclamado rei de Portugal D. João IV, e n'esse intento partiram do Recife com 18 vasos e 2,000 homens de desembarque ás ordens de João Cornellas, e a 24 de Novembro de 1641 embocaram a barra do Maranhão e

quasi que sem resistencia foram desembarcar na praia do Desterro. Manda-lhes o governador estranhar semelhante violencia por uma commissão composta do padre Lopo do Couto e do provedor da fazenda Ignacio do Rego Barreto, ao que respondeu o commandante hollandez com evasivas, e retirados os commissarios, procedem os hollandezes ao desembarque, fugindo a companhia militar á primeira descarga dos inimigos. Avançam então para a fortaleza, mas sahindo-lhes de novo ao encontro os mesmos commissarios e ignorando o commandante hollandez as forças portuguezas contidas alli, concorda em ficar senhor do terreno conquistado sem tentar accommetter a fortaleza, mas sabendo depois da diminuta força que a guarnecia, toma-a e põe á saque a cidade sem respeitar os templos, á excepção da igreja dos jesuitas. Isto diz o autor.

Estendeu-se o saque á terra firme, e os moradores da ribeira do Itapecurú para evitarem maiores estragos e violencias « reuniram esta infelicidade com o donativo de 6,400 arrobas d'assucar que promptamente entregaram. »

Valor de Pedro Dessaes. — Ordenaram os hollandezes aos moradores a que jurassem vassallagem á Republica, ao que obedeceram todos, menos Pedro Dessaes, biscainho de nascimento, que sem temor da morte e resistindo aos rogos e lagrimas da esposa, dos amigos e parentes, não quiz seguir o exemplo dos mais. A' vista porém de tamanha obstinação e valor, das lagrimas de D. Antonio de Menezes, sua mulher e dos conselhos d'algumas pessoas de respeito, muda o commandante hollandez de proposito e concede-lhe a vida.

Justifica o autor Maciel Parente, desculpando-o por faltarem-lhe soldados e estar malquisto dos moradores pelos ter fintado para a fabrica e reedificação dos muros da cidade.

As exacções e violencias de toda ordem dos hollandezes iam de dia a dia exacerbando os animos aos do Maranhão, escandalisados na sua fazenda, honras e crenças. Observando isto o padre Lopo do Couto, intenta sublevaI-os contra o dominio estranho, procurando para isso em seu engenho a Antonio Moniz Barreiros, seu sobrinho, um dos mais offendidos e affeiçoado dos moradores do tempo que fôra capitão-mór d'aquella conquista.

Parte então o padre a pretexto de visitar seus neophitos da terra firme, na volta d'esta visita busca Moniz Barreiros « a quem, no maior silencio da noite, communica só por só o acerto, conveniencia e meios de uma tão gloriosa acção. » Approva tão arriscada resolução Moniz Barreiros e obriga-se a communicar com todo o sigillo o negocio aos demais bons patricios.

Contando já para mais de sessenta conspiradores, convoca-os Moniz Barreiros para o engenho de Vital Maciel Parente, e ao mesmo tempo os padres discorriam pela ilha para terem á mão os indios precisos para os remos e para os arcos. Percorrem os revoltosos os engenhos, levando a fio de espada os hollandezes que encontraram, excepto no engenho do sargento-mór Antonio Teixeira de Mello, que por compaixão não consentiu semelhante barbaridade ; mas deixando-os prisioneiros e entregues á guarda de um morador do sitio este os matou ! D'ahi marcharam contra o forte do *Calvario*, na foz do rio Itapecurú, e os hollandezes tinham 70 soldados e 8 peças d'artilheria, porém tão pouco vigilantes que não presentiram a chegada dos revoltosos, que os surprehendem e ao amanhecer tomaram o forte, lançando-se a guarnição d'elle no rio. Vencidos em uma só noite os hollandezes, trata Moniz Barreiros de accommetter a ilha antes que na cidade tivessem noticia, mas um mestiço que escapára á nado, leva a fatal nova á cidade, pelo

que assentou elle arraiaes em *Taydçúcoaratim*, entre o *Ibacanga* e *Igarassú*, onde já engrossadas as forças rebeldes com 200 homens, planeja Moniz Barreiros fazer guerra d'emboscadas ou guerrilhas de modo a impedir toda a communicação da cidade com a terra firme e centros da ilha, onde se forneciam os hollandezes de viveres ; para o que foi uma escolta acampar no *Coty-mirim*, mas não tardou que soubesse que os hollandezes pretendiam vir atacal-o. Avisado Moniz Barreiros pelo cabo d'ella, com tanta diligencia veiu com sua força em soccorro, que ao amanhecer já estava com a maior parte de sua milicia com os companheiros. Dispostas as tropas ao longo da estrada e occultas pelas arvores, assim emboscados aguardaram os hollandezes, que em numero de duzentos sob o commando de Saudalin, e sem a menor suspeita da emboscada, ao chegarem ao rio entraram a banhar-se e quando estavam mais descuidados, cahiram os revoltosos sobre as forças hollandezas, levando-os a tiros, frechadas e a fio d'espada, perecendo no conflicto até o commandante Saudelim, e á excepção de quatro soldados com um alferes, que levaram a noticia d'esta derrota ao general da praça. Achava-se entre elles no campo da batalha o padre Benedicto Amodei, e segundo indica o autor, não parece que fosse o sitio d'esse recontro o *Outeiro da Cruz*, como quer a tradição ; por que fica distante do rio e não podiam os hollandezes entregarem-se ao prazer do banho quando lhes cahiu de chofre a tropa de Moniz Barreiros.

Determinado Moniz Barreiros a accommetter d'improviso a cidade, marcha com muito pouca resistencia dos cercados, e foi postar-se no convento de N. S. do Carmo. Tornava-se então preciso senhorearem-se das casas de Antonio Vaz, situadas na esquina da rua que vae para Sant' Antonio. Commetteu o capitão mór essa facção ao esforço e pericia do

capitão Pedro da Costa Favella, que a desempenha com feliz exito, tomando os hollandezes esse ponto estrategico, de onde com duas peças d'artilheria, que haviam mandado vir do forte Calvario, faziam grande estrago nas trincheiras inimigas.

Morre o padre Lopo do Couto.—Chegado do Pará um bom soccorro de trez companhias de soldados com 700 indios, entra o padre Lopo do Couto a instar com o sobrinho para que assaltasse sem mais dilatação a praça, e demorando-se Moniz Barreiros por prudencia n'este commettimento ousado, faltando occasião de tomar-se a fortaleza, e enfermo gravemente o padre Lopo de pura penna por ver frustradas as suas diligencias, segundo diz o autor, e em poucos dias morre. A este padre attribue Moraes «o arbitrio e resolução d'esta guerra em beneficio da liberdade e restauração do Maranhão,» e d'elle diz que era filho de Portugal, onde entrou para a companhia conservando n'ella um ardente desejo de servir a Deus na conversão dos gentios, para o que partiu em 1600 para o Brasil em companhia do padre Marcos da Costa.

Chega de Pernambuco mandado pelo conde de Nassau o soccorro de um navio e sete barcos com gente de transporte e munições de guerra sob o commando d' Anderson. (Liv. II cap. VI).

Morre Moniz Barreiros.—Soffrendo por esse tempo Moniz Barreiros de febres, cahe gravemente enfermo e nomea para fazer suas vezes ao sargento mór Antonio Teixeira de Mello. Faz Anderson uma sortida contra as forças portuguezas e teve de retirar-se ao forte com grandes perdas. Pouco depois falleceu Moniz Barreiros em consequencia da molestia.

A 25 de Janeiro de 1643 vê-se Teixeira de Mello obrigado a levantar o bloqueio, já por faltar-lhe munições de guerra,

já pela desunião que ia lavrando entre os cabos, e a internar-se na ilha, acampando no Coty «onde no anno antecedente tinham alcançado as armas portuguezes uma insigne victoria.» Ahi arma elle igual cilada, e com a mesma fortuna que lográra seu antecessor. Alentados com este successo foram os revoltosas seguindo em boa ordem até *Muruapú*, segundo escreve o autor, ou *Moruapy*, conforme B. P. de Barredo. No cabo de trez mezes, consumida a maior parte das munições, e depois de fazerem algum damno nos hollandezes, retiraram-se para a terra firme de Tapuytapéra (Alcantara), de onde desertaram alguns que se passaram ao Pará. D'ahi, porém, não tardou que chegasse o capitão Antonio de Deus com reforço. Animado com elle Antonio Teixeira e persuadido, segundo o autor, das exhortações do padre Benedicto Amodéi, resolve atacar os hollandezes, para o que expede o seu tenente Antonio Dias Madeira com mais 7 portuguezes em duas canôas para se informar do que se passava na ilha e rio Itapecurú. Encontrando n'elle uma embarcação com 30 hollandezes, aborda-a, degolando toda a equipagem, menos um para lhe servir d'interprete, e lança depois fogo ao barco. Tomadas do prisioneiro minuciosas informações, ordena o capitão mór aos capitães João Vasco e Manoel de Carvalho Barreiros, segundo Berredo, que se passassem á ilha a talar a campanha. Conseguiram desembarcar e aquartelar-se no sitio Inhaúbas, segundo o autor. Nhaúsmas como escreve Berredo, ou Inhaúma como hoje se diz; mas isto, já se vê, causando damno aos contrarios, que em varios recontros perderam 50 soldados. Foram atacados n'esse acampamento pelos hollandezes, aquem rechaçaram, puzeram em fuga e perseguiram até junto á cidade. (Liv. II cap. VII).

Chegada de 14 jesuitas—1643.—A 13 de Junho de 1643 chega ao Maranhão o governador Pedro d'Albuquerque com

uma grande náo fornecida de soldados e munições de guerra, e n'ella tambem quatorze jesuitas com o padre Luiz Figueira, que para esse effeito se tinha passado a Portugal. Por prudencia a armada não procurou a terra, e contentou-se o governador com mandar disparar alguma artilheria. Teixeira de Mello manda logo o alferes João de Paz com 50 indios reconhecer a embarcação; mas este, cujas acções contrastavam com o appellido, topando na ponta d'Arêa com um lanchão de hollandezes, que vinha do Araçagy com 27 soldados, abalroa-o, «e aos que não matou, aprisionou.» Desvanecido com a victoria, desattendeu as ordens e regressou ao arraial dos seus. Notando o governador que de terra não o vinham reconhecer, fez-se de véla e partiu para o Pará. Apesar de desamparados, não deixavam os revoltosos de colher vantagens em varios recontros. No dia 10 d'Agosto d'esse mesmo anno, sendo acommettido o capitão Manoel de Carvalho, por 180 hollandezes e outros tantos indios, quando estava apenas com 40 soldados e alguns indios no sitio acima indicado d'Inhaúma a fabricarem farinha para mantimento dos seus, estes defenderam-se com valor desbaratando totalmente o inimigo. (cap. VIII).

Evacuam os hollandezes o Maranhão.—28 de Fevereiro de 1644.—Animado Antonio Teixeira de Mello com esta e outras vantagens, com o soccorro que lhe enviára do Pará o governador Pedro d'Albuquerque, e já se sabe com as exhortações do padre Amodei, manda algumas partidas para a ilha afim de pôrem os hollandezes em bloqueio. Vendo-se estes picados pela fome, mingoados de munições protestaram a maior parte pela retirada, no que conveiu o seu general, e no dia 28 de Fevereiro de 1644, encravada a artilheria e tiradas todas as munições de bocca e guerra, se embarcaram os hollandezes e deixaram o Maranhão, depois de o terem senhoreado pouco mais de dois annos. Occupada a

praça por Teixeira de Mello, expediu elle sem demora aviso a Portugal da conclusão da liberdade e do quanto se occuparam todos em refazer as ruinas da cidade e da fortaleza. Não foram recompensados o valor e constancia de Antonio Teixeira de Mello conforme o affirma Berredo nos seus *Annaes*, ns. 926, 927 e 929, e nem desculpa tão imperdoavel injustiça a allegação de Moraes, de que elle fallecêra pouco tempo depois da restauração do Maranhão. (cap. VIII).

O padre Benedicto Amodei «com cuja virtude e fervorosas exhortações se tinham animado os restauradores a levar adiante e concluir por ultimo tão gloriosos principios» empregou-se então não só na diligencia costumada de assistir os portuguezes e de converter os indios, como de extirpar algums erros em que os tinham mettido os hollandezes.

As armas da cidade de S. Luiz do Maranhão são:—«um escudo coroado, no campo do qual se vê um braço armado de uma espada, de cuja mão, como de Astréa, pendem umas balanças a que servem de conchas dois escudos menores;em um que peza menos se vêm as flores de liz e armas de Hollanda com estas letras *Vis*; e no outro que peza mais as armas portuguezas com est'outra *Jus*, e por baixo a epigraphe que diz *Preponderat.*»

Partindo Francisco Caldeira Castello-Branco do Maranhão com 150 soldados escolhidos além dos indios que podessem servir nos fins de Novembro de 1615 e no dia de S. Francisco Xavier desembarcaram, apesar da opposição dos naturaes, no sitio onde hoje se acha a cidade de Belém do Gran-Pará, sendo Antonio de Deus o primeiro portuguez que pisou aquella terra. Tratou F. Caldeira d'enviar embaixadas com brindes aos indios assegurando-lhes paz e boa amizade; e ao mesmo tempo deu principio a cidade ; levantou um forte e formou-se a matriz de taipa e varas, dedican-

do-a o commandante do descobrimento a N. S. de Bethlem.

« Está assentada a cidade de Bethlem do Grão Pará em altura de 330.° de longitude, e de latitude um gráo e 27 minutos ao sul da linha equinocial.» Devide-se em duas freguezias, uma na campina e outra na cidade propriamente dita. Principia no convento de Santo Antonio, e d'ahi correndo rumo de Nordéste quarta do norte acaba na ponta ou forte de Santo Christo d'onde se forma o segundo rumo, norte sul, da parte do hospicio da provincia da Conceição. A sua melhor defesa é a entrada da sua barra. « Porém o que mais parece faz inconquistavel esta cidade é a commodidade dos mattos e o grande numero de seus rios, pelos quaes podem os moradores, como senhores do paiz, resistir e quebrantar quaesquer forças inimigas por maiores que sejam.»

« O que mais faz avultar esta nobilissima cidade é a sua regia cathedral, uma das mais primorosas e magnificas de toda a nossa America Portugueza.» E' fundação de D. João V. Ha mais o convento de Santo Antonio com igreja, segue-se a dos religiosos mercenarios, « obra antiga, porém a sua igreja bella, e bem obrada á moderna.» O convento de N. S. do Carmo por acabar (1750); «o seu templo porém posto na ultima perfeição pelas medidas do grandioso frontispicio de pedra marmore, que se vae levantando, será uma das mais primorosas obras d'esta cidade». Tem misericordia, igreja de N. S. do Rosario dos pretos, a de N. S. do Rosario dos brancos, a de S. João dos soldados, e a capella do Santo Christo e afinal o collegio e igreja da Companhia de Jesus. Tem uma boa casa de camara com cadêa por baixo. O palacio dos governadores, principiado em 1676 pelo governador Pedro Cezar de Menezes e depois acabado por seu successor Ignacio Coelho da Silva. Pretendeu depois

o governador Christovão da Costa Freire, senhor de Pancas, fazer novo palacio na praça (da Matriz, mas seu successor Bernardo Pereira de Berredo fez abandonar a obra por desnecessaria.

« O clima já foi mais sadio com seus habitantes, sendo agora mais ordinarias as doenças, que em outro tempo se experimentavam como raras.»

Das capitanías do Estado do Maranhão a mais antiga que a d'este nome, e a do Pará foi a do rio do *Gurupy*, onde fundára o governador Francisco Coelho de Carvalho á sua expensa povoação com uma grandiosa aldêa de que eram missionarios da companhia. D'ahi se passaram os moradores para Caeté, que é actualmente a cidade de Bragança. No Gurupy, porém, conservou-se afinal a aldêa que era da obrigação da companhia.

Foi José de Mello e Sousa o donatario da capitania de Caeté. Viu-se esta augmentada com a aldêa da nação *Apatinga*, que com o missionario jesuita Bento Alves tinha descido, sendo capitão mór e loco-tenente por parte do donatario João de Herrera da Fonseca.

Antes da cidade do Pará topa-se a villa da Vigia, fundada por Jorge Gomes Alemo, para o que lhe déra faculdade el-rei D. João IV. « Tem bons ares, e é muito farta de peixe e mariscos.»

Fronteira quasi á cidade do Pará, da outra banda da sua bahia, fica a capitania da Ilha Grande de Joannes ou Terra dos Sacácas (hoje villa de Salvaterra.)

Na mesma ilha ha mais a aldêa de *Payá* (hoje villa de Monsarás) e outra da Conceição de Condeixa. Tem esta ilha no seu maior comprimento de nordéste a sudoéste 50 leguas, na sua maior largura de leste a oéste 38 leguas.

A 28 leguas da cidade, na foz do Tocantins, ha a cadita-

nía de Caamutá. Foram fundadas as aldêas d'este districto pelos padres da companhia.

Do Camutá até Gurupá, que é outra capitania, contam-se 66 leguas até o lugar em que se acha uma fortaleza, debruçada sobre o rio Amazonas, sendo esta fortaleza mui importante « pelas muitas drogas que senhoreia.» Defronte de Gurupá, para a banda do norte, fica a aldêa de *Macapá*, na capitania outróra de Bento Maciel Parente.

As armas de Belém do grão Pará foram « um grande escudo esquartelado, de uma parte do qual, em campo azul, se via um grande castello de prata, e n'elle um escudo de ouro com as quinas de Portugal, pendente de um trancelim de pedraria. Em cima do castello, de ambos os lados, sahiam dois braços: um offerecendo um cesto de flores, com a inscripção por baixo *Voereat eternam*; em outro cesto de fructas com a inscripção *Tutius Latent*; do outro lado, em campo de prata, um sob retrogrado do poente para o nascente, e a inscripção *Rectioreum retrogradus;* e logo outra *Nequaquam minimo est*, com um boi e uma mula por baixo olhando para o mesmo sol.

Partiu o padre Luiz Figueira para o Pará em Maio de 1636, tendo gasto no Maranhão quatorze annos no laborioso exercicio de missionario catechista com exemplarissimo zelo e invejavel caridade. Ao mesmo tempo que cuidava na cidade do Pará na reforma dos portuguezes, exercia os ministerios sagrados e escrevia compendios de doutrina em lingua brasilica, e ensinava catechistas que o ajudassem na vasta seára d'aquellas regiões.

« Era imperterito o padre Figueira em emprehender grandes cousas, e onde era maior a difficuldade ahi empenhava mais a valentia do seu animo.» Discorrendo pelas innumeras aldêas, subiu pelo rio Xingú e passou mezes entre as nações populosas que habitavam suas margens. Sentindo

a penuria extrema de operarios para tão vasta messe, passou-se para o Maranhão no intento de ir buscar missionarios em Portugal para onde se partiu em 1637.

Chegado o padre ao seu destino, passou logo á côrte de Madrid, onde Felippe IV lhe mandou passar provisão para a companhia de Jesus tomasse á sua conta todas as aldêas do Maranhão e do Pará, bem como a administração esperitual d'ellas, conforme a bulla do Pio V. Retirou-se então para Portugal onde conseguiu levar comsigo quatorze socios entre padres e irmãos, cujos nomes são: padre Simão Florim, padre Pedro de Figueiredo, padre Francisco do Rego, padre Bernabé Dias, padre João Leite, padre Francisco Pires, os irmãos Manoel de Lima, Manoel Vicente, Manoel da Rocha, Domingos de Brito, Pedro Pereira, Antonio de Carvalho e Nicoláo Teixeira, que com o superior padre Luiz Figueira, perfaziam 15. Discorda quanto aos nomes o padre A. Franco, na sua *Synopsis Societatis Jesu*, do padre José de Moraes, omittindo os dos padres Francisco de Figueiredo, e dando o do padre Manoel Moniz, e entre os dos irmãos em vez de Nicoláo Teixeira dá o de Gaspar Fernandes. Aos 29 d'Abril de 1643 embarcada esta valiosa missão com Pedro d'Albuquerque, que de governador do Estado do Maranhão, se fez a náo ao mar, e chegando a 29 de Junho á barreta do Pará, a embarcação, que demandava muito fundo, tocou em uma restinga, e principiou logo a fazer agua. Veiu o capitão Pedro da Costa Favella com duas canôas salvar a equipagem; mas não chegando para todos, ao que recusaram-se os padres a embarcar-se n'esta primeira viagem, á excepção do padre Francisco Pires e irmãos de Antonio de Carvalho e Nicoláo Texeira. Formaram então uma jangada na qual entraram cento e vinte pessoas, e sobre um pedaço de coberta lançaram-se oito com o padre Pedro de Figueiredo e irmão Manoel da Rocha, vindo estes acabar nas aguas e os

da jangada, aportando á ilha de Joannes (Marajó) onde foram tomados pelos indios oroães, que os repartiram pelas diversos tribus, que os devoraram, sendo os primeiros sacrificados o padre Luiz Figueira e seus companheiros.

Foi o padre Luiz Figueira natural d'Almodovar, entrou para o collegio d'Evora em 1592. Ordenado sacerdote, passou-se para a provincia do Brasil em 1602, e nomeado companheiro do padre Francisco Pinto, logrou escapar das mãos dos indios na expedição do Ceará e recolher-se a Pernambuco, onde foi reitor do collegio pelo tempo que se tornou ao Maranhão em companhia e como accessor do capitão-mór Antonio Moniz Barreiros.

O padre Simão Florim, portuguez de nação, tinha singular talento para converter almas, e o padre Francisco do Rego, virtuoso e muito dedicado á oração e a disciplinar-se, entrou para a companhia no dia da conversão de S. Paulo e faz votos de o imitar na prégação dos gentios. O padre Pedro Figueira, modesto e humilde, sempre se sacrificou gostoso ao menor aceno de seu superior. O padre Barnabé Dias, além das muitas virtudes em que floresceu no seculo, era devotissimo de Maria Santissima, a quem todos os dias rezava officio parvo.

Dos tres religiosos que escaparam com vida d'este naufragio, onde pereceram 111 das 173 pessoas que vieram, são o padre Francisco Pires e os irmãos Antonio de Carvalho e Nicoláo Teixeira.

Pedro Maciel Parente, nomeado capitão-mór do Pará, e seu irmão João Velho do Valle; capitão mór do capitanía do Cabo do Norte, ambos sobrinhos de Bento Maciel Parente, querem tomar posse de seus respectivos lugares, no que os impede o senado da Camara, porque tendo-os elle mandado em soccorro dos do Maranhão, por occasião da expulsão dos hollandezes, chegaram áquella capitania e

retiraram-se logo nas mesmas canôas, e agora se faziam fortes com os soldados de sua disciplina e se alojavam na ilha do Sol dos Tupynambás. Tomou-se de tanta dor por este acontecimento o governador Pedro d'Albuquerque, e taes molestias contrahiu empoz o naufragio, nunca mais logrou saude, vindo a fallecer em 16 de Fevereiro de 1644. Pouco depois, dos tres religiosos escapos veiu a morrer o irmão Antonio de Carvalho no convento do Carmo do Pará, o padre Francisco Pires foi para o Maranhão em obediencia ás ordens do padre Amodei, e o irmão Nicoláo Teixeira para Portugal.

Em 1646 partiram de Portugal o padre Manoel Muniz e o irmão Gaspar Fernandes em companhia do governador do Estado do Maranhão, Francisco Coelho de Carvalho (o *sardo)*, com o fito de ajudarem o padre Amodei, a quem acham já morto, sendo o unico representante da companhia n'esse Estado o padre Francisco Pires.

Era o padre Benedicto Amodei, italiano natural da Sicilia, e acabados os estudos, partiu logo para o Brasil, vindo para o Maranhão em 1622. Trabalhou ahi 25 annos, pouco acompanhado e muitas vezes só, estabelecendo cinco aldêas, contribuindo com o padre Luiz Figueira para a creação do collegio de N. Senhora da Luz, no Maranhão, e afinal para a expulsão dos hollandezes, com seus conselhos e exhortações.

O padre Bettendorf, a quem cita o padre José de Moraes, diz que o capitão-mór de Tapuytapera vira (em sonhos provavelmente) « o virtuoso padre B. Amodei todo cercado de luzes, estando em oração », pedindo mais que o desenterrassem porque tinha « quasi por certo que o haviam achar inteiro e incorrupto. « Que principalmente as senhoras, todas á bocca cheia, chamavam o padre Amodei — *padre santo*, d'onde se collige que os chronistas jesuitas pre-

tendiam incluir no calendario, além do padre José Anchieta, este missionario apostolico. « Foi o seu corpo sepultado na capella-mór da igreja velha do collegio de Nossa Senhora da Luz do Maranhão » ficando a sepultura por baixo da alampada, cobrindo-se aquella de uns azulejos em fórma d'estrella.

Coube em 1647 o cargo de superior ao padre Francisco Pires por se acharem ausentes no Itapecurú o padre Manoel Moniz e o irmão Gaspar Fernandes occupados d'administrar o engenho d'assucar d'Antonio Moniz Barreiros, que por morte legára no testamento o uso fructo á companhia emquanto seu filho Ambrozio Moniz fosse menor. Cuidavam os dois socios do serviço temporal, como do espiritual da fazenda, e n'este intento procuraram emenda, principalmente a uma india escrava do engenho e grande peccadora. Reprehensões, meios brandos, ameaças, tudo foi baldado e então recorreram os padres ao castigo. Offendida a culpada, retirou-se para o sertão onde vivia a nação dos *Urúatys*, que prometteram desaggraval-a. Viviam estes selvagens em paz com o engenho e assim o procuravam muitas vezes; mas d'esta feita, armados com o principal, Patyron, á frente, tomaram conta do terreiro e deram mostras de quererem accommetter os do engenho. Disparando os brancos alguns tiros, encarniçaram-se os indios e os accommetteram com tal furia, que os obrigaram a fugir, abandonando os padres, que se ficaram em casa e em joelhos esperaram a morte. N'esta postura, com as mãos levantadas e os olhos postos no céo. receberam dos barbaros golpes dos páos de *jucá* com que lhes quebraram as cabeças, se finando d'este geito os tres religiosos da companhia.

Ficou assim interrompida a missão dos padres jesuitas n'esta conquista por tres annos até que em 1552 veiu a ella a do padre Antonio Vieira.

Conhecendo el-rei D. João IV o desamparo da missão do Estado do Maranhão, tratou de fomental-a, dotando-o largamente, ao que se oppôz o padre Antonio Vieira, contentando-se com a congrua annual de 35$000 para cada missionario, concedendo-lhes aldêas de indios livres, que foram as do Maranhão, Pará e Gurupá, privativas tão sómente da administração dos padres da companhia, ao que accedeu o monarcha, accrescentando depois D. João II esta mercê com dotação annual de 250$000, com obrigação de ter a companhia n'essa missão mais dez religiosos. No anno de 1648 alcançou o padre J. Filippe Bettendorf do rei se pagassem todos os annos 950$000 de congrua estavel e perpetua com a condição de ter a companhia no Maranhão trinta sujeitos da sociedade de Jesus.

Tomou a peito o padre Antonio Vieira, com aquelle perseverante enthusiasmo que lhe era proprio, restabelecer a missão do Estado do Maranhão e para isso venceu as maiores difficuldades que lhe oppôz o proprio rei, sahindo de Lisboa como que fugido.

E' escusado resumir aqui da *Historia* do padre José de Moraes, os principaes acontecimentos da vida d'este grande vulto, quando se acham traçados, com pincel de mestre pelo nosso insigne prosador João Francisco Lisboa, no IV volume de suas *Obras*.

O padre Vieira escrevendo ao padre provincial do Brasil dá a seguinte relação dos companheiros d'elle para a nova missão o padre Manoel de Lima, se dedicou *se et sua omnia* a esta missão do Maranhão;o padre João de Souto Maior e o padre Manoel de Sousa; o padre Francisco Velloso e o padre Thomé Ribeiro, que apezar das opiniões das de Coimbra acabassem primeiro a theologia, sujeitaram-se a determinação dos superiores; o padre Gaspar Fragoso, que é sujeito de grande virtude, que acabou o curso e tem muito bom

talento de prégador; o irmão Agostinho Gomes, Agostinho das Chagas, «vulgarmente chamado o estudante *Santo*, porque na realidade o é», e mais dois irmãos, que se chamaram Mena, que na lingua brasilica quer dizer *marido*, mudou-se-lhes o appellido, chamando-se d'ahi em diante José Antonio Soares, sendo os sujeitos ao todo 12, afóra o superior, o padre A. Vieira. Trez mezes morta a missão do Maranhão, como nota o autor, agora resuscita mais viçosa. D'estes partiram de Lisboa aos 23 de Setembro de 1652 na náo em que iam os capitães móres do Maranhão e do Pará, apenas nove com os dois irmãos coadjuctores Francisco Lopes e Simão Luiz; que era official de carpinteiro, ficando para seguirem depois o padre Vieira, com seus companheiros, os padres Matheus Delgado, Manoel de Lima e Manoel de Sousa.

Logo que chegaram aquell es ao Maranhão, abriram, conforme as ordens de seu superior padre Vieira, duas classes, uma em que se ensinassem os primeiros rudimentos de ler, escrever e contar, e outra grammatica; sendo esta a primeira vez que alli estabeleceu-se semelhante disciplina.

Levaram estes padres as reliquias de S. Bonifacio e de Santo Alexandre, em que brindou o papa Urbano VIII ao padre Manoel de Lima. Depositaram as de S. Benifacio na capella mór do collegio de N. S. da Luz, no Maranhão, e as de Santo Alexandre foram para o Pará e ahi acham-se depositadas na igreja d'essa invocação.

Cuidavam os padres na conversão dos indios, reforma dos costumes dos portuguezes e em arrecadar os bens da companhia, que estavam por mãos particulares.

Partiu emfim em uma caravella o padre Antonio Vieira com seus tres companheiros do porto de Lisboa a 22 de Novembro e chegaram ao Maranhão a 16 de Janeiro do seguinte anno de 1653. Descreve o padre Vieira esta viagem

em carta de 22 de maio de 1653 que dirigiu ao padre provincial do Brasil. Expediu o superior para o Pará os padres João de Souto Maior e Gaspar Fragoso, que fundaram casa na cidade do lado da campina, junto ás casas do Francisco Ribeiro, em chãos pertencentes á ordem de N. S. das Mercês. Descontentes o capitão mór, o sargento mór e o vigario da matriz de Belém do Grão-Pará, por conhecerem que os padres lhes impediriam sua desregrada cobiça e haviam de intervir nos negocios dos indios, entraram a incitar a populaça contra esses varões, e como que os traziam sitiados nas pobres palhoças onde se haviam recolhido (Liv. IV, cap. I). Uma alma caridosa, D. Cecilia Mendonça, mulher de Antonio de França, procurou meios de fornecer-lhes alimento; mas os agentes dos trez fervorosos inimigos da companhia, impediam-n'o, e teriam os dois padres morrido á mingoa, se não fugissem d'alli e se recolhessem ao convento das Mercês. Conseguiram os padres por ultimo abrandar os animos, assignando termo de se não metterem com a administração dos indios nem com o captiveiro dos mesmos já escravos.

Estes trez perseguidos da companhia, nos seus dois socios, foram segundo o autor, que como os demais chronistas da sociedade de Jesus fez intervir a Divina Providencia nos menores actos, protegendo a ordem, castigados por Deus. O capitão-mór morreu de repente em Maio de 1654; seu successor, o sargento-mór teve igual sorte, fallecendo tambem no seguinte mez, e o vigario se quiz ficar bem com o Creador, tratou de reconciliar-se com os padres, confessar, dictando-se-lhe uma declaração por escripto de seus peccados e arrependimento.

Sobre a provisão do marquez de Pombal, declarando os indios livres, e que foi publicada no Maranhão a 28 de Junho de 1757 diz o autor: -- « esta lei foi justissima e a sua

publicação uma das maiores glorias do nosso monarcha que a assignou, de seu ministro d'Estado que a promoveu, e do capitão general e governador do Estado que a pôz em execução.»

Desassombrados já os dois padres da perseguição que haviam soffrido no Pará, dedicava-se o padre Fragoso aos ministerios do seu cargo, confessando e doutrinando os indios e portuguezes, e o padre Souto Maior prégando e ensinando latim e rhetorica, quer na classe pertencente á companhia, quer no convento dos mercenarios; e era tanto o trabalho que tinham que recorrêra ao padre superior Vieira para que os acudisse com mais obreiros, no que annuiu, enviando-lhes em 1663 por companheiros os padres Manoel de Sousa e Manoel Delgado, acompanhados de paramentos para a igreja e algumas peças para a casa, do que havia penuria. A igreja dos padres até ao anno de 1760 esteve coberta de palha por ter abatido o tecto em 1664.

Por esse tempo estavam já as capitanías do Maranhão e do Pará, independentes e governadas cada uma por seu capitão-mór, sendo o d'aquella Balthazar de Sousa Pereira e o d'esta Ignacio do Rego Barreto. Chegado o padre Vieira ao Maranhão foi logo visitado do governador e das principaes pessoas da capitanía, e assim que teve disposto o governo das duas casas, do Pará e do Maranhão, cuidou só da reforma dos portuguezes e dos indios, como vem tudo melhor referido em carta de Vieira de 22 de Maio de 1663 ao padre provincial.

Fallecido o bispo da Bahia, D. Pedro da Silva, a 15 de Abril de 1649, commettem os conegos, séde vacante, a direcção do governo espiritual aos padres da companhia da vice-provincia do Maranhão. Tiveram estes de lutar com a grave pendencia de dois vigarios geraes, que queriam ambos governar no espiritual as vigararias do Maranhão e

Pará, conjunctamente, o que resolveu o padre Vieira com muito acerto e prudencia, reconciliando-os e dividindo a jurisdicção pela fórma que já o estava no temporal, empossando um vigario no Maranhão e outro no Pará.

Soltos corriam os portuguezes na sua desenfreada cubiça, reduzindo á captiveiro os indios do Estado do Maranhão, inundando os sertões com tropas volantes, «que não faziam mais do que amarrar e conduzir os miseraveis indios a um pesado e irremediavel captiveiro.» Assim continuaram sem embargo das admoestações dos jesuitas Amodei e Figueira. Chegados que foram os governadores do Maranhão e do Pará com os missionarios de que era superior o padre Antonio Vieira, e do Maranhão, quinze dias depois de sua posse, mandou publicar ao som de caixa a lei de 1652, que prohibia totalmente o captiveiro dos indios. Os moradores d'esta capitanía ajuntaram-se logo armados no terreiro da camara, seguindo as vozes de Jorge de Sampaio e Carvalho, e a primeira cousa que fizeram foi arrancar a lei do lugar em que estava affixada, e depois reclamar a expulsão dos padres que suppunham autores d'ella. D'ahi foram os amotinados á casa da companhia, e para o socegar foi necessario que o governador com os trez companheiros do presidio com balas e mechas accesas os viessem arrancar das portas do collegio. Dirigiram tambem ao governador uma proposta assignada não só pelos amotinados, senão tambem pelos prelados, das ordens religiosas e pelos dois vigarios geraes, pedindo a revogação da lei. Instados os padres da companhia pelos officiaes da camara que assignassem ou respondessem á proposta. Elles assim o fazem, a 31 de Janeiro de 1653, dando uma resposta evasiva e em sentido ambiguo e casuistico quanto aos indios já captivados, e quanto ao remedio do futuro aconselham que se alcance licença do rei « para se fazerem legitimos resgates no sertão, os quaes

não ha duvidas que são licitos...... e muito convenientes ao bem espiritual das mesmas almas dos indios, que para o maneio das fazendas se peça ao rei licença para mandar vir para o Maranhão alguns navios, de escravos d'Angola. » Isto é remediar um mal com outro. « Quanto aos indios restituidos á liberdade sejam postos nas aldêas ou aggregados ás antigas aldêas e repartidos pelos portuguezes, mas nunca aos que já tivessem sido seus senhores. » Feita a paz com os indios dos sertões, façam-se entradas a elles e os façam descer. Pediam mais a suspensão da execução da lei em tudo mais, excepto na parte que tocasse aos indios de conhecida ou duvidosa liberdade.

Conseguiu Vieira acalmar os animos, deparando occasião fortuita para isso. Estava o capitão-mór do Maranhão bastante despeitado com os padres, por lhe não ter nenhum d'elles pedido venia antes de começar um sermão, ao que diz o autor: «Estas são de ordinario as despoticas acções d'aquelles governadores, quando o proprio desvanecimento os faz degenerar em divindades fingidas.» Admittido Vieira á audiencia d'este governador, depois d'alguma reluctancia da parte d'aquelles, com tal habilidade se sahiu, que não só o reconciliou com os padres como conseguiu d'elle accedesse á proposta da companhia, depois d'explicado os intuitos d'esta n'aquella resposta, promettendo o padre prégar um sermão, como de facto o fez, explicando ao povo as resoluções da proposta, mas com tal clareza e vehemencia, que sahiram todos convencidos de seu erro. Na mesma tarde deu o capitão mór principio a uma junta composta do syndicante, dos prelados das ordens religiosas, da camara, do vigario geral e de todas aquellas pessoas qualificadas e do povo que se quizeram prestar a isso. N'ella se acordou se nomeassem dois procuradores, um por parte dos portuguezes e outro por parte dos indios para que ti-

rassem um inquerito, como hoje se diz, acerca dos captiveiros dos indios, sendo juizes d'elle os officiaes da camara com assistencia do syndicante, e que uma vez sentenciados os casos, se julgassem livres os indios de cujo captiveiro não constasse. Acordes todos n'isto, elegeram os procuradores e retiraram-se muito satisfeitos.

Na execução do exame das liberdades dos indios declaram-se não só muitos, senão nações inteiras livres, sem que ninguem reclamasse contra, tal era a rectidão dos juizes. Assim terminou o primeiro motim dos moradores da cidade de S. Luiz do Maranhão contra os padres.

O padre A. Vieira representou ao rei, pedindo permissão para o resgate dos indios e descimento de outros, no que concordou o monarcha, revogando sua resolução de 1653 e expedindo a lei de 17 d'Outubro do mesmo anno.

« Infeliz foi sempre o povo americano no seu contacto com os européos.» Sempre perseguidos e tyrannisados e as leis promulgadas a beneficio d'elles, contrastadas. O autor depois de citar as leis de 1570, 1587 e 1595, promulgadas no intuito de protegel-os, diz que se tomou a ultima resolução de prohibir totalmente o captiveiro publicando a lei de 1609. Esta lei estendia-se tambem aos indios do Maranhão e foi ella, como já fica dito, que deu motivo ao motim e foi inteiramente illudida.

Em virtude do requerimento do padre Antonio Vieira baixou a lei de 17 d'Outubro de 1653 revogando a antecedente, estatuindo que os captiveiros dos indios se examinassem com a mais apurada informação, pondo em liberdade os que se provassem não o serem; os seis casos em que se lhes podia fazer guerra justa, que se fizessem entradas nos sertões com tropas de resgates, podendo resgatear-se os indios presos á corda para serem comidos por seus

inimigos, que o cabo e o religioso da entrada seriam eleitos pelo governador e camara da cidade; finalmente prohibia que os governadores, e ministros de justiça occupassem indios no seu particular serviço, nem os repartissem em publico; mas como esta lei, chamada do resgate, se não executasse nunca, passou o rei nova lei a 7 d'Abril de 1655. N'esta lei revogavam-se as antecedentes, se tirava aos governadores e ministros o poder, de que já iam abusando, de fazerem guerra offensiva aos indios sem autoridade do monarcha, marcava só dois casos em que se podia fazer guerra aos indios, permettia o resgate, sob condição porém de ser o caso examinado pelo missionario e cabo da tropa &. A 18 d'Outubro de 1666 seguiu-se nova lei, mandando restituir aos jesuitas suas aldêas, estabelecendo, porém, que não teriam n'ellas jurisdicção temporal, sendo governadas por seus principaes &. Já pela lei de 1680, prohibia-se todo e qualquer captiveiro dos indios, sendo a repartição d'elles em trez partes, uma para ficar nas aldêas, outra para o serviço dos moradores e o terceira finalmente para os missionarios, e ordenando que as missões novas e entradas fossem privativas dos jesuitas. Segue-se a esta a lei de 2 de Setembro de 1684 que teve por complemento o regimento das missões de 21 de Dezembro de 1686, depois a lei de 28 d'Abril de 1688. D'esta multiplicidade de leis, não differindo todas ellas na essencia, conclue-se que eram burladas, pouco ganhando com ellas os indios, não contentando os portuguezes e servindo só aos jesuitas, que como principaes motores d'ellas, cuidavam com assegurar seu direito e em favorecer a ordem.

« Estimavam, diz o autor, a lei, não pelo que mandava, mas pelo que permettia, porque uma vez levantada a bandeira ou resgates, já podiam militar n'ella as injustiças dos captiveiros &. Termina o autor o capitulo e o livro 4.° mos-

trando o zelo de seus companheiros na conversão das almas, e reprovando os captiveiros por injustos.

Em auxilio do padre Antonio Vieira que muito obrava a beneficio das almas na vice-provincia do Maranhão, mandou o padre provincial do Brasil cinco obreiros, que foram o padre Manoel Nunes, superior dos mais, o padre Antonio Ribeiro, insigne lingua, o irmão Raphael Cardoso e o irmão Bento Alvares, e tambem o irmão coadjuctor temporal João Fernandes. Entrou esta «pequena recruta pela bahia de S. José, vindo saltar em S. José de Ribamar, e d'ahi se passaram ao collegio de N. Senhora da Luz da cidade. Com este reforço já podia o padre Vieira mas desafogadamente attender ás multiplas exigencias do ministerio. Mandou então por embaixadores aos indios *Guajajáras* do Rio Pindaré os padres Francisco Velloso e José Soares, aos padres Antonio e Thomé Ribeiro com o irmão Bento Alvares que visitassem as aldêas da ilha. Na casa ficava o padre Vieira com o padre Manoel Lima e os irmãos Raphael Cardoso, Antonio Soares, Simão da Luz e João Fernandes, os primeiros para a classe e eschola, e os dois ultimos para o serviço domestico. O maior trabalho do padre Vieira era a doutrinação de portuguezes e indios e no confissionario, e não se limitava só a acudir com os sacramentos aos moradores da cidade, bastava saber que estava em qualquer ponto da ilha alguem doente, corria, ainda que fosse de noite, para a choupana do cathecumeno, fazendo a jornada a pé por mattos bravios, vadeando rios, quatro e cinco leguas, para levar a palavra divina, a agua do baptismo ou o pão eucharistico.

Desde Abril de 1553 esperava e se apparelhava o padre Vieira para fazer uma entrada no Itapecurú, oppondo-se a ella com manha o governador, até que em principio d'Agosto se desenganou, e tratou de passar-se ao Pará. Se esta primeira entrada aos indios da nação *Barbados* foi mallograda,

não assim a que emprehendeu o padre Gabriel Malagrida em 1727 com tão feliz exito, que pôde catechizar e chamar a si tantos indios que com elles fundou duas populosas aldêas, a Grande e a Pequena, que depois situou á margem do rio seu successor, o padre João Tavares com grande conveniencia dos moradores do Piauhy e dos que vinham de Minas-Geraes.

Em outro tempo houve na ilha do Maranhão cinco aldêas, das sete que ahi acharam os primeiros povoadores, e no anno que escrevia o padre Moraes (1750) só existia a de S. José. Tinha o padre Vieira nomeado para catechizar estas aldéas os padres Antonio Ribeiro e Thomé Ribeiro para administrarem os sacramentos, e o irmão João Fernandes para cuidar nos sustentos dos operarios e fazer a doutrina aos indios. Para os ajudarem n'esse trabalho de doutrinação, ensinaram catechistas de ambos os sexos, sendo as mulheres « habeis para aprender e de melhor retentiva para ensinar.» Percorriam incessantes os padres as aldêas, sempre a pé e sem nunca aceitarem as redes que os indios lhes offereciam para os levarem aos hombros, porque na maxima do padre Vieira que « o pastor era o que havia carregar aos hombros as ovelhas e não as ovelhas ao pastor.» (Livro V, cap. II.)

Multiplicavam-se os padres Antonio e Thomé Ribeiro em visitar as aldêas, em acudir de prompto e a qualquer hora aos enfermos, em instruir os indios com muito fructo, e n'essa lida não tinham elles descanço.

O rio *Pinaré* ou *Pindaré* é o terceiro em curso, que nascendo da celebre lagôa do *Maracú*, onde se juntam suas aguas, vem-se lançar no rio Meary. Foi descoberto até suas cabeceiras, que nascem nas serras de seu nome, pelos padres da companhia com o fito de converterem os indios *Guajajáras*. O padre José de Moraes diz d'elles que pusil-

lanimes e aptos no exercicio do remo, no que são insignes. Dividem-se em seis aldêas, todas da lingua geral e da mais polida do Brasil. Mandou-lhes o padre Vieira o padre Francisco Velloso, por missionario, dando-lhe por companheiro o padre José Soares. Vem o embaixador dos indios ter com elles, convidando-os e recebendo-os em suas aldêas. Conseguiram os padres descesse uma pequena aldêa d'esses *Guajajáras*, que situaram no Itaky, na bahia do Boqueirão. Como fosse o lugar distante da cidade, expediu o superior o padre Velloso a cuidar d'elles, para que quando estivessem instruidos e baptizados, os mandassem ao Pindaré afim de induzirem os parentes aos acompanharem. Chegado o padre ao Itaky expediu, no seu fervor de conversão, o indio da embaixada com mais trez dos da aldêa do Itaky a terem com os de Pinaré, para os chamarem á aldêa. Emquanto aguardavam resposta, occupou-se o padre em doutrinar e baptizar os da aldêa; mas veiu a fome apertar com elles, obrigando-os a retirarem-se todos para a cidade, o que fizeram com grande magoa do padre Velloso. Recolhidos a uma aldêa da ilha, desvaneceu-se ao padre a idéa de ir missionar ao Pinaré, intentando buscar os sertões do Pará. Tentou então o padre Manoel Nunes a conversão dos *Guajáras*, e para isso procurou-os pelo rio, sendo os de *Capiytyba* os primeiros que buscou; que não o estranharam em razão de serem os remeiros da sua canôa parentes d'elles; antes aceitaram as propostas do padre e prometteram descer logo que houvessem realisado a colheita. Partiu d'ahi o padre Manuel Nunes com os que o poderam seguir, e no cabo de quatro mezes d'esta expedição aportou ao Itaky, onde os agasalhou. Desgostosos porém, do lugar e com saudade de Capiytyba, começaram a fugir aos poucos para alli, o que levou o padre a mudar a aldêa d'Itaky para *Cujuype*, que ficava pouco abaixo, e onde o padre

João Fillippe Bettendorf mandou depois fazer uma boa aldêa com igreja e casas para a vivenda dos missionarios, e nomeou para primeiro missionario d'ella o padre italiano João María Garçoni, e por seu companheiro o irmão Manoel Rodrigues.

Este padre, além da sua exemplar virtude e do zelo com que doutrinava os da aldêa de *Cajuype*, emprehendeu ir ao Pinaré o que de facto realisou, acompanhado de seus neophitos, mas para chegar ao sitio cupiytyba venceu difficuldades enormes e sem conta, não sendo a menor d'ellas os *Mururús*, limo denso que nasce á flor d'agua e impede a navegação. Chegado ao seu destino conseguiu trazer comsigo alguns para a aldêa. A este missionario succedeu na administração de *Capiype* o padre Antonio Pereira, acontecendo então descerem espontaneamente a ella alguns indios. A este seguiu-se o padre Bettendorf, que como fundador, que fôra, d'essa aldêa, cuidou muito no seu augmento, expedindo por isso para os confins do Pinaré o irmão Manoel Rodrigues, já conhecido dos *guajajáras*. Em 1683 os enviou o padre Pedro Pedrosa para o sitio *Maracú*, hoje cidade de Vianna.

Fundada esta aldêa, foi facil aos padres Manoel d'Abreu e Caetano Ferreira assentarem a do *Pinaré*.

Como fica dito, era o padre Vieira superior da vice provincia do Maranhão, e como varão tão afamado, importa dar d'elle breve noticia. Nasceu o padre Vieira a 6 de Fevereiro de 1608, entrou para a companhia, no collegio da Bahia, a 5 de Maio de 1622. Professo de quatro votos em 20 do mesmo mez do anno de 1644, veiu a fallecer na mesma cidade da Bahia em 18 de Julho de 1667.

O padre Francisco Velloso, a quem tinha o padre Vieira, mais affeição, nasceu em Villa Nova de Famalicão no anno

de 1619, e entrou para a companhia, no Rio de Janeiro, em 1640.

Professo de quatro votos em 15 de d'Agosto de 1648, era o padre Thomé Ribeiro terceiro em antiguidade e zelo: nasceu este em Lisboa no anno de 1623, entrou para a collegio da Bahia em 1644, e foi insigne lingua geral. Depois d'este dá o autor a data do nascimento e entrada para a ordem de outros padres menos notaveis.

Chegado o padre Vieira e seus companheiros, os padres Francisco Velloso e Antonio Ribeiro, e o irmão Simão Luiz á cidade do Pará em 5 d'Outubro de 1653, preparou-se elle logo para a entrada do rio Amazonas, o que sabido do capitão-mór, convidou-o para entrar primeiro o rio *Tocantins*, onde tambem abundava gentio, e para isso offereceu-lhe todas as facilidades possiveis; porque seus intuitos e dos negociantes de drogas era divertil-o d'essa empreza, que lhes fazia fechar as portas do commercio illicito da canella e d'outras especiarias, fazendo-se o governo sabedor d'ellas. Deixou-se o padre illudir da franqueza do offerecimento, e aceitou-o para fazer d'essa expedição degráo para a conquista do grande rio. A 13 de Dezembro d'esse anno partiu com effeito o padre com trez companheiros e viajou pelo *Tocantins*, fazendo muitas conversões e obrando grandes cousas, como tudo relata ao padre provincial do Brasil em carta que se acha no primeiro tomo das suas obras, e ainda melhor na que transcreve o padre José de Moraes nos capitulos II e III, pag. 449 *usque* 470 da sua *Historia*, sendo ella quasi um roteiro.

Discorrendo a missão pelo *Tocantins;* gastou sete dias até encontrar da parte direita o rio *Tocanhonha*, que tem o nome da nação « que,de mistura com outras, d'elle bebe. São todas barbaras e com fama de guerreiras.» Na sua foz, encontra-se uma ilhota d'arêa, viveiro de tartarugas. « Acha-

ram os nossos na margem algumas pedras como as que chamam d'aguia, do tamanho de ovos com miolo dentro, cuja massa affirmavam os indios ser admiravel remedio contra febres.» Houve discordia entre os padres e o cabo da expedição, que, attentando contra a liberdade dos indios, desobedeceu ao padre Vieira, e não consentiu descessem os indios convertidos; e assim ficou mallograda aquella viagem, depois de tantos e tão grandes trabalhos da jornada, sem que podessem os padres trazer comsigo as ovelhas d'aquelle immenso rebanho. Como não ficaria magoado com tamanha ousadia do cabo o padre Vieira, elle que era de animo tão irascivel e orgulhoso!.... Desconsolado o padre se partiu, logo que chegou á capital do Pará, para o Maranhão, a esperar novo governador.

No seguinte anno, sendo já fallecido o capitão mór do Pará, foi o padre Francisco Velloso n'esta missão, e logrou trazer comsigo para mais de mil indios com os quaes fundou a aldêa do Espirito Santo na ilha do Sol.

Chegado que foi o padre Vieira ao Maranhão, partiu para Lisboa, onde foi bem accito e ouvido do rei, voltando para o Maranhão despachado com toda a promptidão. Ahi já achou no governo a André Vidal de Negreiros, que muito o auxiliou na fundação da aldêa de *Gurupá* e entrada do rio Amazonas.

Antes de dar começo a esta grandiosa empresa, mandou o padre Vieira como exploradores cento e tantos indios libertados pela junta da missão de que fazia parte, para que com alguns missionarios se espalhassem pelas aldêas do rio Amazonas e de seus confluentes a explicarem-lhes as intenções do rei e o fim da missão dos padres da companhia. E assim, aportados a Camutá, foram discorrendo pelas aldêas, para tomarem outros indios, e canôas que os transportassem e servissem d'embaixadores em todos aquelles sertões.

No capitulo V, livro VI, da sua *Historia*, occupa-se o padre José de Moraes de relatar os primeiros descobrimentos do rio Amazonas, fundando-se para isso nas observações de la Condamine, que, diz o autor, fôra seu hospede d'elle na expedição scientifica que emprehendêra. Nos seguintes capitulos passa a descrever geographicamente aquelle rio e os que desembocam n'elle; mas como hoje estejam muito mais conhecidas, e tidas como erros as posições geographicas e certas descripções, que o autor traz na sua *Historia*, dispenso resumil-as, citando apenas as datas das fundações das missões da companhia.

Fez o padre Vieira a sua primeira missão ao rio *Mojú* em 1653, e depois d'elle outras por diversos missionarios, sendo uma d'ellas a de 1724 em que fundou o padre Marcos Antonio Armulfini uma aldêa na cachoeira chamada Taboca.

Na bocca do Amazonas, subindo á mão direita, tinham os padres duas aldêas no sitio chamado *Camutá tapéra*, sendo uma com a invocação de S. Pedro e outra com a de S. João Baptista. Depois reduziram-n'as a uma só que, por occasião de assolal-a a peste das bexigas, a mudou o padre Manoel Nunes para *Parajó* ou *Parejó*, que hoje é a cidade de Cametá. Entrando pelo rio *Araticú* acima, á mão direita, jazia a aldêa das *Bócas*, hoje villa d'Oeiras. Defronte da bocca do rio *Jacundá* fica uma grande ilha, distante oito leguas da dita bocca, e onde está situada hoje a villa de Melgaço e havia a aldêa de *Guaricurú* dos indios *Nheengaibas*, que se gloriavam de ter sido reduzidos pelo padre Vieira.

Cerca de duas leguas da foz do rio Pacajá existia na terra firme a aldêa d'*Arucará*, hoje villa de Portel. Na foz de *Tauré*, onde hoje é villa d'Arraiolos, havia uma aldêa d'indios.

Entrando pelo *Xingú*, logo na bocca, á mão esquerda,

está o povoado de Carrasêdo, outr'óra aldêa *Arajipó*, e da mesma parte, mais duas leguas, a freguezia de Villarinho do Monte, onde era a aldêa de *Caviand*, ambas dos religiosos da Piedade. Mais duas leguas distantes de Boa Vista, e do mesmo lado, estanceia a villa do Porto de Moz, onde era a aldêa de *Muturú* dos mesmos religiosos, e d'ahi a nove leguas, do mesmo lado, havia a aldêa d'*Itacuruçá*, dos padres da companhia, onde hoje é villa do Oeiras, e mais adiante a de *Piraniry*, hoje villa de Pombal, e trez leguas mais acima a aldêa d' *Aricary*, agora villa de Souzel. Onde é hoje villa d'Almeirim, outr'ora existia a aldêa de *Parú* dos religiosos de Sant'Antonio. Na embocadura do rio *Jary*, havia uma aldêa d'este nome, hoje extincta povoação de Fragoso ; e no Amazonas, adiante da villa d'Almeirim, antiga aldêa de *Parú*, está o lugar do Outeiro, outr'ora aldêa *Urubuquára*, e adiante d'esta havia outra, de que hoje não ha noticia, então chamada de *Jaquaqudra*, seguindo-se a ella a aldêa de *Gurupdtuba* (villa do Monte Alegre),e defronte d'ella a de *Guruçary*. Onde hoje é a villa d'Alemquer existia a aldêa *Surubiú*, adiante a de *Curubá* (villa d'Obidos) reunida a outras duas pequenas aldêas, que eram dos religiosos da Piedade.

Na fóz do rio *Tapajoz*, onde era antigamente a aldêa dos *Tapujoz*, é hoje a cidade de Santarem, e no mesmo rio a aldêa *Borary* (villa do Alter do Chão), e defronte a aldêa de *Cumurú* ou *Arapinus* (Villa Franca), e a diante a aldêa dos *Tupinambaranas*, hoje villa de Boim, e ainda subindo mais por esse rio topa-se com a villa de Pinhel, outr'ora aldêa de S. José ou de *Matapus*.

Acima e quasi fronteiro ao rio Tapujóz fica o rio Trombetas, a que os indios chamavam *Oriximina*, e em distancia de quinze leguas, subindo pelo Amazonas, dá-se vista ao *Janundás* ou *Nhamundá*, em cuja foz havia a aldêa do

mesmo nome, hoje villa de Faro, e que foi tambem fundada pelos padres da companhia. No rio *Guatumá* ou *Uatumá* havia uma aldêa dos mercenarios. Na foz do rio *Urubú* tiveram os mercenarios uma aldêa, que é onde hoje está a villa de Silves, e na do Paranámirim está a villa de Serpa, onde era aldêa dos padres, e 15 leguas acima, ficava a aldêa *Trocano* (villa de Borba). No *Madeira* fundaram os jesuitas uma fortaleza, sob pretexto de impedirem as invasões dos indios *Muras;* mas com intento occulto de tomarem o Amazonas á corôa de Portugal, como nas missões do Paraguay claramente o mostraram, resistindo com mão armada a Portugal e á Hespanha.

No *Rio Negro* havia uma aldêa abandonada (tapéra) dos indios *Teromás*, onde hoje é uma freguezia, dita de Airão, e acima d'esta a aldêa de Santa Rita da Pedreira, que depois foi villa e hoje freguezia com a mesma denominação. Estas aldêas do *Rio Negro* eram dos carmelitas. A oito leguas da foz do *Rio Branco* está a freguezia de Sant'Alberto de Carvoeira, outr'ora aldêa de *Aricary*, depois no *Rio Negro* a aldêa de Sant'Angelo (freguezia de Poyares), e mais avante cinco leguas topa-se com Barcellos, outr'ora aldêa de Santo Elyseu de Mariná, d'esta aldêa sóbe-se, vinte e cinco leguas rio acima até á aldêa do principal Cabuquêna, (freguezia de N. S. do Carmo de Moreira), e d'ahi á aldéa *Bararuá* (villa de Thomar) vão outras 25 leguas. Cinco leguas acima d'esta estava a aldêa de S. José de Dary (Lamalonga) ou Nayo. Duas leguas acima da foz do rio *Padandry* (outro Rio Branco segundo o autor) havia a aldêa de N. S. do Nazareth d'Avidá (Boa Vista?), e a trez leguas o povoado conhecido hoje com o nome do Loreto ou *Muçaraby*, e defronte o povoado de *Castanheiro Novo*, antigamente Sant' Antonio de Castellinho. Quarenta leguas acima no *Rio Negro*, fundaram os padres a aldêa de *Gujuratuba*,

que depois mudaram para o rio *Coary*, onde hoje está assentada a freguezia de Alvellos. No rio *Teffé* em um lago, que ha na sua foz, estavam duas aldêas d'indios, que reunidas constituiram a que hoje se chama cidade de Teffé. Subindo de Paraguary, rio acima, em distancia de 70 leguas, encontra-se a aldêa de *Trocatuba* (Fonte Boa). No Amazonas, 20 leguas acima da bocca de Xutay, fica a aldêa de *Muturá* (hoje freguezia). A 50 leguas da foz do rio *Putumazo* uma aldêa de *S. Pedro de Tucanas*, e adiante a de *S. Paulo* que hoje reunidas constituem S. Paulo d' Olivença.

No capitulo XI do Livro VI termina o padre José de Moraes a sua *Historia*, declarando que foi « o que pôde salvar com grande risco do infeliz naufragio que padeceu toda a companhia de Jesus;» porque a 2.ª parte de um trabalho, e pelo que dá a ententer a mais importante e curiosa, perdeu-se no confisco a que se procedeu por occasião da expulsão dos jesuitas no collegio do Pará.

HISTORIŒ SOCIETATIS JESU

Pars tertia sive Borgia, auctore R. P. Francisco Sachino, MDCIL.

Na serie de chronicas da companhia com este titulo, e de que são autores varios escriptores, pertence a do terceiro tomo ao padre Sachino, que n'ella trata das cousas do Brasil, nos ns. 158 do liv. I, 130 e seguintes do liv. II, 208 e seguintes do liv. IV, liv. V, VI e n. 202 do liv. VII e 287 do liv. VIII ; mas desde já advirto, que não sigo a ordem d'elles, adoptando, por mais conveniente, a chronologica, a importancia e connexão dos factos.

Anno de 1570.—Relatando Sachino a expedição, que foi accommettida por Jacques Sória, diz que o governador do

Brasil, que ia n'essa viagem, chamava-se Luiz Fernandes de Vasconcellos (n. 218 do liv. VI), e quanto ao ataque naval, longe d'aquella defeza brilhante que Simão de Vasconcellos *(C. da C.)* dá a entender, refere que a náo do pirata veiu sobre a *Sant'Iago* « *ut in columbam accipiter;* » que Sória lhe deitára dentro apenas cincoenta homens, « o que era mais que sufficiente, como foi. » Na náo dos padres havia só quarenta capazes d'armas e esses mesmos nem todos as tinham (Liv. VIII, n. 228, pag. 316).

O primeiro a morrer parece que foi Benedicto de Castro, o qual, vendo os inimigos entrados no castello de prôa, foi-se a elles com a cruz nas mãos, clamando que eram miseros hereges, impios, obsecados na sua cegueira. Ferido com tres golpes ainda gritava até que o lançaram meio vivo ao mar, onde afinal se calou.

Depois foi Azevedo, bradando e prégando a verdade da religião catholica: abriram-lhe a cabeça. D'esta primeira carnificina restavam ainda trinta, e como a náo fizesse agua, pozeram-n'os na lancha, sendo elles os proprios a apodarem-se de *papistas*, a consolarem-se e animarem-se uns aos outros (149).

Vaguearam assim pelo oceano obra de dezeseis mezes, segundo diz o autor. A rainha de Navarra deu gratuita liberdade a João Sanches e a doze marujos que escaparam e foram solicitar sua protecção. D'alli se partiram e vinham pelas estradas contando seus males e enchendo de indignação os animos ao tempo em que a guerra civil os trazia mais accesos.

Chama o chronista á náo—*Dos Orphãos*—e diz mais que

(149) Vej. a respeito d'este successo, pag. 91 e 92 do tomo XXXIV, parte 2ª, da *Revista Trim.*—, o resumo da *Chronica* de B. Telles.

iam n'ella de ambos os sexos, sem com tudo dar noticia do que foi feito d'elles.

1571.—Falla tambem da morte de Nobrega, o qual na vespera d'ella passa a despedir-se de todos, como se houvesse de emprehender uma longa viagem: mas voltemos aos socios de Azevedo. O padre Pedro Dias, que ficára em seu lugar de superior dos restantes, foi ter com elles ao porto de Sant'Iago de Cuba. Alli evangelisava, esperando monção e emquanto se concertava a náo. Os jesuitas da provincia de Florida, de que era provincial ou superior Antonio Sedemio, os mandam comprimentar e elles vão para Havana, por consentimento dos que alli tinham casa, fazendo para isso um caminho longo e difficil. Embarcam-se d'ahi na frota d'Hespanha e chegam a Angra das ilhas Terceiras, onde tambem haviam aportado o governador Luiz de Vasconcellos e o padre Francisco de Castro com mais tres companheiros, que tinham ido ter com elle á ilha de S. Domingos.

N'esse intervallo de dezeseis mezes, em que falla o chronista, muitos tinham morrido, outros ficaram nas Antilhas, e de Angra muitos soldados e marujos fugiram para Portugal; assim que, couberam os restantes em um só navio. Dos setenta jesuitas, que haviam ao todo partido, restavam quinze! Reconhecendo o padre Dias que alguns d'elles estavam com a saude arruinada e menos proprios para a missão da America, os mandou restituir ás suas respectivas provincias, e outros, desmoralisados com tantos contrastes, foram despedidos da companhia, sendo que sómente os dois acima nomeados eram sacerdotes de ordens, oito completos de noviciado, a saber: Alonso Fernandes, Gaspar Gonçalves, André Paes, João Alvares, outro tambem do mesmo nome, de Pedro Dias, Fernando Alvares, Miguel Aragão e Gaspar Gonçalves. Noviços cinco, que são: Francisco Paulo, Pedro

Fernandes, Sebastião Lopes, Jacob Fernandes e Jacob Carvalho.

Predie Idus Sept.—Apparecem ao cahir do dia cinco náos, uma ingleza e quatro francezas. Preparam-se os da frota atropellada e confusamente para o combate. Era o inimigo João Cadavillo, heretico acerbo, e na mesma náo, segundo se crê, em que Sória tinha antes tomado a *Sant' Iago*. Dão signal os piratas com uma bombarda, mas o governador Luiz de Vasconcellos não obedece. Em tres descargas successivas matam os piratas cinco, ficando dezesete quasi todos gravemente feridos nas pernas, e apezar d'isso pelejam, sustentando-se de pé com uma mão nas costas e com a outra procuram defender-se. A náo de Cadavillo mais alterosa opprimia os portuguezes. O governador, não desmaiando quando a náo já estava cheia de inimigos, combateu impavido até o ultimo alento, e cahiu sem jámais largar o escudo nem a espada. Sem que os hereticos o houvessem conhecido, lançaram-n'o ao mar (*Ob. cit.* liv. VII, n. 181 e seguintes).

Já se vê que era fatidica a sua sina no mar! Nomeado em 1557 para levar cinco náos á India, a sua capitánea ainda dentro no porto de Lisboa abre tanta agua, que não pôde navegar. Partindo no mez seguinte (em Maio), em vez de dobrar o cabo, veiu ao Brasil,onde passou o inverno. No seguinte anno conseguiu passar á India; mas na volta e pela altura da ilha de S. Lourenço naufraga, perdeu tudo, e de trezentos homens apenas se salvou com mais trinta em um batel. Naufragio terrivel; porque foi preciso cortar sem dó as mãos á multidão anciosa dos naufragos, que, no desespero da agonia, se agarravam ao batel com grave risco de o virarem. Luiz de Vasconcellos torcia o rosto, cobrindo-se com um panno para não vêr aquella necessaria crueldade. Chegou o batel por milagre a S. Lourenço, e por maior mi-

lagre ainda encontrou alli uma náo de mercadores portuguezes. Do contrario os barbaros os teriam assassinado. D'alli vão de novo á India, e volta o governador a Portugal sem meios, mas rico de seus trabalhos e miserias. Nomeado governador do Brasil, viu aquellas terras; ludibrio, porém, das ondas e do destino, acabou ás mãos dos piratas, tendo antes noticia, em Angra, que seu filho Fernão de Vasconcellos fôra morto em Gôa pelos turcos!

Felizes tempos aquelles em que se tinha por mór ventura morrer pela fé do que lucrar grossos cabedaes!

Morto o governador, os portuguezes se entregaram á discrição. Os padres talvez irritassem mais aquelles intolerantes herejes com a piedosa ministração dos sacramentos; tanto que acabaram primeiro com o padre Francisco de Castro e depois com Pedro Dias. Tinha este 45 annos de idade, dos quaes passára 23 na companhia. Em seguida a elle mataram os outros, que todos aceitaram o martyrio, menos Gaspar Gonçalves, que o recusa, e para esquivar-se arranca as roupas que o compromettiam, toma a japona e o barrete de um marujo, e confunde-se com os mais: os inimigos, porém, que não queriam sustentar tantos homens, lançam alguns ao mar e entre elles Gaspar Gonçalves! Assim perdeu, diz Sachino, as honras da morte pelo inconsiderado apêgo á vida. «Foi talvez justiça, que quem preferia os sordidos trajos do marujo aos habitos religiosos, fosse atirado ás ondas como inutil carga!» Atam-lhe as mãos ás costas e fazem com elle tiro ao mar. Acharam comtudo alguns misericordia nos herejes; por isso que reservavam o espectaculo para a noite.

A chuva tinha aplacado o mar, e foi então o acto de barbaria. Deitaram os padres n'agua, e os que não sabiam nadar, dando-se as mãos e agarrados em um bolo, se iam ao fundo, encommendando-se a Deus, e sem talvez pedir mi-

sericordia onde sabiam que a não achariam em seus algozes. Foi excepção Sebastião Lopes. Este, coitado! corria no escuro da noite ora a uma, ora a outra náo, a clamar misericordia, até que por ultimo foi acolhido em uma « *pennula contectus* » e assim escapou. D'elle se souberam depois as particularidades d'este infeliz successo. A sina de todos os companheiros de Azevedo foi má; pois que só chegou ao Brasil Antonio Leonio, que ficando em caminho por doente, mais tarde recuperou a saude e chegou ao seu destino.

No emtanto estes desgraçados acontecimentos influiam de modo menos desejavel, já directa, já indirectamente, na marcha regular da ordem. Sentia-se a falta de chefes, influindo ainda mais na administração das aldêas os effeitos do desalento. A origem d'isto foi, porque apenas conhecido em Roma o desastre de Azevedo, o geral F. Borja declarou ao padre Manoel da Nobrega, provincial do Brasil; mas acontecendo que este já era fallecido no anno antecedente, suscitaram-se d'aqui hesitações e duvidas. Pretendia-se que o padre Luiz da Gram tomasse a administração; este, porém, argumentava com as ordens existentes; pois o visitador Azevedo, na sua partida, havia estatuído que, vindo a morrer o provincial, tomasse todo o cargo o reitor do collegio da Bahia, emquanto não acudissem com outras providencias. Assentiu por fim n'isto o padre Antonio Pedro, que era reitor do collegio da Bahia. Mas á falta de Nobrega e de outros, que eram como as primeiras columnas da ordem n'estas partes, a carencia sobretudo a de sacerdotes, que ha tanto eram esperados e não acabavam de chegar. Estas causas pozeram em triste estado os negocios da provincia do Brasil.

Em Pernambuco grassava summa irritação contra os padres, promovida por um sacerdote expulso da companhia. Este accusava os padres de heresia (mas provavelmente de

crimes mundanos ou vistas ambiciosas), e tinha-se havido com tal arte que chamára á sua opinião não poucos dos principaes da terra. O bispo conseguiu acalmar a tempestade, revertendo a accusação sobre o calumniador, que parece ter sido preso.

Foi para notar, observa o chronista da sociedade, como em pouco tempo foram perdendo a vida todos os infectados d'esta praga contra os padres, e o mesmo governador (Gaspar de Sousa), que havia sido grande parte na perseguição aos padres, preso pouco depois e transportado para Portugal, pagou seus erros com quebra da fama e perigo capital. « Assim provava Deus os seus ao passo que manifestava a efficacia da sua protecção. »

Como se vê, não perdem os padres da companhia ensejo para apresentar a intervenção divina nos menores factos passados com os da sua ordem.

1572.—A's calamidades que vexavam o Brasil, accresceu a morte do padre Antonio Pedro que geria a provincia desde o fallecimento de Nobrega. Respeitado e querido dos principaes da provincia e dos indios, venerado do povo, deu o espirito aos 6 *ante kal. aprilis*, de idade de cerca de 50 annos, com 23 da companhia. Com a morte de Nobrega e depois com a d'este, não chegando soccorros á provincia, havia tocado esta ao ultimo extremo. Os padres, faltos de força, já de corpo, já d'espirito « com as quaes sómente poderiam bastar para o desempenho dos seus encargos, uns procuravam Portugal, outros, fugindo ás aldêas, preferiam as macerações do claustro aos incommodos e riscos de catechistas. (Loc. cit. Lib. VIII, n. 287.

Nem faltou, posto que não fosse este o sentir de maior numero, quem propuzesse o abandono d'aquella ingrata seára, e que mais valia dirigirem seus esforços para terras mais felizes.

Francisco de Borja noméa novo provincial, recahindo a escolha em Ignacio de Tolosa, que, com 13 companheiros chega ao Brasil na 9 *kal.* maii, com tres mezes de navegação.

Com a chegada do novo provincial tomaram as cousas outro aspecto. Elle, já com exhortações privadas, já com prégações publicas, influiu nos animos, ensinou aos socios a amarem aquelles trabalhos, revocou-os ao respeito, à obediencia (segundo o Instituto) ao espirito de verdadeiros missionarios. O padre Gonçalo Leite abriu aula de philosophia; promoveram-se com ardor as obras da igreja, e celebraram-se aqui pela primeira vez as festas de Pentecostes.

Francisco de Borja determinára, porém, que se chamassem os padres das aldêas, indo apenas a ellas algumas vezes no anno para fortalecerem os catechumenos na fé; mas que ao mesmo tempo se fortalecessem os padres na disciplina. Pareceu isto impraticavel aos homens que tinham longa experiencia do Brasil. Se aquelles indigenas, congregados pelos padres e reduzidos a aldêas e protegidos pela sua caridade, se vissem de repente privados d'essa tutella ou solicitude, pela mobilidade do seu animo ou estimulados das injurias recebidas ou que viessem a receber, viriam de certo a abandonar suas aldêas e a voltar ás suas selvas e costumes primitivos em detrimento da religião.

Decidiu-se que com estes fundamentos se consultasse de novo o geral. Resolveu no emtanto o provincial, que os padres das aldêas viessem ao collegio uma vez cada mez para se recolherem e restaurarem as forças do espirito e da religião, o que era de necessidade; visto que d'este viver isolado já iam apparecendo os inconvenientes que resultavam de viverem a sós entre os indios.

Instituiu-se um templo para os captivos em lugar que fosse mais commodo para ahi serem doutrinados em occa-

são azada. Parece-me que d'aqui é que se originaram as igrejas e confrarias de N. S. do Rosario, no Brasil.

Restabeleceram-se as casas no seu antigo pé e regimen. No fim do anno visita o provincial com Luiz da Gram as igrejas da visinhança da Bahia e as residencias de Porto Seguro.

Depois do *acerbo exame* porque passaram os padres de Pernambuco, voltaram-lhes o favor e os animos de todos: tirava-se, segundo o chronista, da morte, do castigo e dos padecimentos de seus adversarios argumento da impiedade da accusação e do auxilio divino. Um dos accusadores, no transe da morte, reconheceu publicamente a innocencia da companhia e a santidade d'ella. « Pedindo perdão, confessou entre lagrimas suas mentiras e julgou-se por ellas maldito. E assim morreu. »

Falleceram este anno (1572) na cidade de S. Salvador dois homens de grandes virtudes e conhecidos pelo affecto que tinham á companhia:—Mem de Sá, que governou o Brasil quatorze annos, fundou a igreja e dotou largamente o collegio com terras; e Lazaro de Azevedo, que morrendo, legou á companhia a igreja de N. S. da Escada, fundada á suas expensas, no proximidade da cidade, em sitio ameno, e assim tambem suas terras e mais algumas casas.

1573.—Visitadas e compostas as casas da Bahia e Pernambuco, chamavam a attenção do provincial Ignacio de Tolosa, as partes do sul. Chegou a S. Sebastião do Rio de Janeiro no 4 *Idus Januarii*, levando comsigo companheiros para dar ao collegio do Rio regimen conveniente. Alli instituiu a exposição do corpo de Christo, e a irmandade do Santissimo Sacramento. Fez repetir no collegio os exercicios de Santo Ignacio. Eram elles mui concorridos do povo pela prégação do padre Luiz da Gram, não tendo elle ouvido nenhum outro prégador depois da morte de Manoel da Nobrega. Estabeleceu tambem escola de primeiras letras onde

se preparassem os que no seguinte anno deviam começar o latim.

Conhecendo elle que as terras do collegio paravam nas mãos d'este e d'aquelle, pôde havel-as, não sem aturada contenda. Estava entre estas terras a aldêa de S. Lourenço, da administração dos padres. « O seu principal, accommettido de uma forte dôr do lado, vai á igreja, julgando-se a sós, confessa-se com as imagens, lava a parte com agua benta, e lançando fôra de si a molestia, sahiu d'alli perfeitamente curado. » O irmão Gonçalo de Oliveira presenciava ás occultas e deu fé de tudo isto, e foi quem assoalhou o milagre.

Criavam-se estes pobres indigenas, com taes superstições, aproveitando-se os padres até das extravagancias de um enfermo desesperado de remedio, e n'aquelle estado em que a gente se soccorre ainda mesmo á mesinheiros e bebidas repulsivas, para apregoarem seus resultados por obras notorias e os darem como testemunho de fé!

Mas n'esta aldêa tão favorecida de Deus, viram-se os padres n'esta occasião em grave perigo. Tinham tirado as concubinas a certos homens poderosos que alli residiam. Estes se enfureceram e accommetteram a aldêa com tal vigor e motim que até os padres, que estavam occupados na edificação da igreja, só na fuga acharam salvação. Tudo se aquietou afinal por meios brandos; mas se se ignora com que concessões de parte a parte, devem suspeitar-se favoraveis aos padres.

Foi nomeado pro-reitor do collegio do Rio o padre Braz Lourenço, que passou logo depois a reitor do mesmo.

Parte d'ahi o provincial para S. Vicente, estando já dividida a provincia; mas creio que nunca se havia realisado de facto tal divisão, senão Sachino não repetiria a noticia. Ficaram sujeitas ao collegio do Rio as residencias de S. Vi-

cente, de Piratininga, e as dos Ilhéos, de Porto Seguro, e de Pernambuco ao collegio da Bahia. Fez-se igualmente em Piratininga a exposição do corpo de Christo. Estava a aldêa na observancia das cousas da fé como na dos costumes « *ut religiosorum familia videretur*. »

Não se demorou, comtudo, o provincial ahi por muito tempo: tinha pressa em tornar-se á Bahia, onde se ia fazer congregação provincial para enviar procurador a Roma, e por esse motivo e para não perder tempo a espera de navio, comprou elle um. Embarca-se n'elle, passa pelo Rio na 9 *kal. maii*, e no fim do quarto dia sahiram do Espirito Santo. « Mais n'esse mesmo dia, á tarde, sobrevem-lhe grande tempestade, o piloto não reconhece o lugar e o navio encalhou. Vinham tambem em sua companhia os socios Luiz da Gram, Antonio Roque, Vicente Rodrigues, Fernando Luiz e os dois irmãos João de Sousa e Benedicto Lima.

Instava o patrão do navio com o provincial para que tirasse a roupeta e se lançasse ao mar, como já o haviam feito algns marujos. Allegava elle, porém, não saber nadar, e de rosario na mão implorava a assistencia divina de joelhos no alto do tombadilho. « Vem-lhe o auxilio d'onde não esperava; —um vagalhão colhe o navio, toma o padre e o atira ao mar. » Antonio Roque e João de Sousa lançam-se tambem á agua para o salvarem. Bebe uns goles d'agua e acha-se na praia de contas na mão! A agua não era funda, a praia perto, de modo que todos, em numero de 35, salvaram-se; mas o navio, carregado de páo-brasil abriu-se em dois. A salvação esteve em que mais além havia uma corrente impetuosa d'agua doce, que amararia o navio para onde havia rochedos debaixo da agua, ella mais funda e a praia mais distante. De proposito e com dia claro não teriam encalhado em melhor sitio. Estavam dezeseis leguas

do Espirito Santo, com grande fome e sede: pozeram-se a caminho, indo em romaria a Nossa Senhora do Penedo, a quem se tinham encommendado.

Esta igreja é fama ter sido fundada por um leigo de S. Francisco, de nome Pedro, que andava no Brasil com licença de seus superiores. Fez esta igreja e uma ermida na Villa Velha do Espirito Santo, na qual acabou seus dias. Diz no entretanto o autor, em outro lugar, que não havia por esse tempo franciscanos no Brasil!

Impedidos os padres de proseguirem na sua viagem, alli se ficam, não sem fructo, occupados em doutrinar; e como o templo antigo de velho estava ameaçando ruina, sobre ser pequeno, traçáram outro maior com alicerces de pedra e cal, o mais de taipa e madeiras « que mal cedem ao ferro, tal a sua rijeza. » Havia difficuldade no alimento de 12 padres e 40 obreiros e ainda de muitos pobres; succedendo o mesmo por esse tempo a outros padres em differentes lugares. As esmolas todavia bastavam; porque essa era a ordem dada pelo provincial para que em todas as partes, excepto nos collegios, vivessem da caridade dos fieis.

Chega o novo governador Luiz de Brito, sendo recebido na Bahia com festas e no collegio com apparato havendo mysterio e outeiro. Conhecendo este que a demora dos padres era devida por sem duvida á falta de transporte, expediu um navio para ir os buscar.

Chegam a S. Salvador a 7 de Setembro e acham fallecido o bispo D. Pedro Leitão poucos dias antes. Era sacerdote, segundo o autor, talhado para as circumstancias do Brasil, como tambem por ser amigo dos jesuitas, a quem deixou a bibliotheca, e tinha por confessor o padre Quericio.

Incansavel em cumprir as obrigações de prelado, visitou todo o espaço que vai de Pernambuco a Piratininga, isto é,

mais de quatrocentas leguas, exposto a chuvas e ventos, acompanhado sempre em suas jornadas por alguns padres da companhia.

Por esse tempo restavam aos padres, na visinhança da Bahia, quatro aldêas: Espirito Santo, Sant'Iago, S. João e Santo Antonio.

N'este anno (1573) se começou a dar aos indios idoneos o Sacramento da Eucharistia. O autor glorifica a virtude do Sacramento e quanto elle influia para a mudança dos costumes.

Instituiu-se tambem por esse tempo a irmandade da Misericordia, cujo principal fim era o de dar sepultura aos mortos. Os privilegios dos irmãos eram ter vellas accesas ao levantar da hostia. Os indios e christãos, ambicionando esta honra, não se esqueciam, comtudo, d'outros meios para ostentarem sua importancia.

O padre Gaspar Lourenço, que residia na aldêa de Santo Antonio, soube que uma náo da India naufragára alli perto com perda da fazenda e muitas mortes. Era noite, sahiram da aldêa pelas trevas, acompanhados de indios, e foram ao lugar do sinistro. A luz da manhã veiu alumiar um miserando espectaculo — homens mortos, não poucos moços e crianças: os vivos acabados de frio, feridos, nús, desesperados e mais mortos que vivos. O padre Gaspar e o irmão Estevão Fernandes dão sepultura aos mortos, trazem os vivos, e os indios carregam os enfermos, curam-n'os, lavam-n'os e dão-lhes tudo, quanto tinham com immensa caridade. Chegam com os naufragos á cidade, onde os padres os recebem, agasalham, e procuram-lhes vestidos e salvam do naufragio o que podem. Serviu-lhes isto de muito para acreditar e dar nome á companhia.

No fim d'este anno, chegando os irmãos Manoel de Castro

e Pantaleão Gonçalves, são mandados a Pernambuco (150) N'esta jornada, que se podia fazer por mar em cinco dias, gastaram elles quarenta; sendo n'ella obrigados a reduzir o mais possivel a alimentação, e ainda assim desembarcaram a 40 leguas de Pernambuco, obrigados da sede e da fome.

Que perigos n'aquelles tempos — em rios de jacarés e tubarões, em praias desertas, ou em mattos sem caminhos, com o sol ardente a dardejar-lhes, ou molhados do orvalho e das chuvas: eram todos uma ferida, e muitos se queriam deixar no caminho sem forças e sem coragem. Eram trinta e tres, e assim chegaram auxiliando-se mutuamente.

Falleceram em 1574 no collegio da Bahia dois — Ambrosio Rego, insigne pela sua humildade, pois d'elle se conta ter solicitado instantemente ao provincial o deixasse no seu lugar de coadjutor, empregado nos misteres da vinha do Senhor e no da cozinha.

« Foi o outro, o padre Luiz de Mesquita, que trouxéra de Portugal os dois irmãos, Manoel Dias e João Solonio, contrahindo na viagem principios da enfermidade de que vem a succumbir.

« Pareceu mercê de Deus para manifestar a virtude d'este homem, que, havendo elle por esquecimento deixado no navio uma caderneta dos seus apontamentos, nem se perdeu nem se inutilisou ella; antes duas vezes se fez o navio á véla para a ilha de S. Thomé, e duas vezes foi coagido a voltar pelo máo tempo até que o capitão descobriu aquelle papel sujo e o trouxe ao collegio na vespera do passamento do santo padre! Depois d'isto segue feliz viagem. »

N'este mesmo anno se fez uma larga expedição ao Brasil. Ordenou el-rei a Luiz de Brito, levado pela fama do

(150) *Sach. Pars. IV*, Lib. I, n. 167.

muito ouro que se dizia e assegurava haver no sertão. Iam n'ellas além dos soldados, muitos indios ; mas para que estes fossem de melhor vontade e os soldados os não maltratassem, fizeram parte da expedição os dois padres — João Pereira, e Jorge Velho, habeis para o trabalho, acclimados no Brasil, e linguas mui peritos. O padre Pereira, que havia já gasto muitos annos na conversão dos indios, dava agora lições de philosophia no collegio da Bahia. Occupados mesmo na viagem em doutrinar os indios e em reprimir a intemperança dos soldados, andaram quasi mil leguas (no que ha de certo muita exageração) a pé e descalços, por causa dos muitos rios, e quasi em continuas guerras. Foram ainda uma vez frustradas as esperanças de ouro, mas no espaço de quatorze mezes, que tantos levaram os padres n'esta expedição, baptizaram mais de quinhentos meninos.

Obra de menos vulto, posto que de mais proveito, emprehenderam os padres n'este anno, visitando todo o reconcavo e as fazendas que alli se achavam espalhadas. Recebem todavia os moradores essas visitas com relutancia por entenderem que os padres vinham espiolhar com que titulos serviam os indios. Sendo já por esse tempo mui crescido o numero d'africanos, aconteceu que os donos d'estes agasalharam e trataram mui bem os padres, como foi sempre costume dos fazendeiros do Brasil.

Floreciam no emtanto as quatro aldêas da Bahia ; n'ellas se mostrava certa humanidade, e tal qual urbanidade, com que os padres se extasiavam, não achando termos para encarecel-as. « Envergonhavam-se de andar sem roupa, saudavam-se mutuamente ao encontrarem-se, guardavam tempo nas comidas, e os principaes iam á igreja e vinham d'ella acompanhados de suas legitimas consortes, á moda da gente. Alguns até já sabiam grangear a vida. Mas no

que todos brilhavam, e entre si mais rivalisavam, era na frequencia dos officios, nos jejuns, penitencias, e flagellações e no amor e dedicação aos padres, como caminho para o céo, que a terra não lhes era muito aprazivel. » Assim conjecturo que devia de ser, decahidos de seus brios, cercados de conquistadores e despotas, vendo qual seria o seu futuro, as vistas de todos se voltariam para o ceu, pois que é preciso algum pasto á parte menos material do homem, por muito barbaro que seja, por muito abatido que o vejamos. Importa aqui especialisar a aldêa de Sant'Antonio, onde os padres, para recompensar condignamente dos seus progressos na piedade, celebraram uma semana santa, a que concorreram todos os das demais aldêas, apezar de quantos incommodos lhes offerecia a viagem. A' irmandade da Misericordia, já instituida do anno antecedente, accrescentou-se agora a do Santissimo Sacramento, com um hospital e cemiterio. Alguns dos irmãos d'aquella confraria percorriam as aldêas, vendo onde haviam enfermos e necessitados para avisarem os padres, e tinham como de obrigação o fazerem todos cada dia uma das obras de misericordia. A' noite lhes perguntavam os padres o que fizeram, e era de ver como emulavam todos em sobresahirem na piedade, uns aos outros !

As instrucções ou directorios compostos pelo provincial, relativos á catechese, á penitencia, e sobre tudo á confissão e communhão, foram vertidos para a lingua brasilica pelo habil padre Leonardo do Valle. Para a aldêa foram tambem agora mandados muitos da companhia para que se tornassem destros na lingua.

Larga porta se abriu então ao Evangelho ; mas em grande parte eram inuteis os esforços, que se tentassem por temerem os do interior descer ás praias onde o captiveiro os aguardava. Para occorrer a este mal e (postoque a mim

não me pareça que foi isso o que se teve em vista ; porque os successos posteriores, se alguma cousa provam, é o contrario) nomeou el-rei D. Sebastião a Antonio de Salema para o Rio de Janeiro, com jurisdicção independente da do governador da Bahia. Parece com tudo que a ambos os governadores recommendou consultassem o provincial do Brasil no que fosse dos indios.

Dois grandes males vexaram então o Brasil — a peste, aliás rarissima alli e que por seus espantosos resultados dizimou os animaes de modo que a cada passo se encontravam nas mattas e nos campos cadaveres de feras, de tigres, de porcos, de veados, e d'antas, infeccionando os ares, assim tão perigosos aos homens que os respiravam e até ás mesmas feras, se os comiam. A segunda foi a fome pela escacez das colheitas de mandioca, que não bastava. Crescia este mal com o da caça, e isso remediou-se com preces e flagellações publicas. Os indios, como em Gil Braz, pagavam os erros *dos nobres.* No emtanto o remedio aproveitava á imaginação.

Em Pernambuco accrescentou-se aula de latim á escola primaria. Nos Ilhéos ao mal da fome juntou-se o ataque dos *Aymorés*, nação inexpugnavel por não ter residencia fixa. Residia n'aquellas partes o padre Pina, que era tão querido e amado de todos que não havia removel-o d'alli. Tinha arte de os persuadir que se déssem ao trabalho, e para os exhortar á conformidade nos soffrimentos. Andava sempre na pedintaria e dava adiante ao primeiro necessitado que lh'estendia a mão. Dava tudo sem respeito ao dia d'amanhã ; que acima da providencia está a Providencia. *Dae que recebereis*, éra o seu bordão *(Date et dabitur vobis.)*

Desceram por este tempo muitos do sertão a Porto-Seguro, talvez acoçados da fome.

Os começos do anno de 1575 promettiam abundantissima

mésse aos obreiros de Christo; mas, ainda mal, que os resultados não corresponderam ás esperanças! A 150 leguas de S. Salvador fica o *Rio Real*, cujos incolas estavam sempre em guerra com os portuguezes. Resolveram-se agora a pedir paz e o Evangelho. Vieram seus embaixadores á Bahia e o provincial os hospeda nas aldêas dos neophytos para no entretanto experimentar sua constancia d'elles e por ella a firmeza das suas resoluções. Delega para esta expedição o padre Gaspar Lourenço que tinha bom nome no Brasil. Toda a aldêa de Sant'Antonio quer partir com elle, e quatro d'esses fugiram com suas mulheres para entre os do *Rio Real* a fim de o irem alli esperar. No começo do anno parte o padre com o irmão João Salanio e com vinte dos neophytos de Sant'Antonio. Mandou o governador com elles uma companhia de soldados a ver se alli se acharia lugar accommodado para a fundação d'uma villa, e isto foi muito para o mallogro da expedição. Marcham a pé e com assáz de incommodo.

Na 5 *kal. februarii* chegam ao rio, onde em lugar proximo ao mar, e proprio para uma povoação ficam os portuguezes. D'alli a 6 leguas estavam os indios (não declara Sachino de que nação, e só que pertenciam aos que fallavam a lingua geral). Era aldêa de mil almas, metade dos quaes d'aquelles que em 1668 tinham fugido aos portuguezes. Ao entrarem na aldêa conhecem os padres as quatro mulheres que com seus maridos haviam sahido de Santo Antonio. Dizem-lhes ellas que seus maridos tinham sido alli mortos e devorados: rimem-n'as os padres da escravidão, disfarçando comtudo o desacato por se não julgar tempo d'isso. No emtanto os que tinham fugido dos portuguezes espalhavam com calor ser costume dos padres reunil-os em aldêas para os entregarem indefesos ao captiveiro, accrescendo que dava força a este rumor saber-se

que nas visinhanças ficavam soldados. Desvelam-se os padres em os acalmar, prégam que os vinham chamar á fé, á salvação eterna, e fazel-os filhos de Deus, e com isto accommodam-se.

Logo que os padres chegaram ao lugar fizeram uma igrejinha de palma, onde dizem missa e começam a obra da catechese. Dão ao oratorio e á aldêa os nomes do apostolo S. Thomé. Ao rumor da chegada dos padres, correram muitos até do rio de S. Francisco, requerendo-lhe igual honra para suas aldêas. Entre estes era mais afamado o principal *Surubim* por causa de muitas mortes dadas nos portuguezes.

Todos se aterram por conhecerem o homem, e ainda mais por saberem que vinha com grande acompanhamento, e suspeitam logo que fosse para matar os padres. O padre, sentindo-se nas mãos de Deus, deixou-se ficar, e o indio, vendo-o tão resoluto e ouvindo-lhe a prégação, disse-lhe: « folgo com a tua vinda », e d'ahi voltou para sua aldêa. O padre não ficou só n'isto e pôz-se logo a caminho para a aldêa de *Surubim*, doze leguas da de S. Thomé.

O indio ajuda-o a levantar igreja, e o padre dá a esta aldêa o nome de Santo Ignacio. Mandou *Surubim* ao governador seu proprio irmão para firmar as pazes. Recebe-o bem o governador e aos que com elle iam, e depois os despede vestidos e presenteados.

Passa d'aqui o padre Gaspar ás aldêas de Sergipe, soffrendo muito na jornada pela difficuldade dos caminhos, inçados de povos de guerra; e aquelles, que o podiam ajudar, viviam em grande miseria. Fez paz com muitas aldêas, e trouxe muita gente de tres d'ellas com que creou a de S. Paulo.

Dadas tão boas novas na Bahia, manda o provincial o padre Luiz da Gram e Francisco Pinto; sendo que aquelle,

apesar de velho, recusa cavalgadura e faz o caminho á pé. Os indios de S. Thomé os acolhem com festas, engrinaldando os caminhos. Concorrem a ellas muitos das circumvisinhanças e todos pedem igrejas. Em quanto permaneceram em S. Thomé, fazem maior igreja, mais accommodada ao lugar, e dedicam-n'a a Nossa Senhora da Esperança. Parece ter subido a mais de trinta o numero das aldêas que queriam pazes; no emtanto a proximidade dos portuguezes ia produzindo os costumados resultados: entram elles a queixar-se de que lhes roubavam as mulheres, as irmãs do principal, e até a propria mulher d'este! Arreceiando-se, pois, da escravidão, fogem para o *Apiripé*. O padre Gaspar os seguia, exhortando a uns e outros a que se tornassem onde tinham suas casas e Deus. Elles retrucavam-lhe, lembrando-lhe seus padecimentos e mostrando-lhe as cicatrizes do açoite e do azeite fervendo. Tendo o provincial noticia d'estes acontecimentos, manda substituir o padre Luiz da Gram, já menos proprio para o trabalho e que não fallava a lingua geral, pelo padre João Pereira, ordenando-lhe que com o padre Gaspar vissem meios de conciliar os animos e de pacificar aquella pobre gente não revolta, senão intimidada.

Entrementes prosperavam as quatro aldêas dos contornos da Bahia. Em cada uma d'ellas começaram a render-se no serviço quatro jesuitas. Introduziu esta novidade o geral Everardo, successor de F. Borja, já para mais commodidade da catechese, já para que melhor se conservasse a doutrina religiosa.

N'este anno (1575) chegaram da Europa seis padres obreiros, com grande provisão de reliquias—quatro cabeças das onze mil virgens e uma copia do quadro representando a Virgem Santissima, e attribuido ao pincel de S. Lucas.

No fim d'este mesmo anno o padre Gregorio Serrão, rei-

tor do collegio da Bahia, foi mandado a Roma na qualidade de procurador da provincia. (151)

1576.—Arruinaram-se totalmente os trabalhos do Rio-Real. O governador Luiz de Brito veiu com tropas para bater os indios do *Apiripé*, e ao approximar-se da aldêa de Santo Ignacio seus habitantes fogem. Ella considera a fuga quebra de paz, persegue-os, e *Surubim* morre, e os mais se entregam. Captivam a todos e os encurralam na igreja de S. Thomé como em um carcere. Os soldados assolam tudo quanto encontram, e o governador arrebanha quantos achou e os arrebata para a Bahia; de modo que o resultado de tantas esperanças foi o captiveiro de 1.200 transportados para a Bahia «que Deus com a morte se serviu libertal-os dentro do anno do captiveiro.»

Outro tanto fazia D. Antonio de Salema no Rio de Janeiro, levando a guerra ao Cabo-Frio; mas no meio d'ella intervieram os padres que os accommodaram. Diz o autor que esta guerra era movida por interesse; por isso que lançavam mão dos indios e os escravisavam a despeito das exhortações e reclamações dos padres.

Ia achar, porém, a liberdade d'estes miseros novo apoio em D. Antonio Barreiros, trigesimo bispo da Bahia, que alli aportou este anno.

O padre procurador, Gregorio Serrão, tendo exposto em Portugal e em Roma a importancia de Pernambuco, como estava povoado de gente nobre e rica, conseguiu d'el-rei D. Sebastião que fundasse alli um collegio. Foi este o terceiro em ordem chronologica. Obr. cit. Lib. IV. n.° 261).

1577.—No n.° 293 do livro V diz o autor que a fama de Anchieta crescia de dia para dia; elle envolvido na sua modestia, a fugir e a recusar honras, e ellas a procural-o!

(151) Obr. cit. Lib. IV, n. 260.

Pouco antes nomeado para o reitorado do collegio da Bahia pelo provincial, procurou em uma longa e douta carta eximir-se do encargo; mas a resposta, que teve, foi darem-lhe o cargo de provincial. Ignacio de Tolosa, a quem succedeu, foi incumbido da tarefa de mestre de noviços e de explicar casos de consciencia no collegio da Bahia.

Todo o trabalho do provincial Tolosa esteve posto em defender a liberdade dos indios e em soffrer com paciencia os labéos e altercações, que por esta causa lhe sobrevinham. Em uma reunião celebrada pelo novo bispo da Bahia, elle o acoroçoa no seu bom proposito, recommenda-lhe aquelles *Brazis* e roga-lhe que por nenhuma coacção ou terror desistisse do patrocinio que estava de animo dispensar-lhes.

Dois sacerdotes com outros tantos leigos foram mandados pelo provincial a esperar uma grande multidão de barbaros que desciam para o littoral, caminho de Porto-Seguro.

Pobre gente! Soffreram muito os padres para os irem encaminhar; mas elles o que não soffreram por lugares arduos, alagados, desertos de toda cultura e de meios de subsistencia, tanto que pereciam a cada passo ao rigor da fome. Os padres, mais felizes do que elles, tinham a satisfação no cumprimento do dever, em darem n'aquelle acto derradeiro o Sacramento do Baptismo *in extremis*; e do pouco alimento que se ia podendo grangear, sustentava-se-lhes o alento. Chegaram por fim, como por milagre, dois neóphytos carregados de farinha de mandioca, esmollada por caridade. Então se viu o apuro a que tinham chegado aquelles miseraveis; pois que se disputavam com encarniçamento alguma pouca de farinha que das mãos do distribuidor cahia em terra! Precipitavam-se em cima, debatiam-se com furia á socco, e comiam-n'a ainda com terra ou catavam aos grãos. Mais de duzentas crianças e de cento e vinte maiores foram

n'esta jornada baptizados em artigo de morte, e a despeito d'este supprimento, não cessaram as mortes, que a fome e a sede continuava! Uns de fraqueza desfalleciam na passagem dos rios, outros cahiam ao pé das arvores que lhes offereciam algum alimento por não terem já forças de subir, e iam assim deixando uma larga esteira de cadaveres por onde passavam!

Lancemos as vistas para o collegio do Rio de Janeiro que em todo este triennio não deu os costumados fructos, nem entre os portuguezes, nem entre os indigenas; porque o vigario geral de nada mais curava que de accommodar cabedaes para voltar á Europa carregados de despojos.

Escravisava e vendia os indios, e d'ahi proveiu-lhe inimizar-se com os padres da companhia, que lhe queriam ir á mão. D'esta desavença veiu a frouxidão nas praticas religiosas: o vigario geral não ia mais á igreja, e a seu exemplo os da nobreza. Sente-se d'isto a propagação da fé; porque os indios, aterrados com a escravidão, não queriam saber de quem quer que fosse da Europa.

Arguia o vigario aos padres da companhia de não prégarem a doutrina de Deus nem ministrarem *rité* os Sacramentos. Faz processo aos mesmos, ouve as testemunhas que bem lhe pareceu, manda ao escrivão que só escrevesse o que fazia ao seu proposito.

Respiraram por tanto os padres com a chegada do novo governador, e sobretudo do novo administrador ecclesiastico. Conhecidas as falsidades e calumnias do libello, este as exprobra ao seu antecessor no acto da partida d'este e ameaça-o de excommunhão.

Estes rumores, porém, contra os padres da companhia não se limitavam só ao Rio; grassavam e cresciam por toda a parte, no Brasil. Na Bahia chegaram a ser tão violentos, que os padres attribuindo tudo á questão da liberdade dos

indios, consultaram se não conviria entregar ao bispo a administração das suas quatro aldêas. Já vimos acima como o bispo responderia a esta proposta. (Obr. cit. Liv. V. n.° 293).

1578.—Ao entrar d'este anno chegou á Bahia Lourenço da Veiga para governar toda a provincia do Brasil, sem excepção do Rio. Mas ao passo que se julgava conveniente concentrar a administração civil, dividia-se a ecclesiastica. Na mesma frota veiu Bartholomeu Simões Pereira para o Rio de Janeiro com o titulo de administrador das igrejas do Sul, com todos os poderes episcopaes e inteiramente independentes do bispo da Bahia.

Por esse mesmo tempo voltou a Roma o padre procurador, Gregorio Serrão, com mais de 16 socios.

As queixas e clamores contra os jesuitas iam sempre em mais augmento; pois que eram elles obstaculo ao lucro que se auferia da escravidão dos indios. Não tinha o Brasil n'aquelle tempo nem ouro, nem prata, nem metaes ou pedras preciosas, que só posteriormente se descobriram. A sua fortuna era o páo brasil, era sobre tudo o assucar, principal genero de sua lavoura e do seu commercio d'exportação; mas para isso eram indispensaveis grandes forças. As riquezas andavam na razão directa do numero de braços. Todos attentos aos bens da terra, pouco se davam dos principios da moral ou dos preceitos religiosos. Queriam a todo o custo escravos, e a venda ou trabalho d'elles era fonte de lucro. Por outro lado, as nações do Brasil exemptas, vagabundas, amigas da liberdade e de passarem a vida sem medo nem coacção, não podiam soffrer que as forçassem a um labor penoso e improficuo para ellas, cruel e sujeito a ameaças, ao açoite e talvez á martyrisações; e por isso as mais experientes e escarmentadas, fugiam do littoral, procurando entranharem-se nas brenhas e nas solidões, e preferindo assim

ao captiveiro o que quer que fosse de mais intratavel e medonho.

Os portuguezes procuravam por todos os modos oppôr-se a esta emigração, mas vendo que pela força poucos resultados colhiam, começaram a uzar d'affagos, pequenos mimos e grandes promessas, fazendo-lhes luzir pro-forma as leis divinas, o paraizo, a bemaventurança ; e d'esta arte embaiam os indios a sahirem de seus escondrijos, guiavam-nos como rebanhos para as praias, e os empregavam depois em seus serviços e lavouras.

O remedio, porém, não era duradouro. Abandonavam os filhos d'estes, como boccas inuteis, e de quem não tiravam proveitos immediatos, e tiravam-lhes as mulheres sem attenção ao futuro; d'ahi elles, solitarios, sem mulheres nem filhos, sem liberdade, antes coactos e injuriados, definhavam aos centos, mais enfermos do moral que do physico; posto que a nostalgia e a mudança de habitos e de alimentos tambem contribuissem para isso, manifestando seus perniciosos effeitos. As leis á cerca de liberdade dos indios eram de facto irritas e nullas, e seus infractores ousados até ao excesso de reclamarem contra suas pobres victimas.

Com a chegada do novo governador julgaram aquelles a occasião asada para desafogo de seus clamores, e assim o pozeram por obra, allegando que os padres, á sombra da religião, perturbavam tudo, e excitavam as familias. « Que o indio em fugindo para as aldêas d'estes, tinham alli seguro asylo como no sagrado, que eram os indigenas gente incapaz de virtude e de religião, e que os jesuitas, seus pretenços protectores, em quanto os negavam aos moradores, os empregavam em seu serviço, ou no de seus amigos.»

A' vista d'isto procedeu o governador a alguns inqueritos, e vendo como elles se flagellavam sem dó e repetiam o Padre Nosso na ponta da lingua, achou que tudo era falso !

Mas a despeito do apoio do governador, pouco ganharam os indios no temporal.

Deus se compadecia d'elles, enviando-lhes de novo a peste para arrancal-os com a morte aos vexames e á escravidão! Contra este mal antepozeram os padres preces e procissões. (Obr. cit. Liv. VI, nº 320).

Discutia-se em Roma a conveniencia de passar ao bispo a administração dos indios, e não obstante entender-se que a proposta presumia já em si a conveniencia da cousa, as razões apresentadas eram fracas. Prevaleceram portanto, ou pareceu que prevaleciam, as que eram contra.

Declarou o geral da companhia que não devia desamparar aquellas ovelhas, sem confiança em outros pastores; que a experiencia do anno de 1571, em que se tirára os jesuitas das aldêas, prostrára que os rebanhos se tresmalhavam. Não seria isto consultar a paz; mas fugir ás claras aos trabalhos, maldições e perseguições ; que seria mais louvavel e meritorio padecer e penar por amor da justiça de Christo. Dizia o geral em conclusão que não era materia aquella para ser consultada ao de leve; e assim continuassem os padres como iam, mas com cautela e moderação, abstendo-se principalmente de offender os poderosos. Levava a mal que na Bahia e no Rio elles houvessem contendido com os governadores, embora com razão do lado d'elles, sem a modestia e a submissão desejaveis!...

Tomaram comtudo as cousas novo aspecto, no Rio, com a chegada do governador Veiga e do administrador ecclesiastico do sul, parecendo que a conversão entrava em nova phase. Callaram-se as indisposições contra os jesuitas e aggregaram-se ás aldêas uns oitocentos indios.

Chega Sachino com a sua chronica até ao fallecimento do geral Everardo; todavia não trata do Brasil nos annos de 1579 e 1580.

Não se sabe ao certo em que anno chegou Lourenço da Veiga ao Brasil; e note-se mais o engano da parte do autor, incluindo no Liv. VI factos que deviam ser relatados no Liv. VIII.

Em todo o caso dá-se lacuna, seja em 1579 ou em 1580.

José Juvencio, continuador de Sachino, quiz escrever historia e não chronica, isto é attender mais á ligação das materias do que á successão chronologica dos factos. No primeiro tomo da parte primeira da sua obra até á quinta, refere-se aos annos de 1581 a 1590. No segundo tomo comprehende de 1591 a 1616 e foi impresso em 1710, e é o livro XXIII d'este tomo que reserva para tratar da America, e d'este Liv. os cap. XVI e XVII para o Brasil. As cousas da nossa terra mereceram-lhe pouca attenção, e pelo desenvolvimento que ia tendo os acontecimentos passados nas outras partes da America hespanhola, vê-se bem que estamos no dominio dos Filippes. O Mexico, o Chili, o Perú, o Tucuman e o Paraguay, os collegios de Buenos Ayres, de Mendoza e de Santa Fé preoccupam-n'o tanto, que ficou o Brasil quasi que no olvido.

Referindo-se este escriptor á nossa terra, repete o que disseram seus antecessores, pelo que escuso resumil-o. O que diz da pacificação dos *Carijós* e *Aymorés* vem melhor declarado na *Relação annual* de Fernão Guerreiro. O mesmo se póde dizer da missão dos padres Francisco Pinto e Luiz Figueira no Ibyapaba, no que não adianta o padre José de Moraes (V. *Historia da extincta provincia*, etc.)

(Diz que os medicos mandaram o padre Anchieta para o Brasil por causa de saude e que ahi morreu. Narra depois seus innumeros milagres. « *Non Brasili coli bonitas laudabatur, et magna opus erat, longiquo ac maritima itinere.* » Apesar do que diz, não accrescenta n'este ponto

aos demais chronistas, cujas obras resumi; e quanto ao caso de Boles, occupa-se d'elle de uma maneira assaz perfunctoria, referindo apenas que accusado perante o bispo, foi preso e lançado ás chammas. Anchieta regeu sete annos a provincia do Brasil e deixou-a em 1585 por achar-se muito doente. Morreu em Rerityba a 9 de Junho de 1597 e com 64 annos de idade. Levaram os indios seu cadaver em rede para a villa do Espirito-Santo.

A 13 d'Abril de 1593 baixou a lei pondo os indios em sua liberdade; mas observa que foi burlada pelos interessados no captiveiro d'esses pobres infelizes.

No anno de 1596 foram dois padres aos *Carijós*, que estavam sempre em guerra. Esses missionarios, rompendo innumeros obstaculos, avistaram-se a final com um dos chefes—*Tacaraguá*. Este, não obstante os muitos aggravos recebidos, faz pazes e entrega um filho aos padres. Partidos apenas os de *Tacaraguá*, chegaram outros; pois que se espalhára rapidamente por aquelles vastos centros a noticia da chegada dos dois padres, dos quaes parece chamar-se o principal, Domingos Garcia. A terceira turma, que chegou, formou um longo circuito para evitar os inimigos que estavam de permeio; ainda assim os encontraram, bateram-se, e, posto que ficassem vencedores, sahiram tão desbaratados e quebrados da peleja que, com difficuldade, concluiram a jornada até aos padres.

Em 1600 estabelece-se paz com os *Guayanazes*, nação feroz e guerreira, e ia em mais de trinta annos em guerra com os portuguezes. Ha aqui a notar fragrante contradicção em José Juvencio, que em outra parte da obra dá esta paz como feita em 1598. (Vej. tambem para isto o *Index* de Simão de Vasconcellos).

Foram trazidas algumas mulheres d'esta raça, como captivas, a S. Salvador. Accommodou-se uma d'ellas mais

que as outras, e por tal fórma, aos costumes portuguezes, que se intentou a reducção da tribu por meio d'ella. Indo esta com presentes, que lá distribuiu, apregoando a generosidade dos portuguezes, e o quanto era bem tratada por elles, persuade a alguns de seus parentes que venham a S. Salvador. Estes assim o fazem; mas aterram-se quando se vêm entre seus antigos inimigos, perdem, porém, para logo o medo com os affagos e brindes que recebem d'elles, e assim voltam aos seus. Cincoenta dos maís animosos tentam a mesma expedição. Acolhidos d'igual modo, compellem os mais a fazerem paz e a aldêarem-se ás ordens dos padres.

Uma parte d'esta mesma nação habitava na capitania dos Ilhéos. Entrou no espirito de um irmão (jesuita) pacifical-os, e para isso aprende com summa difficuldade a lingua. Vai em missão com um sacerdote e da canôa lhes falla e lhes persuade á paz, reforçando os argumentos com presentes que trazia. Dizem-lhe os barbaros que desembarque. Os que iam na canôa, querem-n'o dissuadir; elle, porém, vendo que nada conseguiria, se, se não arriscasse, põe a sua confiança em Deus, e salta em terra. Depõem os indios os arcos, ouvem-n'o tratar da paz e armam-se com as dadivas que d'elle recebem: tudo se passa na melhor ordem, e conhecendo-os o padre tão bem dispostos, aconselha-os que mandem tres dos seus a fazerem paz com os portuguezes, promettendo de os tornar em tres dias, carregados de dadivas, ao que annuem. Foram bem acolhidos e voltam com alguns padres no prazo prefixo. Esperam-n'os os seus na praia com ruidosas acclamações e os abraçam transportados d'alegria. O chefe quebra as pontas das flechas, prega-lh'as a seu modo, e declara paz. A' vista d'isto abalam d'ahi muitos com os padres, vão á Bahia e se aldêam. Muitos d'elles vão depois

ao centro prégar aos seus pazes, que foram aceitas por grande numero d'elles, que descem e fixam-se nas aldêas, vivendo n'ella « como cordeiros, os que d'antes á moda de lobos carniceiros não se fartavam nunca, nem de sangue, nem de carniça. »

(Continúa.)

CATALOGO DOS GOVERNOS

QUE TEM TIDO A PROVINCIA DO MARANHÃO

DEPOIS DE PROCLAMADA A INDEPENDENCIA

em 28 de Julho de 1823

ORGANISADO PELO

DR. CEZAR AUGUSTO MARQUES

Socio correspondente do Instituto Historico do Brasil.

1.° Governo provisorio. O advogado provisionado Miguel Ignacio dos Santos Freire Bruce, presidente. O padre Pedro Antonio Pereira Pinto do Lago, secretario. O capitão Antonio Raimundo Pereira de Burgos, e os cidadãos Lourenço de Castro Belfort, José Joaquim Vieira Belfort, Antonio Joaquim Lamagner Galvão, e Fabio Gomes da Silva Belfort. Tomou posse a 8 de Agosto de 1823.

2.° Junta provisoria. O advogado provisionado Miguel Ignacio dos Santos Freire Bruce, presidente. O cidadão José Lopes de Lemos, secretario. O arcipreste Luiz Maria da Luz e Sá, e os cidadãos José Joaquim Vieira Belfort, Antonio Joaquim Lamagner Galvão, Rodrigo Luiz Salgado de Sá Moscoso, e Sysnando José de Magalhães. A 29 de Dezembro de 1823.

3.° Presidente, o advogado provisionado Miguel Ignacio dos Santos Freire Bruce. A 9 de Julho de 1824.

4.° Presidente interino nomeado por Lord Cockrane. O cidadão Manoel Telles da Silva Lobo. A 25 de Dezembro de 1824.

5.° Vice-presidente, como presidente da camara municipal, o Dr. Joaquim José Sabino. A 6 de Julho de 1825.

6.° Vice-presidente, o Dr. Patricio José de Almeida e Silva. A 7 de Julho de 1825.

7.° Presidente o tenente-coronel d'Artilheria, Pedro José da Costa Barros. A 31 de Agosto de 1825.

8.° Vice-presidente, o cidadão Romualdo Antonio Franco de Sá. A 1 de Março de 1827.

9.° Presidente, o marechal de campo Manoel da Costa Pinto. A 28 de Fevereiro de 1828.

10. Presidente, o desembargador Candido José de Araujo Vianna. A 14 de Janeiro de 1829.

11 Presidente, o desembargador Joaquim Vieira da Silva e Sousa. A 13 de Outubro de 1832.

12 Vice-presidente, o cidadão Manoel Pereira da Cunha. A 17 de Março de 1834.

13 Vice-presidente, o cidadão Antonio José Guim. A 3 de Março de 1834.

14 Vice-presidente, o juiz de direito Raimundo Filippe Lobato. A 5 de Março de 1834.

15 Vice-presidente, o cidadão Antonio José Guim. A 30 de Outubro de 1834.

16 Presidente, o senador Antonio Pedro da Costa Ferreira. A 21 de Janeiro de 1835.

17 Vice-presidente, o juiz de direito Joaquim Franco de Sá. A 25 de Janeiro de 1837.

18 Presidente, o capitão de mar e guerra Francisco Bibiano de Castro. A 3 de Maio de 1837.

19 Presidente, o cidadão Vicente Thomaz Pires de Camargo. A 3 de Março de 1838.

20 Presidente, o tenente-coronel d'engenheiros Manoel Felizardo de Sousa Mello. A 3 de Março 1839.

21 Presidente, o coronel Luiz Alves de Lima. A 17 de Fevereiro de 1840.

22 Presidente, o desembargador João Antonio de Miranda. A 13 de Maio de 1841.

23 Vice-presidente, o conselheiro desembargador Francisco de Paula Pereira Duarte. A 3 de Abril de 1842.

24 Presidente, o bacharel Venancio José Lisboa. A 25 de Junho de 1842.

25 Presidente, o juiz de direito Jeronymo Martiniano Figueira de Mello. A 23 de Janeiro de 1843.

26 Vice-presidente, o desembargador Manoel Bernardino de Sousa Figueiredo. A 21 de Março de 1844.

27 Presidente, o desembargador João José de Moura Magalhães. A 17 de Maio de 1844.

28 Vice-presidente, o cidadão Angelo Carlos Muniz. A 4 de Outubro de 1844.

29 Presidente, o desembargador João José de Moura Magalhães. A 23 de Outubro de 1844.

30 Vice-presidente, o cidadão Angelo Carlos Muniz. A 14 de Dezembro de 1844.

31 Presidente, o desembargador João José de Moura Magalhães. A 17 de Novembro de 1845,

32 Vice-presidente, o cidadão Angelo Carlos Muniz. A 4 de Abril de 1846.

33 Presidente, o desembargador Joaquim Franco de Sá. A 27 de Outubro de 1846.

34 Vice-presidente, o Dr. Carlos Fernando Ribeiro. A 17 de Dezembro de 1847.

35 Presidente, o desembargador Joaquim Franco de Sá. A 21 de Janeiro de 1848.

36 Presidente, o cidadão Antonio Joaquim Alvares do Amaral. A 7 de Abril de 1848.

37 Presidente, o cidadão Herculano Ferreira Penna. A 7 de Janeiro de 1849.

38 Presidente, o cidadão Honorio Pereira de Azeredo Coutinho. A 7 de Novembro de 1849.

39 Presidente, o Dr. Eduardo Olimpio Machado. A 5 de Junho de 1851.

40 Vice-presidente, o tenente-general Manoel de Sousa Pinto de Magalhães. A 9 de Julho de 1852.

41 Presidente, o Dr. Eduardo Olimpio Machado. A 28 de Setembro de 1852.

42 Vice-presidente, o tenente-general Manoel de Sousa Pinto de Magalhães. A 18 de Maio de 1854.

43 Presidente, o Dr. Eduardo Olimpio Machado. A 15 de Julho de 1854.

44 Vice-presidente, o cidadão José Joaquim Teixeira Vieira Belford. A 12 de Agosto de 1855.

45 Presidente, o advogado provisionado Antonio Candido da Cruz Machado. A 10 de Dezembro de 1855.

46 Vice-presidente, o barão de Coroatá. A 24 de Fevereiro de 1857.

47 Presidente, o bacharel Benevenuto Augusto de Magalhães Taques. A 29 de Abril de 1857.

48 Presidente, o bacharel Francisco Xavier Paes Barreto. A 29 de Setembro de 1857.

49 Vice-presidente, o bacharel João Pedro Dias Vieira. A 19 de Abril de 1858.

50 Presidente, o bacharel João Lustosa da Cunha Paranaguá. A 19 de Outubro de 1858.

51 Vice-presidente, o Dr. commandante superior da guarda nacional José Maria Barreto. A 12 de Maio de 1859.

52 Presidente, o Dr. João Silveira de Sousa. A 26 de Setembro de 1859.

53 Presidente, o bacharel Pedro Leão Velloso. A 24 de Março de 1861.

54 Presidente, o major de engenheiros Francisco Primo de Sousa Aguiar. A 25 de Abril de 1861.

55 Presidente, o conselheiro Antonio Manoel de Campos Mello. A 23 de Janeiro de 1862.

56 Vice-presidente, o senador João Pedro Dias Vieira. A 5 de Junho de 1863.

57 Presidente, o bacharel Ambrozio Leitão da Cunha. A 13 de Junho de 1863.

58 Vice-presidente, o desembargador Miguel Joaquim Ayres do Nascimento. A 23 de Novembro de 1863.

59 presidente, o bacharel Ambrozio Leitão da Cunha. A 3 de Outubro de 1864.

60 Vice-presidente, o cidadão José Caetano Vaz Junior A 23 de Abril de 1865.

61 Presidente, o bacharel Lafayette Rodrigues Pereira. A 14 de Junho de 1865.

62 Vice-presidente, o desembargador Miguel Joaquim Ayres do Nascimento. A 19 de Julho de 1866.

63 Vice-presidente, o bacharel Frederico José Corrêa. A 6 de Agosto de 1866.

64 Vice-presidente, o juiz de direito Manoel Jasen Ferreira. A 10 de Agosto de 1866.

65 Presidente, o bacharel Antonio Alves de Sousa Carvalho, A 1 de Outubro de 1866.

RESUMO

Administrações	65
Governos provisorios.	2
Presidentes.	30
Presidente interino	1
Vice-Presidentes.	20

Estas administrações foram exercidas por:

Senadores	2
Conselheiros	2
Barão	1
Doutores	5
Desembargadores	7
Juizes de Direito	3
Bachareis	8
Advogados provisionados	2
Ecclesiasticos	2
Tenente-General	1
Marechal de campo	1
Coronel	1
Tenentes-Coroneis	2
Major	1
Capitão	1
Capitão de mar e guerra d'armada	1
Cidadãos	18

Maranhão 24 de Outubro de 1866.

BIOGRAPHIA

DOS BRASILEIROS ILLUSTRES POR ARMAS, LETRAS, VIRTUDES, ETC.

ANTONIO FRANCISCO DUTRA E MELLO

A fouce implacavel da morte tem ceifado das mais formosas flôres do nosso jardim litterario.

Sem dó para o explendor da mocidade, sem respeito ás galas brilhantes dos talentos de tantos jovens ricos de esperanças e de futuro, sem poupar, se quer, a aureola fulgurosa que circumda a fronte do genio, como que se apraz, de leval-os no viçor da primavera, do sol da vida, para a tréva da morte.

Terrivel fatalidade!

Alvares de Azevedo o cantor byroniano, da *Lyra dos vinte annos*, *Junqueira Freire* o poeta monge, que tirou do psalterio os sons merencorios das *Inspirações do claustro*, *Casimiro de Abreu*, o cysne das *Primaveras*, *Castro Alves*, o trovador arrojado que cantou a—*Fatalidade*—que gemeu a seguinte estrophe, cheia de dôr e luto:

« Que resta ao triste sem amor, sem crenças?
« Seguir a sina, se occultar no chão...
« Mas quando estrella! pelo céo voares
« Banha-me a lousa de feral clarão.

Castro Alves e todos esses peregrinos, caminheiros d'esta estrada cruenta de amarguras e dòres, feriram a fronte no espinhal cerrado da noite da vida, e como o creador das *Inspirações Poeticas*, deitaram o corpo exhausto de forças, quebrado de fadiga, inerte, pallido e frio no ultimo palmo do caminho, onde sobre o marco de pedra que aponta o fim da jornada terrena, se ergue a cruz, marco sublime e santo de uma outra vida cheia de paz e de gloria.

Todos esses corações deixaram de bater, todos esses seios deixaram de amar e sentir, todos esses luzeiros da patria extinguiram-se rapidos como o meteóro que passa incendido e instantaneo, deslumbrando os olhos dos que em vão o procuram revêr na immensidade das trevas.

D'elles só ficou a saudade, a memoria, os fructos soberbos que deixaram pendidos da arvore da mocidade, do amor, e da poesia.

Possa a patria conservar os preciosos legados dos seus filhos eleitos; possam essas corôas que deixaram no pó da arena os bravos lutadores, proscriptos da felicidade, não jazerem deslembradas no pó do esquecimento; praza a Deus, que ellas perdurem no santuario das letras, para que os posteros as admirem, elevando-as como um monumento sagrado no mesmo altar onde aquellas nobres victimas se immolaram no raiar da juventude pelo amor da sciencia e da immortalidade.

Da corôa de saudades e goivos, que pende entristecida do florão brilhante da litteratura nacional, destacarei uma flôr, que desbrochou, floriu e feneceu, *precócemente*, narrando no presente serão litterario, n'esta reunião de homens illustres, pelos seus titulos e saber, dos quaes imploro a devida benevolencia, a sua rapida existencia n'este valle tenebroso no qual os prazeres se contam por instantes, e a agonia por seculos.

Quero fallar de *Antonio Francisco Dutra e Mello*, de quem disse o poeta dos *Cantos da solidão* :

« Em manso adejo o cysne peregrino
« Passou roçando as azas pela terra,
« E sonorósos quebros gorgeando
« Despareceu nas nuvens.

(Bernardo Guimarães)

Tal será o assumpto do presente trabalho.

Antonio Francisco Dutra e Mello, filho legitimo de Antonio Francisco Dutra e Mello e de D. Antonia Rosa de Jesus Dutra, nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 8 de Agosto de 1823, em uma casa da rua do Fogo, proxima á ladeira da Conceição: foi ahi, que o poeta fluminense recebeu as primeiras luzes da instrucção, que lhe prestava sua triste mãi, unico amparo que teve no mundo o infeliz caminheiro, pois ainda em verdes annos, a mão inexoravel da morte arrebatou-lhe o mais seguro arrimo—seu pai.

O pobre orphão cresceu entre a honestidade e a pobreza; desde pequeno acostumou-se ao pranto da adversidade, e talvez que as côres negras da desventura, que impedia a felicidade do lar, contribuissem muito para que o desalento e a melancolia invadissem seu espirito e fizessem com que *Dutra e Mello* pensasse na morte quando a aurora da vida lhe esmaltava o rosto juvenil.

O soffrimento do lar é tão profundo! Dóem fundo n'alma, os gemidos dos que soffrem, e pungem em silencio, forçando o riso, para que os estranhos não descubram os mysterios do interior da familia necessitada.

Quantos dramas intimos, de quantas lagrimas de sangue, não é testemunha o topo ao redor do qual se grupa a familia!

Por maior que fossem, porém os obstaculos, *Dutra e Mello* pôde matricular-se no collegio de Instrucção Elementar, e ahi fez o seu curso de estudos elementares, algebra, geometria e trigonometria, geographia e chronologia, grammatica geral, philosophia racional e moral, historia, religião, a lingua franceza, a ingleza e a latina.

Era tal o afan com que o estudante fluminense bebia a seiva da instrucção, que o capitão Januario, director do collegio de Instrucção Elementar, então sito na rua do La-

vradio onde é hoje o collegio de Santa Cruz, distinguia entre todos a este estudante como o primeiro do collegio, facilitando-lhe os meios de completar a sua educação.

Foi assim que *Dutra e Mello* pôde terminar seus estudos no anno de 1840.

Habilitado o illustre fluminense para encetar qualquer curso superior das academias do Imperio, e quando todos conhecendo a intelligencia superior de *Dutra e Mello* esperavam que o distincto estudante se matriculasse no curso medico ou no do direito, sorprehendeu elle todos os seus amigos resolvendo dedicar-se ao magisterio,para o que empregou-se logo no mesmo collegio de Instrucção Elementar onde bebêra a instrucção,

N'esse estabelecimento despertou-se-lhe o gosto pela litteratura; preferiu sacrificar o futuro lisongeiro que o aguardava, coroando todos os seus sacrificios, porque na alma do poeta havia uma impressão profunda, mimosa, irresistivel que o attrahia ao silencio do gabinete, onde devorado pela febre da sciencia, immolava sua vida preciosa empallecendo o rosto pelo excesso do estudo, e inclinando a fronte coroada de flôres da mocidade para os goivos do sepulchro.

Com effeito,emquanto seus irmãos que amavam as bellas artes, reuniam em casa varios amigos da visinhança para passarem a noite em serões musicaes, emquanto disfarçavam o tedio da vida deleitando-se com as harmonias de Donizetti e Bellini, *Dutra e Mello*, curvado sobre a meza, devorava os livros, escrevia, e em longas e profundissimas meditações nem se apercebia, que na ampulheta veloz do tempo, lhe corriam os annos, e se avisinhava a morte. Elle a procurava sem intenção de aniquilar-se, querendo que o espirito subordinasse,dobrasse a materia aos elevados arroubos de suas grandiosas aspirações,e para o conseguir,quando o corpo se prostrava vencido pela fadiga, quando a fronte

pendia chumbada pela mão do somno, o poeta fluminense, fazendo um pequeno esforço preparava café, mandava vir uma bacia com agua experta, e mergulhando n'ella os pés e tomando a excitante bebida, artificiosamente recuperava as forças que a natureza exhausta lhe negava.

Embriagado pelas noções do gosto, do bello, do sublime, mal podendo conter as impressões produzidas pelas soberbas creações dos genios com quem conversava intimamente no silencio das noites, *Datra e Mello* entoxicava a existencia, e flôr que apenas desabrochava com os fulgores da primavera, parecia fanada pender entristecida para as sombras do outono.

N'aquelle coração havia alguma ferida lacerante.

Aquella alma tinha uma agonia, aquelle seio encerrava talvez um volcão, cujo fogo lhe minava a vida. O que era?

Soube-o o tumulo, sabe-o Deus, e o espirito immortal do martyr que n'esta hora adeja purificado pelo chrysol do martyrio, nas alturas incommensuraveis do infinito.

Dutra e Mello amava a solidão. O unico futuro que o lisongeava, não eram as galas brilhantes do poder e do ouro, não eram as grandezas da terra, nem a influencia, nem o mando, nem a primazia; o sonho, a ambição do illustre fluminense, era o silencio do claustro, o isolamento da cela, a estamenha do monge!

Porque no explendor da mocidade o joven fluminense queria encerrar-se entre os muros do convento?

Ninguem o soube.

Dizia elle que uma vocação irrisistivel o impellia para a solidão do claustro: mas os seus escriptos, notavelmente a poesia o *Amor* e o *Hymno á Noite* revelam uma dôr cruciante, um segredo pungente, um desgosto que temperava o fel vasado na taça da amargura até a ultima gota sorvido pelo infeliz moço.

Procurando encher o vacuo que tinha dentro d'alma pelo enriquecimento de instrucção e saber, *Dutra e Mello*, com invejosa força de vontade e raro talento versou em seu estudo privado o grego, o hebraico, o sanscrito, cultivou os principios elementares das sciencias physicas e os da physica celeste, merecendo-lhe a philologia e a religião particular predilecção.

Era notavel a febre, a sede da sciencia que escaldava o cerebro d'aquelle genio privilegiado a quem não foi dado attingir nem meio dia da existencia, chegando em verdes annos a possuir invejavel thesouro de conhecimentos scientificos e litterarios.

Não nos podemos furtar aqui ao prazer de citar alguns trechos mais selectos, de suas excellentes producções impressas na *Minerva Brasiliense*:

« A' Noite : . . . .

« Noite amiga dos homens ! Teus mysterios
« Coração de quem ama não deslembra.
« Podem muitos cantar em lyras d'ouro
« Enlaçadas de brancas sempre-vivas,
« De perolas, não de lagrimas bordadas;
« Correr dedos na lyra olhando uns olhos,
« E ver descer um beijo, e as mãos queimar-lhe.
« Mas eu na harpa de bronze dos finados
« Onde a rôxa perpetua, onde o suspiro
« Abraçando a saudade se entrelaçam,
« D'onde um véo côr da morte á terra desce
« Eu só posso cantar funebres cantos
« Carpidas nenias que o feliz desama.
« Só, no campo, lá quando abrindo as azas
« Tu me acolhes, saudosa, oh ! noite, experto
« Em lembrança do que só tu conheces,
« Que eu guardo, e que uma tumba nos comparte.

Em todo esse hymno « A Noite » semelhante ao hymno a « Tarde » de M. Odorico Mendes, encontrar-se-ha versos repassados do scismar mavioso das almas ternas, e da profunda melancolia do poeta pensador. Em muitas das poesias impressas na referida *Minerva Brasiliense* se distingue o *donaire* rarissimo da individualidade propria. O autor das *Inspirações Poeticas* une á pureza e á elegancia do bom gosto classico, o viço, o frescor, e a novidade do romantismo. Tem a phrase correcta, o estylo vivo e brilhante, a imaginativa vestida de galas, o que dá as suas creações o cunho da grandeza, que só póde produzir o genio.

Não ha n'ellas a enfadonha reproducção do pensamento, o desluzido da imitação, nem a sombra escura do sensaborrão, mesclando o brilhantismo da prosa ou do verso; não se nota o carregado no colorido, o pesado na descriptiva, nem a phrase heteroclita.

Continuemos a citação :

« Hymno á Noite :

« Luminoso esteirão mal deixa ao longe,
« De ouro e purpura acceso o vasto carro
« Em que o dia cercado de seus raios
« Pelo ether passêa :
« E a noite melancolica e sombria
« Colhendo sobre a fronte os soltos cachos
« Dos humidos cabellos,
« Em torno dos hombros ageitando o manto,
« Lança ás redeas mão ; solta a carreira
« Aos seus negros ginetes.
« Emquanto despeitosas murcham, pendem,
« Nas campinas as flôres,
« Emquanto um suspirar surdo e longiquo
« Lamenta a ausencia do explendor do dia.

« Lucidas brilham tremulas estrellas
« De pharóes lhe servindo Ai! como é triste
« A solitaria marcha de amargura
« Que abatida percorre a linda noite!
« Seus negros olhos, e a carroça ebanêa
« Que pelo céo atira
« As suas longas noites tenebrosas
« Olhos desviam que o fulgor da aurora
« Rutilante convida.
« Oh! ninguem busque vê-la! Aves e plantas,
« Homens, tudo a abandona! Ingratos, fogem
« Como ao leito mortal do extincto amigo.
« Tu és oh! dia o predilecto encanto
« Da natureza inteira;
« Todos amam colher as aureas flôres
« Que as rodas do teu carro a terra lançam
« Para o teu rutilar volvem-se os olhos
« E ninguem busca a noite! O somno os prende,
« Emquanto vagaroso vai seu plaustro
« As campinas do céo placido arando.
« Mas tu me és sempre deleitosa e cara,
« Oh! Noite melancolica! a minha alma
« Attractivos em ti descobre anciosa
« Não ama o perylampo a luz do dia
« Nem as aves da morte então soluçam.

Da poezia—*o Amor*—offerecida ao *Sr. Dr. J. Jardim Junior*, citaremos o seguinte. Amor:

« Abre teu coração: que has encontrado
« Que has sentido em ti mesmo tão ditoso
« Que te faça almejar vida de séc'los?
« Em que altar cá da terra com mais gosto

« Firmar o teu thurybulo fizeste?
« Que has tu visto que possa equiparar-se
« Ao volver penetrante e meigo e terno
« D'uns olhos que ennunciam
« Essa phráse que o céo nos patentêa?
« Quando te freme, ah! dize mais ardente
« O coração sensivel
« Do que n'esses momentos
« Em que nevada mão sobre teu peito
« O velóz palpitar brando interroga?
« Em que roliço braço de alabastro
« Sobre os hombros te cahe?
« Quando? ah! dize-me, quando
« Em doce embriaguez, em doce arroubo
« Teus sentidos se perdem, se desvairam
« Mais que n'esses colloquios
« Onde em maga expressão a alma se pinta
« Onde um beijo de fogo devorante
« Scella em faces de nacár um protesto?
« Que lembrança ha mais grata e animadora
« Do que sabermos que por nós existe,
« Inda um ente na terra que nos ama,
« E que vela talvez quando velamos
« E cujo coração por nós palpita
« E cujos pensamentos já são nossos?

Esta poesia em verdade, belleza e sentimento não é inferior ao *Chant d'Amour* do cysne de França.

O elevado engenho do illustre poeta fluminense sobretudo se revela na poesia « O cometa de 1843 » onde a originalidade da idéa e justeza do métro, e a elegancia do verso unida a correção da phráse, estão tão bem combinados

que faz realçar o merito d'essa poesia de que citarei o seguinte. O cometa de 1843.

« Deus os creou no espaço;
« Deve pois ter um fim; nada creado
« Vaga incerto nos ares se librando.
« Oh! Quem diz que não são nuncios do Eterno?
« Oh! Quem diz que um tal astro ser não possa
« O Anjo do systema, que passêa
« Visitando os dominios que dirige?
« Quem diz que não será carcere errante
« Cheio d'almas de réprobos de um mundo,
« Vivo, morto e julgado antes do nosso?
« Ninguem, certo, ninguem. Taes conjecturas
« São como outras quaesquer soltas ao vento.
« Mas para que desgarrar o pensamento
« Nos paramos de duvida? Perplexo
« Para que tactear o vão das trevas
« Apalpando sem nada haver achado?
« N'um deserto perder-se ante a incerteza
« Não sabendo a verdade que nos cumpre?
« Deixemos, pois, vagar na immensidade
« Globos que se revolvem
« Procuremos achar-lhes os caminhos
« E vejamos na pratica os agouros
« Como se cumpriram. Nem mais devemos.
« Ide, pois, astros pallidos gyrando
« Solitarios no ar. O Anjo do Globo
« Acenando com a mão queira arredar-vos.

A *Esperança na Morte, Cantico de um solitario*, é um artigo em prosa impresso na *Minerva Brasiliense*, cujo estylo biblico, cheio de poesia, puncção, e dôr revela quanta

angustia minava aquelle seio, quanta dôr e agonia descalvava aquelle rosto onde as rugas prematuras, fructos das longas insomnias e profundas lucubrações, sombreavam a fronte de um joven de 22 annos.

Ouçamos o poeta, o martyr:

« Eu tinha uma lagrima no fundo do meu coração e guardada estava ella para as minhas ultimas dôres.

« Um golpe sobreveiu horrivel, e ella se escoou como a ultima gota de um vaso fendido.

« Entretanto não me alveja a fronte, e a minha cabeça não pende ainda para a terra e comtudo vejo que hei pouco de vida. »

O poeta continúa assim n'esse estylo merencorio e sublime, revelando que um golpe horrivel fizéra verter a sua derradeira lagrima que elle guardava para as ultimas provações da vida.

O que seria?

Repetirei como em outro lugar d'este trabalho: sabe-o Deus, o tumulo, e a alma bemdita do poeta.

Aos martyres da terra não é dado revelar o porque lhes punge o coração ainda na aurora da existencia, porque o tedio e a descrença lhes invade o espirito no meio dos fulgores da vida, porque o véo da tristeza lhes vela a fronte empallecida, elles o sabem, elles o confessam ao Deus de sua religião, do alto de sua cruz e do seu calvario, e por isso Deus os ouve, terminas-lhes a pena, sellando-lhes o ultimo gemido da dôr nos labios sequiosos e frios, antes que o veneno da culpa os atire perdidos para a eternidade no mais negro dos abysmos.

E' a misericordia de Deus que apressa a hora do repouso para o caminheiro extenuado no perigo de cahir exhausto antes do ultimo marco do caminho.

Por essa razão *Dutra e Mello* acabou o seu artigo da seguinte fórma :

« Volvi os olhos para todas as partes e meus labios provaram de todos os fructos da vida.

« O seu aspecto encantava-me a vista; o seu principio era a doçura e o mel, o seu fim tinha o travar do absynthio.

« E no seio dos meus delirios procurei um prazer estavel e todos se desfaziam como o nevoeiro.

« E o mal bateu-me com suas azas negras e despejou sobre mim a sua taça de amargura.

« E do choque de minhas reflexões desprendeu-se uma idéa de fogo e lançou vasto clarão em minh'alma.

« E o meu espirito ousou perguntar em si mesmo: se a morte era um mal, se a vida era um bem. »

E o poeta termina bemdizendo a Deus e reconhecendo n'elle seu unico bem.

O illustre escriptor compôz tambem o estudo critico sobre a *Moreninha*, romance publicado em 1844 pelo nosso illustre consocio Dr. J. M. de Macedo.

Os homens de letras que lerem esse trabalho se convencerão que elle foi produzido por um adestrado critico conhecedor da litteratura e profundo na arte de escrever e fallar correctamente. A somma de conhecimentos e erudição que esse trabalho offerece seria só por si unico pedestal para o erguimento de qualquer reputação litteraria.

Nos *Cedros do Libano*, o distincto escriptor fluminense mostra o arrojo do seu pensamento, e a força do seu estylo grandioso.

Citaremos o seguinte trecho :

« A mão que extrahira do nada o Universo, e que na phrase dos poetas subjugára as tendencias anarchicas do cháos, que das trevas e da confusão fizéra rebentar a luz e a harmonia, essa mão que acenando apenas, restituiria ao

abysmo a presa que lhe arrancaram, não contente com os mil prodigios que com seus hyerogliphos estampára em toda a parte, e das scenas embriagadoras que nos offerecem a terra e os céos, deixou-nos alguns espectaculos em que seu dedo se manifesta irresistivelmente, em que a intelligencia humana, concentra-se humilhada, ferida pelo assombro ou pelo terror, arrebatada pelo enthusiasmo ou pela gratidão. Ahi recuára confundido o espirito do homem, se em frente á magestade d'essas maravilhas, em que o terrifico e o sublime se confundem, em que a ultima expressão do bello resplandéce, em que o grandioso paira sobre a desordem, se senão sentisse capaz de comprehendel-as, senão de admiral-as. »

Tambem é de *Dutra e Mello* a descripção do *mosteiro de Monserrate* da ordem do patriarcha *S. Bento*, onde o homem estudioso e amigo das excurções archeologicas encontrará um bello documento historico sobre a origem e construcção d'esse mosteiro.

As damas fluminenses foram tambem prendadas pelo eminente poeta, com o seu mui apreciado *Ramalhete Poetico*, no qual cada flôr foi cantada e celebrada com a maestria propria de quem tantas flôres deixou no seu jardim poetico.

Por tanto trabalho, por tão vasta erudição, foi *Dutra e Mello* distinguido com o diploma de socio das seguintes associações litterarias : *Instrucção Elementar*, *Atheneu Fluminense*, *Arcadia Brasileira. Minerva Brasiliense*, *Sociedade Polytechnica de Pariz*, *Auxiliadora da Industria Nacional*, e *Instituto Historico Geographico Brasileiro*, do qual era sem a menor contestação um dos mais brilhantes luzeiros.

Dutra e Mello teve de parar na gloriosa carreira, a mão do Altissimo apontou ao martyr o caminho da verdade, da luz e da gloria, e o proscripto deixando no pó da terra do

captiveiro as sandalias do caminheiro infeliz, alou-se ás regiões ethereas da immortalidade divina.

O seu *consumatum est* foi exalado dos labios consumidos pelo soffrimento na aurora da existencia, com serenidade, uncção, e contricção. Morreu puro, santo e virgem das culpas que denigrem ainda no alvorecer dos annos o predestinado cantor, legou aos seus concidadãos o mais precioso legado que póde deixar o mortal a seus irmãos.

No dia 22 de Fevereiro de 1846 *Antonio Francisco Dutra e Mello*, que contava apenas 22 annos, deixou de existir.

Narrando esse infausto passamento, o orador do Instituto Historico, o Sr. Porto-Alegre, intimo amigo de *Dutra e Mello*, disse :

« A morte d'este joven que em trabalho sorprendente envelheceu aos 22 annos foi uma grande perda para a patria ; sua capacidade assemelhava-se a um vastissimo terreno entrecortado de rios crystallinos e bosques frondosos, circumdado de marmores e baseado em metaes preciosos, e contendo em seu seio, em suas dimensões, em seu clima benefico tudo quanto a imaginação e as sciencias podem calcular para a fundação de um rico emporio, de um centro capaz de permutar com o universo suas riquezas e suas idéas.

« Elle lia Virgilio como um romano; Milton como um filho do Tamisa; Chateaubriand como o espirituoso habitante das margens do Sena. No centro do seu modesto gabinete, nas horas de repouso de um pesado magisterio, conversava com Eschyllo, Herodoto, balbuciava, os threnos epicos de Klopstok, os hymnos de Gœthe abria as suas azas para voar por cima do Libano, com a biblia na mão, com a harmonia do hebraico, para se ir sentar no meio d'essa Asia sanscrita, no centro d'esse Delta talhado pelo

Indo e pelo Ganges, pelas alturas do Hymalaya, pelas ondas do mar Euro e ahi contemplar o berço da humanidade.

« Hoje só temos d'elle os seus primeiros e derradeiros cantos: foi como a cigarra clangorosa que amanheceu em um dia radiante de belleza e que entoou no seu primeiro canto o seu canto de morte.

« As suas poesias parece que elle as escrevêra já sentado no esquife; ellas têm a côr do luto e resumbram o halito da sepultura; ha n'ellas um véo de tristeza, como a mortalha que o vestiu; uma pureza d'alma, um sentimento profundo de sua pouca duração, um desejo constante de desertar do mundo e uma anciedade de fugir da terra para habitar nos céos.

« E o anjo desappareceu; e com elle a sombra de um engenho, as esperanças de um grande varão, de um filho que era o prototypo de todas as virtudes. Este anjo, este anjo nascido na pobreza, educou-se na orphandade.

O que poderei eu accrescentar ás eloquentes palavras d'esse vulto litterario uma de nossas glorias nacionaes ? Terminarei portanto.

Nos manuscriptos deixados por *Dutra e Mello* encontraram-se uma collecção de poesias intituladas *Inspirações Poeticas*, a *Historia critica da lingua latina* e os *Primeiros esboços de uma grammatica geral.*

Onde param esses escriptos? Seriam consumidos no meio da mais condemnavel indifferença pela traça, e pela inercia? Se o foram, tem que lamentar a patria além da morte do illustre varão, mais uma perda irreparavel.

O poeta descança; o lume santo de seus olhos que lhe illuminava a vida, extinguiu-se ao gelado sopro da morte, a luz apagou-se em redor d'elle; a treva cercou-o, o corpo sumiu-se nas entranhas da terra, mas o espirito, esse sopro divino recebido do Eterno, que foi impresso no rosto do

primeiro homem, a alma, o eu, desprendido dos liames da terra, entregando aos vermes a corrupção, adejou liberto pelas campinas azues e deslumbrantes de uma a outra esphera divina e immortal.

Sagremos a sua gloria, a sua immortalidade.

O seu nome indelevelmente escripto nas paginas de ouro onde a patria memora os seus faustos e as suas glorias, permanecerá para sempre.

Antonio Francisco Dutra e Mello viverá emquanto viver o ultimo gigante secular de nossas florestas, e a derradeira cabana do que lavra nossos campos; emquanto a ultima pedra da cidade brasileira não fôr abatida, o *Brasil* celebrará orgulhoso o nome de seu filho benemerito.

E' a suprema conquista do Genio.

Dr. José Tito Nabuco de Araujo.

TYP. DE PINHEIRO & C.ª RUA SETE DE SETEMBRO N.º 159